

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PPGE**

CÉLIA SOUZA DA COSTA

**LOUCEIRAS DO MARUANUM (AMAPÁ): ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A
CONSERVAÇÃO DA TRADIÇÃO DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA**

**CURITIBA
2020**

CÉLIA SOUZA DA COSTA

**LOUCEIRAS DO MARUANUM (AMAPÁ): ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A
CONSERVAÇÃO DA TRADIÇÃO DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE), na linha de pesquisa História e Políticas da Educação da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito total à obtenção do título de doutora em Educação.

Grupo de pesquisa: Diferença, desigualdade e vulnerabilidade social na sociedade contemporânea: deportação e desinstitucionalização do sujeito.

Orientador: Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

C8371
2020
Costa, Célia Souza da
Louceiras do Maruanum (Amapá): estratégia educativa para a conservação da tradição do criar-saber-fazer ceramista / Célia Souza da Costa ; orientador: Lindomar Wessler Boneti. – 2020.
206 f : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020
Bibliografia: f. 177-190

1. Educação ambiental. 2. Ceramista – Amapá. 3. Louça. 4. Patrimônio cultural. 5. Professores. I. Boneti, Lindomar Wessler. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 372.357



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE N.º 147
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE**

Célia Souza da Costa

Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 9h, reuniu-se na Sala de Defesa - 2.º Andar, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti, Prof. Dr. José Mauricio Paiva Andion Arruti, Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira, Prof.ª Dr.ª Romilda Teodora Ens e Prof. Dr. Peri Mesquida, para examinar a Tese da doutoranda **Célia Souza da Costa**, ano de ingresso 2016, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A doutoranda apresentou a tese intitulada "LOUCEIRAS DO MARUANUM (AMAPÁ): ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A CONSERVAÇÃO DA TRADIÇÃO DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA" que, após a defesa foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 13:00h. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A banca considera que o texto apresentado atende as requisitos de uma tese e recomenda a Candidata a fazer as sugestões para o verso final.

Presidente:
Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti _____

Convidado Externo
Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira _____

Convidado Externo:
Prof. Dr. José Mauricio Paiva Andion Arruti _____

Convidado Interno:
Prof. Dr. Peri Mesquida _____

Convidado Interno:
Prof.ª Dr.ª Romilda Teodora Ens _____

Patricia Lupion Torres
Prof.ª Dr.ª Patricia Lupion Torres
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Aos meus pais José e Maria. Às
Louceiras do Maruanum e a todos que
participaram da concretização desse
projeto audacioso.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é pouco para o que sinto. Então, vou manifestar meus votos de gratidão. Gratidão a minha matriz original e a minha centelha divina e a esse ser intangível que chamamos de Deus. Gratidão aos meus familiares, aos meus queridos pais José e Maria de Jesus, aos meus irmãos Suzete, Celso e Suzelton, as minhas sobrinhas Sâmia Vitória e Ana Sofia. Gratidão ao meu companheiro de todas as horas, meu amigo Felipe sua família.

Gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti pela paciência, incentivo e entusiasmo pela minha pesquisa. Gratidão à Profa. Dra. Romilda Ens que me acolheu em seu grupo de pesquisa. Gratidão à Profa. Rosa Lydia Côrrea que emanou as forças mais positivas. Gratidão à CAPES que me concebeu bolsa parcial durante o processo de pesquisa. Gratidão a todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Gratidão ao Professor Abdeljalil Akkari da Universidade de Genebra que gentilmente me indicou textos e livros para auxiliar na pesquisa. Gratidão ao Professor Miguel Carid Naveira da Universidade Federal do Paraná que iluminou os meus caminhos acadêmicos com a disciplina: Leituras Etnográficas. Gratidão à Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, Solange Helena Correa.

Gratidão a família Sgarbe, minha família Paranaense, ao Renato, Janine, Vinícius e João Guilherme. Gratidão aos meus amigos da PUC/PR com quem aprendi, em especial Gisele, Dayane e Jaqueline. Gratidão aos meus amigos do Amapá, Ana Paula, Suzana, Kátia, Juliana Pedro, Anne Geraldi, Elivaldo, Ana Cristina, Prof. Dr. Edinaldo Nunes (Universidade Federal do Amapá), Dona Marciana, as louceiras do Maruanum e todos os integrantes das comunidades de Carmo e Santa Luzia do Maruanum.

Gratidão a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Macapá por conceder autorização para a realização da pesquisa de campo na Escola Vô Lixandre. Gratidão a todos as pessoas que participaram da pesquisa (professoras, gestores culturais e louceiras), ao grupo de Socioambiental do Programa de Pós-Graduação em Direito PUC/PR coordenado pelo prof. Dr. Carlos Marés.

Gratidão ao Professor Laurent Jérôme do Departamento de Ciências da Religião da Universidade de Quebec à Montréal (UQÀM) que me recebeu na universidade por um período de estudos. Gratidão à Maria de Lurdes que me auxiliou

no Canadá, especialmente durante a minha conferência sobre a tradição ceramista das louceiras. Gratidão pelas lindas amizades iniciadas no Canadá, em especial a Redouane, Ernest e Clara que acompanharam nesse processo de finalização da tese. Gratidão as Louceiras do Maruanum, ao universo e a todas pessoas que tive oportunidade de conhecer em Curitiba.

Aprende-se a não ter medo de tudo aquilo que foi inculcado como proibido e inacessível. Aprende-se a decodificar o porquê das restrições e proibições. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das ideias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas. Aprende-se a calar e a se resignar quando a situação é adversa. Aprende-se a criar códigos específicos para solidificar as mensagens e bandeiras de luta [...].

(GOHN,1999, p. 19)

COSTA, Célia Souza da. **Louceiras do Maruanum (Amapá): estratégia educativa para a conservação da tradição do criar-saber-fazer ceramista**. 2020. 206f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2020.

RESUMO

O criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum é uma tradição ceramista repassada de geração para geração que faz parte das comunidades quilombolas de Santa Luzia e Carmo do Maruanum, Distrito do Maruanum, município de Macapá, Estado do Amapá. Alguns estudos já realizados, como é o caso de Coiroló (1991) e Costa (2014), indicam que a tradição das louceiras do Maruanum está em vias de extinção, as crianças e jovens das comunidades não estão aprendendo este ofício ceramista. Assim, elaboração da presente tese teve como problemática central: como as louceiras e professoras do Maruanum, assim como os gestores culturais externos representam a tradição ceramista (louça do Maruanum) e como a estratégia do Círculo de Cultura de Paulo Freire pode contribuir para a conservação da tradição ceramista? O objetivo geral desta tese foi: analisar as possíveis representações das louceiras e professoras do Maruanum e também dos gestores culturais externos sobre a tradição ceramista (louças do Maruanum). A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, do tipo etnográfico, exploratório, descritivo e com observação participante. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, formulário e entrevistas abertas. Participaram deste estudo 13 louceiras, 07 professoras e 04 gestores culturais. As respostas atribuídas pelos participantes da pesquisa foram sistematizadas no *software Cmap Tools* que geraram mapas conceituais analisados a partir do aporte teórico das Representações Sociais e análise de conteúdo de Bardin (2016). Autores como: Arruti (2006,2005,2003); Freire (2013,2016,2017,2018); Boneti (2011,2018); Gohn (2006, 2016); Loureiro (2012,2014); Maturana (2018); Scifoni (2015,2017); Florêncio (2014,2015) compõem o *corpus* teórico da tese. O estudo concluiu que as representações das louceiras e professoras do Maruanum e ainda dos gestores culturais externos são diferenciadas. e que essas possíveis representações são importantes porque servem como parâmetro para a elaboração de políticas públicas e intervenções educativas. Para as louceiras a tradição ceramista tem sentido identitário, comunitário e de laços de parentesco; as professoras veem a louça do Maruanum como uma tradição e cultura que faz parte da comunidade e precisa ser abordada em sala de aula; os gestores culturais acreditam que o ofício ceramista é único, uma cultura de resistência que necessita de preservação. As observações e entrevistas apontaram que não existem ações educativas consolidadas de educação ambiental patrimonial no Maruanum. A partir dos dados apresentados pela análise das representações sociais, a tese apresentou uma estratégia educativa baseada no Círculo de Cultura de Paulo Freire; propôs o uso acadêmico do termo criar-saber-fazer; e a inclusão da educação patrimonial como parte da educação ambiental que originou o termo Educação Ambiental Patrimonial (EAP).

Palavras-chave: Louceiras do Maruanum. Educação Ambiental Patrimonial. Patrimônio cultural. Saberes do mundo da vida.

COSTA, Célia Souza da. **Maruanum dishes (Amapá): educational strategy for the conservation of the ceramicist create-know-how tradition**. 2020. 206f. Thesis (Doctorate in Education) - Pontifical Catholic University of Paraná. Curitiba, 2020.

ABSTRACT

The creation-know-how of Maruanum pottery is a ceramic tradition passed down from generation to generation that is part of the quilombola communities of Santa Luzia and Carmo do Maruanum, Maruanum District, Macapá municipality, State of Amapá. Some studies already carried out, as is the case of Coirolo (1991) and Costa (2014), indicate that the tradition of Maruanum pottery is on the brink of extinction, children and young people in the communities are not learning this pottery craft. Thus, the elaboration of this thesis had as its central problem: how the pottery and teachers of Maruanum, as well as external cultural managers represent the ceramic tradition (pottery from Maruanum) and how the strategy of the Paulo Freire Culture Circle can contribute to conservation of the ceramic tradition? The general objective of this thesis was: to analyze the possible representations of the pottery and teachers of Maruanum and also of the external cultural managers about the ceramic tradition (pottery of Maruanum). The methodology used was a qualitative, ethnographic, exploratory, descriptive approach with participant observation. Data collection was carried out using questionnaires, forms and open interviews. Thirteen china makers, 07 teachers and 04 cultural managers participated in this study. The answers attributed by the research participants were systematized in the Cmap Tools software, which generated concept maps analyzed from the theoretical contribution of Social Representations and content analysis by Bardin (2016). Authors such as: Arruti (2006,2005,2003); Freire (2013,2016,2017,2018); Boneti (2011,2018); Gohn (2006, 2016); Loureiro (2012,2014); Maturana (2018); Scifoni (2015,2017); Florêncio (2014,2015) make up the theoretical corpus of the thesis. The study concluded that the representations of Maruanum pottery and teachers and also of external cultural managers are differentiated. and that these possible representations are important because they serve as a parameter for the elaboration of public policies and educational interventions. For the chinaware, the ceramic tradition has an identity, community and kinship sense; the teachers see Maruanum dishes as a tradition and culture that is part of the community and needs to be addressed in the classroom; cultural managers believe that the ceramics profession is unique, a culture of resistance that needs preservation. Observations and interviews pointed out that there are no consolidated educational environmental heritage education actions in Maruanum. From the data presented by the analysis of social representations, the thesis presented an educational strategy based on the Paulo Freire Culture Circle; proposed the academic use of the term create-know-how; and the inclusion of patrimonial education as part of the environmental education that originated the term Patrimonial Environmental Education (EAP).

Key-words: Maruanum pottery. Patrimonial Environmental Education. Cultural heritage. Knowledge from the world of life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Momentos da Pesquisa	48
Figura 2- Localização do campo de pesquisa	49
Figura 3- Etapas da produção de dados.....	63
Figura 4 - As esferas de pertença das representações sociais	106
Figura 5 - Pontos das louceiras do Maruanum.....	137
Figura 6 - Passos da organização do <i>corpus</i>	149
Figura 7 - Evocação livre de palavras (ordem de importância) Louceiras.....	152
Figura 8 - Categorização de núcleos de sentido para as louceiras.....	153
Figura 9 - Inferências das categorias temas de sentido: MÃE, FOGÃO, LEMBRANÇA e BARRO	155
Figura 10 - Evocação livre de palavras (ordem de importância) Professoras.....	156
Figura 11 - Categorização de núcleos de sentido para as professoras.....	157
Figura 12 - Inferências das categorias temas de sentido: TRADIÇÃO e CULTURA.	158
Figura 13 - Evocação livre de palavras (ordem de importância) Gestores.....	159
Figura 14 - Categorização de núcleos de sentido para os gestores.....	160
Figura 15 - Inferências das categorias temas de sentido: ÚNICO e RESISTÊNCIA..	161
Figura 16 - Jarro, produto do trabalho do homem sobre a matéria da natureza.....	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Síntese das teses e dissertações.....	24
Quadro 2 - Produções aderentes ao termo criar-saber-fazer.....	110
Quadro 3 - Falas das professoras sobre a temática Patrimônio Cultural.....	164

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1- Rio Maruanum (Comunidade do Carmo do Maruanum)	16
Foto 2- Louceira Castorina na sua oficina ou casa de barro.	23
Foto 3 - Nos caminhos do rio do Maruanum	37
Foto 4 - Diário de campo da pesquisa.....	44
Foto 5 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Vô Lixandre	51
Foto 6 - Estrada da rodovia BR 156 (à esquerda) e caminho do rio (à direita)	54
Foto 7- No momento do preenchimento do formulário e em entrevista aberta com as louceiras	55
Foto 8- Dona Marciana na varanda da casa	56
Foto 9- Casa de farinha	57
Foto10- Na canoa rumo ao barreiro.....	58
Foto 11- No barreiro para acompanhar a extração da argila	58
Foto 12- Ajudando a tampar o buraco com terra e argila.....	59
Foto 13-. Louceiras voltando de canoa.....	60
Foto 14- Louceira Dona Irene e a Louceira Castorina.....	61
Foto 15- Centro de comercialização e exposição de produtos artesanais e Igreja de Santa Luzia do Maruanum	62
Foto 16- Órgão federal ligado a cultura e Órgão estadual ligado a cultura	63
Foto 17- Exposição aberta das louças do Maruanum no IMPROIR.....	65
Foto 18- Procissão em homenagem a Santa Luzia- Maruanum	88
Foto 19- Cerâmica do Maruanum secando na casa da louceira	119
Foto 20- Retirada de galhos de árvore e preparo dos galhos pontiagudos	126
Foto 21- Carmo, filho da Dona Marciana abrindo o buraco	127
Foto 22- Escavação do buraco	127
Foto 23- Dona Marciana testando a consistência do barro	128
Foto 24- Árvore da Sororoca	129
Foto 25- Divisão das bolas de argila	129
Fotos 26- Oferendas à Mãe do Barro.....	130
Fotos 27- Oferendas à Mãe do Barro dentro do buraco, fonte de argila	131
Foto 28- Fechamento do buraco	132
Foto 29- Transporte das bolas de argila	133

Foto 30- Casca de cariapé e cinzas do cariapé	134
Foto 31-Dona Carmosina mostra como é o processo de tessitura da louça em roletes.....	135
Foto 32- Louceira Dona Irene na oficina de barro	136
Foto 33- Louça com o ponto da Dona Carmosina	137
Foto 34- Louça sendo polida com pedra de seixo	138
Foto 35- Momento da queima das louças do Maruanum	139
Foto 36- Processo da queima das louças do Maruanum	140
Foto 37- Processo de impermeabilização das peças	141
Foto 38- Cerâmica das Louceiras do Maruanum	142
Foto 39- Patrimônio cultural do Distrito do Maruanum	144
Foto 40- Grupo de Marabaixo de Santa Luzia do Maruanum no Encontro dos Tambores	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
ALOMA	Associação das Louceiras do Maruanum
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDUC	Centro de Educação Patrimonial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Conselho Nacional de Saúde
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural.
EA	Educação Ambiental
EAP	Educação Ambiental Patrimonial
EP	Educação Patrimonial
EPA	Educação Patrimonial Ambiental
Ed.	Edição
f.	Folha
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUMCULT	Fundação Municipal da Cultura
ISP	Instituto de Sociologia e Política
IMPROIR	Instituto Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAST/MCT	Museu de Astronomia e Ciências Afins
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
MEC	Ministério da Educação
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPGMDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
PPGDAPP	Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RBCNI	Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SALSA	Society for the Anthropology of Lowland South Amer
SEB	Secretaria de Educação Básica
SIMEC	Sistema Integrado de Monitoramento do Ministério da Educação
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A ARTE DA PESQUISA: ENFOQUES MÚLTIPLOS SOBRE AS LOUCEIRAS DO MARUANUM	24
2.1 NASCE UM NOVO ENFOQUE DE PESQUISA SOBRE AS LOUCEIRAS DO MARUANUM	34
3 CAMINHO DO RIO E O TECER DA LOUÇA: ASPECTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 NAVEGAR NA PESQUISA: UMA CANOA NESTE RIO	38
3.2 CAMPO DE PESQUISA: UMA REALIDADE A SE DESCOBRIR	49
3.3 GERAÇÃO DE DADOS DO MUNDO DA VIDA	50
4 A DIMENSÃO CONCEITUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL EM CONVERGÊNCIA COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PATRIMONIAL	66
4.1 PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL: CONCEITOS INTERLIGADOS	67
4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PATRIMONIAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO	74
4.2.1 A educação patrimonial e a convergência com a educação formal, informal e não formal	79
4.2.2 Educação Ambiental Patrimonial: vertente da Educação Ambiental	83
5 O PATRIMÔNIO CULTURAL: CULTURA, MEMÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CRIAR-SABER-FAZER	89
5.1 O DIÁLOGO ENTRE CULTURA, MEMÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	90
5.2 ANTES DE SABER-FAZER TEM QUE CRIAR: O CONCEITO DE CRIAR-SABER-FAZER	109
6 LOUCEIRAS DO MARUANUM: A TRADIÇÃO CERAMISTA DO CRIAR-SABER-FAZER	120
6.1 ALIANÇA ENTRE AMERÍNDIOS E NEGROS: O NASCIMENTO DA TRADIÇÃO CERAMISTA	121
6.2 TECENDO A LOUÇA DO MARUANUM: RITUAIS E CRENÇAS	125
6.3 O PATRIMÔNIO CULTURAL DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA COMO INSTRUMENTO DE RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO REMANESCENTE DE QUILOMBO.....	143

7 PESQUISA DE CAMPO: ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS	148
7.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: METODOLOGIA APLICADA	148
7.2 AS VOZES DOS ENTREVISTADOS: PONTOS DE VISTA.....	151
7.3 AS VOZES DAS LOUCEIRAS	152
7.4 AS VOZES DAS PROFESSORAS	156
7.5 AS VOZES DOS GESTORES CULTURAIS EXTERNOS (IPHAN/AP; SECULT; FUMCULT; IMPROIR)	159
7.6 ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA TRADIÇÃO CERAMISTA DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM: O CÍRCULO DE CULTURA DE PAULO FREIRE	163
7.6.1 Círculo de cultura: estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum	165
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AOS PROFESSORES	191
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL APLICADO AOS PROFESSORES	193
APÊNDICE C - FORMULÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AS CERAMISTAS DO MARUANUM .	194
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AOS GESTORES DA CULTURA	197
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	199
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	202
ANEXO C - AUTORIZAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAPÁ (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO) PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO)	206

O retirante chega à Zona da Mata, que o faz pensar, outra vez, em interromper a viagem

João Cabral de Mello Neto

Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quando mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?

Foto 1- Rio Maruanum (Comunidade do Carmo do Maruanum)



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em patrimônio cultural seja material ou imaterial. Na Amazônia, o patrimônio cultural é formado por bens culturais que estão interligados com questões ontológicas, rituais, tradições e com crenças em seres não humanos como regentes da natureza, já que os povos tradicionais da Amazônia inatamente dialogam com meio ambiente, há o sentimento de dependência destes povos com a “mãe terra”.

No Distrito do Maruanum formado por dezesseis comunidades, dentre elas Carmo e Santa Luzia do Maruanum também são permeadas por crenças e tradições que fazem parte do mundo da vida. Intuir, observar e conviver com estas comunidades foi fundamental para constatar o quanto os seres não humanos influenciam na dinâmica social dos povos tradicionais. Desde a primeira vez que tive contato com estas duas comunidades em 2012, a inserção no campo de pesquisa ampliou meu olhar a respeito do modo de vida destas comunidades, pois a racionalidade delas é bem distinta da racionalidade moderna, é formada por outros saberes, que Boaventura dos Santos (2009) chama de ecologia de saberes e aprofunda na crítica a razão indolente.

Essa pesquisa é uma continuidade da pesquisa de mestrado iniciada em 2012. Desde 2012 estive no campo, o que permitiu o estabelecimento de uma relação amistosa com os moradores, louceiras e professoras das comunidades do Maruanum. Para a pesquisa do doutorado, as visitas em campo se tornaram frequentes de junho a outubro de 2018. Nos meses de junho a setembro de 2018 ficaram restritas as observações do cotidiano comunitário e no preparo para a etapa do “corpo a corpo” com os participantes da pesquisa, inclusive esse foi o momento da testagem dos questionários. O momento preponderante da pesquisa se deu em outubro de 2018 com a realização de entrevistas abertas, aplicação de questionários, observação participante na retirada do barro.

Foi essa trajetória no campo que possibilitou o uso da pesquisa etnográfica, processual, vivencial que nessa investigação doutoral esteve direcionada à educação ambiental patrimonial voltada para o patrimônio cultural da tradição ceramista das Louceiras do Maruanum. Além da tradição ceramista compõem o rol de bens culturais

do Distrito do Maruanum a tradição do Marabaixo¹, da cestaria, das festas religiosas e da produção de farinha.

A imersão em campo nestas duas comunidades do Maruanum desde 2012 foi essencial para os rumos da pesquisa, cada conversa, observação, leitura, publicação em anais de eventos, revistas e apresentações orais aprofundou a necessidade de concentrar os estudos na área da educação patrimonial, que nessa tese foi tratada como educação ambiental patrimonial (EAP). Por outro lado, também o termo saber-fazer foi substituído por criar-saber-fazer, na qual se reconheceu processos de cognitivos e criativos como formadores de saberes tradicionais, como é o caso do saber ceramista. Porém, a minha inquietação ultrapassava as questões terminológicas de educação patrimonial e de saber-fazer, a preocupação central estava em possibilitar as comunidades uma estratégia educativa capaz de transitar no âmbito formal, informal e não formal direcionada a conservação do patrimônio cultural ceramista, ênfase “conservação”, pois a cultura é dinâmica e não tem uma natureza intocada, por isso não utilizo “preservação” que alude a algo intocado, estático .

Então, diante da eminente ameaça de extinção da prática ceramista das louceiras do Maruanum apontada por Coirolo (1991) e reconfirmada pela minha pesquisa de mestrado defendida em 2014 (*Patrimônio Cultural do Estado do Amapá: o caso das Louceiras do Maruanum em observância ao Princípio da Equidade Intergeracional*). A presente tese teve como foco a seguinte problemática: Qual a provável representação das louceiras e professoras do Maruanum, assim como gestores culturais externos têm acerca da tradição ceramista (louça de Maruanum) e como a estratégia do Círculo de Cultura de Paulo Freire pode contribuir para a conservação desta tradição? Neste sentido, o estudo tem como objetivo geral: Analisar as possíveis representações das louceiras e professoras do Maruanum e também dos gestores culturais externos sobre a tradição ceramista (louças do Maruanum). Já os objetivos específicos são: descrever sobre o patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá); verificar a existência de ações educativas formais, informais e não formais de educação ambiental patrimonial para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá); contribuir para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).

¹ Dança de influência africana típica do Estado do Amapá que em 2018 foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A tese defendida é que as possíveis representações das louceiras e professoras do Maruanum e ainda dos gestores culturais externos são diferenciadas e que essas possíveis representações são importantes porque servem como parâmetro para a elaboração de políticas públicas e intervenções educativas. Para as louceiras, a tradição tem sentido identitário, comunitário e de laços de parentesco; as professoras veem a louça do Maruanum como uma tradição e cultura que faz parte da comunidade e precisa ser abordada em sala de aula; os gestores culturais externos acreditam que o ofício ceramista é único, uma cultura de resistência que necessita de preservação. As observações e entrevistas apontaram que não existem ações educativas consolidadas de educação ambiental patrimonial no Maruanum. A partir dos dados apresentados na análise das possíveis representações sociais, a tese apresentou como estratégia educativa o Círculo de Cultura de Paulo Freire; propôs o uso acadêmico do termo criar-saber-fazer; e a inclusão da educação patrimonial como parte da educação ambiental que originou o termo Educação Ambiental Patrimonial.

Como um saber do mundo da vida, o ofício das louceiras do Maruanum é uma herança dos antepassados, a técnica de fabricação de louças de barro obedece a rituais e a uma lógica cultural. A comunidade do Maruanum cultua mitos ligados à natureza que influenciam no cotidiano da comunidade “[...] nos encantados, presentes nas lendas e nos mitos, das tradições culturais locais, do capital simbólico, do universo cultural, do criar, dos saberes, dos fazeres e tradições [...]” (COSTA; LIMA; CUSTÓDIO; 2016, p. 201). Todo o processo de produção das louças é manual, um saber repassado ao longo do tempo, um criar-saber-fazer a ser reconhecido como patrimônio cultural material e imaterial do Amapá.

Na tradição ceramista, as louceiras são envolvidas em todo processo cultural, são as protagonistas e por este motivo precisam ser reconhecidas e respeitadas não somente pela atividade que exercem, mas pelo significado social, cultural e espiritual que carregam em suas vidas, uma construção contínua manifestada de geração para geração, seja através das percepções individuais ou coletivas que tem como consequência a criação das louças de barro, na qual cada peça agrega um significado único.

Apesar das árvores genealógicas de Coirolo (1991) e as árvores materológicas² de Costa (2014) apontarem que com um tempo a tradição ceramista será extinta, já que os jovens da comunidade não se interessam em manter a tradição cerâmica. As comunidades do Maruanum conseguiram até hoje por meio das louceiras conservar a cultura da fabricação de louças de barro, tanto que está atividade sobrevive marcada por crenças e superstições específicas que devem ser resguardadas e conhecidas no âmbito educacional e comunitário. Para que não ocorra à extinção deste criar-saber-fazer é fundamental a intervenção por meio de ações educativas formais, informais e não formais.

Nas comunidades de Carmo e Santa Luzia do Maruanum, uma das principais atividades econômicas é a produção de louças de barro confeccionadas artesanalmente a partir da argila. O trabalho laboral além de ser uma atribuição exclusiva das mulheres, é fortemente impregnada pelo valor simbólico: observa-se que em todas as etapas, desde a escolha da área de extração da argila até a finalização do utensílio são marcadas por rituais. Assim, uma nova interpretação de mundo e uma linguagem própria é construída pelo grupo, são discursos, significações, ações e terminologias como “Mãe do barro”³, “barreiro”⁴ e “veia do barro”⁵. A técnica do criar-saber-fazer das louças obedece a uma lógica tradicional, pautada num respeito aos campos alagados onde se acredita habitar a Mãe do barro.

Quanto ao aporte teórico, a pesquisa utilizou autores da Cultura, do Patrimônio Cultural, da Sociologia, Antropologia, Educação, Educação ambiental, Representações sociais, Imaginário social, Memória, Arqueologia e outros. A pesquisa passou por três etapas: Etapa 1 (levantamento bibliográfico; elaboração dos instrumentos de pesquisa); Etapa 2 (apreciação do projeto de pesquisa pelo comitê de ética em Pesquisa (CEP/PUCPR); organização da pesquisa de campo); Etapa 3 (coleta de dados no campo; análise da coleta de dados em consonância com os objetivos da pesquisa).

A pesquisa adotou a metodologia de abordagem qualitativa, trata-se de um estudo de caso, do tipo etnográfico. A técnica de coleta de dados se valeu da

² Em minha pesquisa de mestrado (Costa (2014)) elaborei árvores genealógicas somente das mulheres, das mães louceiras, nomeada como árvores materológicas. Pois, o ofício de louceira pertence somente ao gênero feminino.

³ Ser mítico cultuado pelas louceiras do Maruanum, que vive na área de onde se extrai a argila para a produção da cerâmica utilitária.

⁴ Terreno de onde se extrai a argila.

⁵ Local onde há barro em abundância ideal para fazer louças.

observação participante, questionários, formulário, entrevistas abertas, pesquisa referencial. A análise dos dados coletados na pesquisa de campo está embasada na análise de conteúdo de Bardin (2016). A área pesquisada foram duas comunidades, Santa Luzia e Carmo do Maruanum. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (PUC/PR) sob o parecer n.2.534.617, CAAE 80950717.2.0000.0020 no dia 09 de março de 2018, no qual consta os riscos e benefícios voltados aos participantes da pesquisa juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (documento completo anexo).

Este estudo é composto por sete capítulos. O primeiro é a introdução, o segundo trata sobre A arte da pesquisa: enfoques múltiplos sobre as Louceiras do Maruanum, em que se apresenta um panorama sobre as pesquisas já realizadas acerca das ceramistas do Maruanum conforme a Plataforma Sucupira que hospeda o repositório de teses e dissertações da CAPES. Este capítulo apresenta o detalhamento de seis pesquisas tendo como suporte a matriz paradigmática de Sánchez Gamboa (2012) sendo uma tese e cinco dissertações. Mediante, a constatação de que nenhum trabalho tratou sobre a educação ambiental patrimonial nasce um novo enfoque de pesquisa que se concretiza com esta tese.

O terceiro capítulo é o Caminho do rio e o tecer da louça: aspectos metodológicos, disserta sobre a estrutura da pesquisa quanto o aspecto metodológico embasada na abordagem qualitativa, sendo um estudo de caso do tipo etnográfico, com a utilização de técnicas de coleta de dados (observação participante, questionários, formulários, entrevistas abertas, pesquisa referencial) e com o uso da análise de conteúdo de Bardin (2016).

O quarto capítulo enfoca A dimensão conceitual do patrimônio cultural material e imaterial em convergência com a educação ambiental patrimonial, no qual a educação ambiental patrimonial é vista como uma vertente da educação ambiental.

O quinto capítulo traz a discussão sobre O patrimônio cultural: cultura, memória, imaginário social, representações sociais e o criar-saber-fazer. O sexto capítulo se refere as Louceiras do Maruanum: a tradição ceramista do criar-saber-fazer, com a descrição de todos os processos para a fabricação da louça de barro, assim como os rituais que acompanham a tradição baseado em Coirolo (1991), Guimarães e Santana (1989), Costa (2012), Costa (2014), Costa, Lima e Custódio (2016), Costa (2017), Costa e Custódio (2017).

O sétimo capítulo diz respeito a Interpretação da pesquisa de campo: análise

dos dados coletados, sob influência das Representações Sociais, com o uso de categorias a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016) e ainda se discute sobre o Círculo de Cultura como estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural da tradição ceramista das Louceiras do Maruanum e por fim, as considerações finais.

Arteiro-artista-artesão

Josivaldo Barroso

Todos nós, durante a vida
Já fomos arteiros, artistas ou artesão
Vivemos sempre fazendo arte
Quer na prática ou na imaginação.
Quando criança, fomos arteiros
Fazendo arte até por pirraça
Mas às vezes só de brincadeira
Ou até mesmo pra fazer graça.
Artesão somos sem perceber
Arrumar um jarro, coisa natural
Confeitar um bolo, enfeitar a casa,
Fazer coisas de madeira, isca artificial.
Ser artista, embora pareça difícil
E que só exista na televisão
Mas pra levar a vida hoje em dia
Somos todos artistas de primeira mão
E então pra todos nós
Artista, artesão ou arteiro
Façamos com arte o que sabemos
E com alegria, o ano inteiro.

Foto 2- Louceira Castorina na sua oficina ou casa de barro.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

2 A ARTE DA PESQUISA: ENFOQUES MÚLTIPLOS SOBRE AS LOUCEIRAS DO MARUANUM

Esse capítulo trata sobre um estudo da arte a respeito da temática Louceiras do Maruanum. Pesquisar sobre as louceiras do Maruanum é antes de tudo mergulhar em um imenso rio em que poucos mergulharam. Aqueles que decidiram explorar este tema de pesquisa foram atraídos pelo modo de vida das comunidades do Distrito do Maruanum, onde habitam as louceiras, detentoras de uma tradição secular, do criar-saber-fazer⁶ da cerâmica de barro. Com o intuito de verificar quais foram os enfoques escolhidos para abordar a temática Louceiras do Maruanum se utilizou como suporte a Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que hospeda um catálogo de teses e dissertações já concluídas, com o descritor “LOUCEIRAS DO MARUANUM”.

Para guiar os passos deste processo exploratório das teses e dissertações foi utilizada como parâmetro a matriz paradigmática de Sánchez Gamboa (2012), um instrumento de análise da produção científica já produzida em determinada área. Apesar de estar amparada em Sánchez Gamboa, não foram incluídas na análise das teses e dissertações todas as exigências paradigmáticas como: título do trabalho; uma breve apresentação do currículo do autor e de seu orientador, quais as palavras-chave da pesquisa; o nível técnico; o nível metodológico; o nível teórico; o nível epistemológico; os pressupostos gnosiológicos e os pressupostos ontológicos.

Essa decisão foi tomada para evitar uma leitura enfadonha e demais informações que pouco contribuíram para essa pesquisa. Assim, foi construído um quadro com todas as produções encontradas sobre o tema (Quadro 1), porém nem todas as pesquisas foram aprofundadas neste capítulo, somente aquelas que mais dialogaram com essa tese.

Quadro 1- Síntese das teses e dissertações

Ano	Título Palavras-chave	Autor	Instituição/PPG/ Mestrado ou Doutorado
2003	<i>Artesãs e Louceiras: A Forma e a Vida sob a ótica da Etnomatemática</i> Palavras-chave: Educação, educação matemática, etnomatemática.	José Ricardo e Souza Mafra	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ Programa de Pós-Graduação em Educação/ Mestrado

⁶ Termo criado e utilizado por Costa (2014).

2006	<i>Espaços Transversais em Educação Matemática: uma contribuição para a formação de professores na perspectiva etnomatemática</i> Palavras-chave: Educação, Educação Matemática, Educação Etnomatemática, Saberes Tradicionais, Cerâmica Maruanum.	José Ricardo e Souza Mafra	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ Programa de Pós-Graduação em Educação/ Doutorado
2011	<i>“Tudo é remédio: estudo de práticas curativas em Maruanum-AP”</i> Palavras-chave: Práticas curativas, Saber tradicional, Comunidades afrodescendentes, Amazônia.	Giuliana Cristina César Henriques	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)/ Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical /Mestrado
2012	<i>O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da Louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural.</i> Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Produção artesanal – Amapá; Economia da Cultura; Brasil – Cultura.	Juliana Morilhas Silvani	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/ Mestrado Profissional do IPHAN/ Mestrado
2014	<i>Patrimônio Cultural do Estado do Amapá: o caso das Louceiras do Maruanum em observância ao Princípio da Equidade Intergeracional</i> Palavras-chave: Louceiras do Maruanum. Patrimônio cultural. Políticas Públicas. Princípio da equidade intergeracional.	Célia Souza da Costa	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)/ Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas /Mestrado
2016	<i>“Desde que me entendi”. Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP</i> Palavras-chave: Arqueologia do Presente, Cerâmica, Quilombola, Amapá, Amazônia.	Fabício Costa Ferreira	Universidade Federal do Pará (UFPA)/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Pará/ Mestrado
2018	<i>Fazendo louças e tecendo a presença da mulher: traços de resistência negra na região do Maruanum/AP</i> Palavras-chave: identidade, mulheres, saberes e resistência negra.	Tayra Fonseca Rezende	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)/ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/ Mestrado

Fonte: Costa, 2019.

A primeira dissertação encontrada foi de autoria de José Ricardo e Souza Mafra. O trabalho tem como título: *Artesãs e Louceiras: A Forma e a Vida sob a ótica da Etnomatemática* orientado pelo Prof. Dr. John Andrew Fossa. A pesquisa está atrelada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

No que concerne, ao nível técnico, a pesquisa de Mafra (2003, p.29) assegurou que a pesquisa necessitou se apoiar em fontes que tratassem de aspectos cognitivos

e antropológicos, assim como a observação das técnicas utilizadas pelas ceramistas. Durante a pesquisa, Mafra observou e entrevistou 13 louceiras da comunidade do Maruanum (Macapá/Amapá). As técnicas de coleta de pesquisa foram construídas no decorrer do processo de pesquisa, por se tratar de um estudo etnográfico. O objetivo geral da pesquisa foi: “Descrever e analisar o processo de construção e geração de conhecimento etnomatemático em um grupo de louceiras e artesãs, através das suas atividades de produção da cerâmica”. Como técnica de coleta de dados, o pesquisador utilizou entrevistas, conversas informais e observação *in loco*. O enfoque metodológico utilizada, Mafra (2003, p.38) optou pela observação de campo e descrição etnográfica, portanto se trata de uma pesquisa de caráter qualitativa.

A respeito do nível metodológico, Mafra (2003) diz que a etnomatemática tem como essência abstrair questões do mundo vivido, da própria realidade para que estes aspectos sejam transpostos para o espaço pedagógico. A etnomatemática agrega questões culturais, portanto de saberes oriundos da realidade. Neste sentido, há a consideração de contexto do objeto e dos sujeitos envolvidos. Mafra (2003) se concentrou em compreender quais as ações advindas do meio cerâmico e cultural que poderiam colaborar para novas formas de aprender matemática.

Quanto ao nível epistemológico, a pesquisa tem como causalidade a busca pela identificação de aspectos etnomatemáticos no contexto pesquisado, considerando a possível não existência destes elementos. Caso sejam identificados estes elementos, há a necessidades de descrição e análise de como esse conhecimento etnográfico ocorre junto ao processo da elaboração da cerâmica. Assim, a pesquisa contribuiu com estudos acerca da teoria da cognição no âmbito observacional, onde o manejo ceramista é capaz de gerar múltiplas representações.

Em relação aos pressupostos gnosiológicos, Mafra (2003) relaciona a técnica ceramista ao contexto envolvido com a etnomatemática. Esta maneira de relacionar os sujeitos e o objeto representam novas possibilidades de aprendizagem considerando a realidade vivida. Pois, Mafra (2003) atribui a prática ceramista como uma forma diferente de compreender a matemática, e se a prática das louceiras assume representações simbólicas diversas, há a necessidade de se questionar se a matemática realmente é uma ciência dura, totalmente exata. Já que a matemática pensada em um contexto toma outras dimensões.

Por fim, Mafra (2003) apontou como resultados obtidos pela pesquisa que as louceiras possuem grande nível de interação com o contexto e uma linguagem própria;

além disso, o ofício ceramista proporciona as louceiras a compreensão de padrões matemáticos de medida, proporcionalidade, equivalências e comparações; há uma grande influência de crenças e mitos que envolvem as etapas de produção da louça; existe a interligação entre saberes tradicionais e saberes formais no ofício ceramista que possibilitam olhares sociológicos, antropológicos e técnicos.

Em relação a essa primeira pesquisa, duas questões dialogaram com a tese. A primeira é o aspecto cognitivo e a segunda o antropológico e o estudo etnográfico. Quanto ao cognitivo, Mafra (2003) se debruçou a compreender como o contexto tradicional pode agregar na aprendizagem matemática e já nesta tese também trato do cognitivo como potência para a criatividade, no âmbito antropológico, ele apresenta dados do campo e do grupo pesquisado, critério também eleito na tese como fundamental.

A segunda pesquisa encontrada é uma tese intitulada: *Espaços Transversais em Educação Matemática: uma contribuição para a formação de professores na perspectiva etnomatemática* de autoria de Mafra concluída em 2006 e orientada pelo Prof. Dr. John Andrew Fossa. A referida pesquisa pertence ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de uma continuação da pesquisa de mestrado de Mafra (*Artesãos e Louceiras: A Forma e a Vida sob a ótica da Etnomatemática*) defendida em 2003.

Em relação ao nível técnico, a pesquisa de Mafra (2006) diz que a tese se apoiou na perspectiva sociocultural da matemática e na concepção de etnomatemática que envolve saberes tradicionais. O objetivo geral foi: estabelecer uma proposta pedagógica pautada em saberes tradicionalmente identificados e culturalmente construídos na prática ceramista desenvolvida pelas louceiras da comunidade do Maruanum (AP). O pesquisador adotou um estudo empírico, com a utilização de técnicas etnográficas com observação direta e participante, diário de campo e depoimentos pessoais. Sendo que o estudo empírico contemplou o planejamento e aplicabilidade de atividades com a presença de professores nas devidas turmas de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental.

No que tange ao nível metodológico, Mafra (2006) se dedicou a oferecer uma proposta de trabalho na área da matemática que integre o saber local com o intuito de gerar reflexões acerca das problemáticas locais. Se trata de uma proposta de trabalho pedagógico que contempla os saberes locais em consonância com os conteúdos exigidos dos currículos oficiais obrigatórios e que caracterizam o ensino formal.

Em se tratando dos pressupostos gnosiológicos, para Mafra (2006), a concepção de conhecimento etnomatemático é o resultado de uma manifestação natural que ocorre em qualquer contexto, pois este conhecimento depende das necessidades intrínsecas da realidade. As propostas etnomatemáticas seriam sistematizadas de acordo com características do contexto e a relação existente com a matemática formal. Na pesquisa, Mafra (2006, p.32) aderiu a perspectiva da matemática sociocultural que possibilita “potencializar conhecimentos diversos, existentes em grupos culturais, para fins de apropriação e discussão sobre o que é o conhecimento matemático”.

A segunda pesquisa de Mafra (2006) se aproximou ainda mais desta tese, à medida que apresenta uma proposta pedagógica para o ensino da matemática pautada em saberes tradicionais e construídos pela prática ceramista das Louceiras do Maruanum. Pois, Mafra (2006) apresentou uma estratégia docente específica para o ensino da matemática, o que se diferencia desta tese, pois o intuito é apresentar uma estratégia educativa capaz de se adaptar aos mais diversos contextos educativos (formais, informais e não formais). Outra aproximação é a utilização da observação participante e do diário de campo como instrumentos de pesquisa.

A terceira pesquisa localizada tem como título “*Tudo é remédio: estudo de práticas curativas em Maruanum-AP*” e faz parte do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Apesar de não se tratar especificamente sobre as louceiras do Maruanum, a pesquisadora dedicou um subcapítulo sobre a tradição ceramista das louceiras do Maruanum e na procura na Plataforma Sucupira da CAPES esta dissertação foi atrelada. Esta pesquisa é de autoria de Giuliana Cristina César Henriques.

Sobre o nível técnico, Henriques (2011, p.18) diz que em sua dissertação o objetivo geral foi identificar e analisar as práticas curativas em comunidades de Maruanum-AP, relacionando-as com o modo de vida, a organização social e cosmologia do grupo. Acerca do nível metodológico, Henriques (2011) afirma que a forma de aproximação com o objeto de pesquisa foi compreender como os saberes tradicionais sobre as plantas curativas se relacionam com o contexto dos moradores Maruanum, e de que maneira se associam as questões locais e saberes ampliados. A pesquisadora considerou em sua pesquisa as relações existentes entre seres humanos, não-humanos e o meio ambiente, pois é em meio a biodiversidade que eles habitam. Esse reconhecimento por parte da pesquisadora foi importante para que ela

compreendesse as crenças que influenciam os comunitários e como eles identificam espécies de plantas como remédios.

Enquanto cosmologia, a comunidade acredita nos donos, mães e encantados que habitam certos lugares da biodiversidade, que jamais podem ser dominados pelos humanos, caso contrário, os comunitários sofrem agressões espirituais. Por isso, os moradores do Maruanum obedecem a regras que impõem limites ao uso desses locais, é uma forma de respeito aos verdadeiros donos dos lugares. Para a pesquisadora, essa cosmologia é uma forma de manejar e conservar a biodiversidade do local.

Acerca dos aspectos gnosiológicos, Henriques (2011) expõe que o papel e contribuição das mulheres do Maruanum foram imprescindíveis para que ela compreendesse a cosmologia e aspectos socioculturais da região. Para a pesquisadora, são as mulheres as detentoras dos saberes sobre as plantas medicinais, são elas que atuam em várias atividades do cotidiano e que realizam modos de gestão da biodiversidade em respeito aos seres não-humanos. Então, os saberes tradicionais sobre as plantas medicinais são gerados pela dinâmica do próprio contexto comunitário com a interferência das experiências dos antepassados e da cosmologia.

A pesquisa de Henriques (2011) é importante porque endossou o que essa tese trata: a cosmologia pautada em seres não-humanos rege as dinâmicas sociais no Maruanum. As Louceiras, além da técnica ceramista, também detêm a sabedoria da utilização de plantas medicinais para auxiliar na cura de doenças. Todas as ações do cotidiano no Maruanum são gerenciadas pelas crenças, rituais e tradições do povo do Maruanum, aspecto esmiuçado na tese.

A quarta pesquisa tem como título: *O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da Louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural*. Está pesquisa faz parte do Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que forma mestres em Preservação do Patrimônio Cultural. A pesquisa é de autoria de Juliana Morilhas Silvani e foi orientada pela Profa. Dra. Analucia Thompson.

No tocante, ao nível técnico da dissertação Silvani (2012, p.01) teve como objetivo investigar sobre a inserção de bens culturais no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural. No que tange ao nível epistemológico, Silvani (2012, p.30) fez a seguinte indagação de pesquisa: “Em uma sociedade de consumo

como a nossa, o mercado de bens culturais poderia proporcionar a valorização da diversidade cultural brasileira?”

Na opinião da pesquisadora (2012, p.80), a sociedade de consumo “não constitui uma ameaça à continuidade do ofício de louceira e tão pouco produz impactos negativos na comunidade produtora”. A pesquisadora admitiu que, isso constitui um ponto para uma promissora discussão. No primeiro momento, Silvani (2012, p.74) não vê a iniciativa de instituições públicas ou privadas em fomentar a produção, circulação e consumo de bens culturais de forma negativa, porém “algumas atitudes são questionáveis por impor às artesãs as “exigências do mercado” sem considerar o contexto específico de produção da louça”.

A pesquisa de Silvani (2012) demonstrou a resiliência das Louceiras do Maruanum em atuar em um cenário, na qual o artesanato ganha mais uma atribuição: se adaptar ao controle de qualidade do mercado. Essa resistência das Louceiras transparece também na tese, onde os cumprimentos dos rituais e crenças são indispensáveis para que a louça “queime em paz”, isso significa para que a louça não estoure no processo da queima. Então, a louça do Maruanum segue a lógica tradicional, com resistência a sedução do “canto da sereia” do mercado que exige produção em série e exploração ilimitada dos recursos naturais, no caso da argila.

A quinta pesquisa encontrada tem como título *Patrimônio Cultural do Estado do Amapá: o caso das Louceiras do Maruanum em observância ao Princípio da Equidade Intergeracional*, é de minha autoria (Célia Souza da Costa) e a orientação foi Prof. Dr. Edinaldo Pinheiro Nunes Filho. Esta tese é uma continuação da pesquisa de mestrado iniciada em 2012.

O nível técnico da pesquisa teve como objetivo geral analisar o ofício das Louceiras do Maruanum como patrimônio cultural material e imaterial considerando o princípio da equidade intergeracional. As técnicas de coleta de dados foram entrevistas focalizadas, estruturadas e não estruturadas com visitas e observações *in loco* nas comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum (louceiras, filhas, netos e netas das louceiras) e nos órgãos públicos ligados ao patrimônio cultural (gestores).

Quanto a nível metodológico, a pesquisa foi delimitada a duas comunidades que compõem o Distrito do Maruanum (Santa Luzia e Carmo do Maruanum) onde se concentram a maioria das louceiras. A pesquisa teve a seguinte problemática: Diante do perigo de extinção do criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum, como o Estado

pode intervir para que os jovens possam interessar-se pelo ofício ceramista em cumprimento ao princípio da equidade intergeracional?

Em torno do nível epistemológico, a pesquisa apresentou três contribuições fundamentais. A primeira é a contribuição teórica, pelo estudo ter trazido uma descrição detalhada sobre o criar-saber-fazer do ofício das louceiras do Maruanum à luz do direito ambiental, que abordou o patrimônio cultural como parte do ambiente social e suscitou discussão e solo fértil para o surgimento de outras pesquisas sobre a temática. A segunda é a jurídica, pois a pesquisa ao apresentar o risco de extinção de um criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum fomentou a necessidade de um reconhecimento jurídico do patrimônio cultural por meio de registro e outras formas de proteção e conservação do bem cultural. A terceira é que a pesquisa apontou a necessidade de elaboração de políticas públicas, de um plano de salvaguarda, a necessidade da educação patrimonial nas comunidades pesquisadas.

Em referência aos pressupostos gnosiológicos, a pesquisa de campo serviu para compreender o fenômeno do definhamento do criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum. É primordial que os órgãos responsáveis pela proteção do patrimônio cultural registrem o criar-saber-fazer das louceiras (tombamento, registro no livro de saberes) e seja realizado na comunidade um plano de salvaguarda. Além disso, o estudo mostrou que o bem cultural do ofício do criar-saber-fazer das louças de barro é um elemento histórico importante para o estudo antropológico que será realizado na comunidade de Santa Luzia do Maruanum e Carmo do Maruanum com vistas ao reconhecimento de território quilombola.

Os pressupostos ontológicos apresentados estão voltados para a importância da tradição ceramista do Maruanum como um patrimônio cultural importante para a identidade cultural, memória coletiva, sendo elemento fundamental para o laudo antropológico e o reconhecimento de terra quilombola. Foi defendida a concepção de que o patrimônio cultural está associado ao meio ambiente social, cultural, e que o homem é um ser cultural por excelência.

Como resultados, a pesquisa demonstrou que há o eminente risco de extinção do criar-saber-fazer do ofício ceramista nas duas comunidades pesquisadas; também foi mencionado o reflexo negativo dos programas assistencialistas dos governos federal e estadual que estimulam o desinteresse pela prática tradicional; outra constatação foi quanto a urgência de registro e outras tutelas possíveis para o reconhecimento do ofício das louceiras do Maruanum como patrimônio cultural do

Estado do Amapá, assim como a urgência da prática de um plano de salvaguarda para que estimulasse os jovens a continuarem com a tradição ceramista.

A finalização do mestrado em 2014 me permitiu a refazer os caminhos da árvore genealógica construída por Coirolo (1991) e gerou uma árvore chamada *Materlógica*⁷ com o objetivo de compreender quais as razões do definhamento da tradição ceramista das Louceiras do Maruanum, um dos desdobramentos foi refletir sobre como a educação formal, informal e não formal pode contribuir para a manutenção e conservação da tradição ceramista das Louceiras do Maruanum. Assim, nasceu o projeto do doutorado para a continuidade da pesquisa neste campo. Portanto, a tese teve a influência direta da pesquisa do mestrado.

A sexta pesquisa catalogada tem como título “*Desde que me entendi*”. *Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP*. É uma dissertação de autoria de Fabrício Costa Ferreira e foi orientada pela Profa. Dra. Denise Pahl Schaan. Esta pesquisa pertence ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

No nível teórico, Ferreira (2016) utilizou a metodologia etnográfica e da arqueologia do presente com a observação participante, entrevistas e caderno de campo, assim como um período de estadia na comunidade (cinco meses). O objetivo da pesquisa foi acompanhar o cotidiano das louceiras, os seus trabalhos de rotina juntamente com os processos envolvidos na fabricação das louças de cerâmica. Conforme Ferreira (2016), a etnografia e arqueologia do presente aplicadas ao contexto tem como intuito compreender como estes fazeres culturais se transformaram e qual a ligação da cerâmica com os processos de construção de territorialidades.

Os pressupostos gnosiológicos eleitos por Ferreira (2016, p.05) foi construir o objeto de pesquisa de forma vivencial, para ele só era possível alcançar o objetivo traçado mediante a etnografia, com a experiência. O pesquisador salienta “esta experiência me fez entender vários aspectos sobre o modo de vida dos moradores da comunidade, sobretudo perceber o modo de vida das louceiras”. Outro aspecto apontado por Ferreira (2016) foi sobre a importância da cerâmica do Maruanum como instrumento cultural material que faz parte do processo de territorialização, que poderá colaborar com o reconhecimento de direito etno-territoriais.

⁷ Árvore genealógica baseada no estudo da transmissão de saberes ceramistas da *Mater*, da mãe.

Enquanto resultados de pesquisa, Ferreira (2016, p.173) explica que existem “poucos trabalhos direcionam-se a preocupações com as questões sociais que envolvem os coletivos quilombolas na Amazônia”. O pesquisador acredita que por meio da arqueologia há inúmeras possibilidades de se trabalharem outras temáticas, inclusive a arqueologia do presente utiliza como método a etnografia, na qual é capaz de compreender as narrativas dos moradores do Maruanum e as mulheres louceiras. Ele acredita que este estudo colaborou com o fortalecimento da pesquisa arqueológica na Amazônia. Além do mais, para entender como se dá a dinâmica do tecer da louça, não se pode dissociar a cerâmica da história e da percepção de cada louceira.

A pesquisa de Ferreira (2016) apresenta um ponto importante que ressoou nessa tese que é o uso do enfoque metodológico antropológico e instrumentos de produção de dados como observação participante, entrevistas e caderno de campo. O segundo aspecto da pesquisa de Ferreira (2016) evidenciada também por essa tese é a tradição ceramista do Maruanum como um requisito importante para a construção e manutenção do território.

A sétima pesquisa tem como título *Fazendo louças e tecendo a presença da mulher: traços de resistência negra na região do Maruanum/AP* de autoria de Tayra Fonseca Rezende foi orientada pela Profa. Dra. Eugênia Luz da Silva Foster. A pesquisa de Rezende (2018) pertence ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

O nível técnico da dissertação de Rezende (2018) se apresenta como uma pesquisa de cunho qualitativo, um estudo de caso, com o uso da etnografia (metodologia Clifford Geertz, 1963) sobre as ceramistas da região do Maruanum, assim como os modos de vida da comunidade. A pesquisadora também utilizou como meio de coleta de dados a observação, questionários semiestruturados, referências bibliográficas, entrevistas e análise de discurso. O objetivo central da pesquisa foi compreender o papel das louceiras na constituição, manutenção e reprodução dos saberes para construção ou afirmação da identidade étnica na região do Maruanum, com vistas a estabelecer uma reflexão acerca dos processos de emancipação e protagonismo da mulher, negra e quilombola do Maruanum.

O nível metodológico traçado por Rezende (2018) revelou a aproximação entre estudo de gênero e etnicidade com enfoque para comunidades quilombolas. Para delimitar a área do estudo, a pesquisadora utilizou como fonte de pesquisa o trabalho

Mapeamento e Cartografia dos Quilombos no Estado do Amapá (2015). Seguindo critérios de eliminação, a pesquisadora adotou como campo de pesquisa as comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum, especialmente pela existência da ALOMA.

O nível epistemológico para Rezende (2018, p.17) se constituiu “na perspectiva de que a atividades dessas mulheres se configura, sim, como estratégia de resistência e de luta negra contemporânea”. Durante a pesquisa surgiram pistas fundamentais para se chegar a esta conclusão como: o papel político das louceiras via associação, o destaque da ceramista na dinâmica familiar como provedora da casa. Essa pesquisa envolveu o mundo real e o sujeito (pesquisador e pesquisado) juntamente com um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Sobre a realidade, Rezende (2018, p.56) assume a defesa pelo “reconhecimento dos saberes tradicionais quilombolas no campo do conhecimento em contraste à ciência tida como tradicional, como uma forma de resistência de povos e grupos étnicos na atualidade”. A pesquisadora enfatizou que as ceramistas do Maruanum exercem uma função de transmissoras de conhecimentos, assim como de agentes no fortalecimento da identidade étnica e da cultura por meio dos saberes do fazer da louça. Os resultados da pesquisa apontam que a tradição ceramista provoca uma representatividade feminina, sendo uma resistência negra, na qual a mulher é a marca da identidade étnica.

A pesquisa de Rezende (2018) trouxe outras nuances do campo de pesquisa com as Louceiras no Maruanum, como por exemplo, a emancipação e o protagonismo da mulher. Nesse sentido, a tese dialoga com a pesquisa de Rezende (2018) porque evidencia a representatividade feminina das ceramistas nas comunidades do Maruanum, elas têm a própria associação, participam também de outros movimentos sociais como sindicatos e grupos culturais.

2.1 NASCE UM NOVO ENFOQUE DE PESQUISA SOBRE AS LOUCEIRAS DO MARUANUM

Após realizar uma criteriosa busca por dissertações e teses sobre as LOUCEIRAS DO MARUANUM, foi organizado um panorama geral das produções acadêmicas sobre a temática com o objetivo de situar a atualidade em torno das

pesquisas sobre assunto e destacar a importância e ineditismo da tese **Louceiras do Maruanum (Amapá): estratégia educativa para a conservação da tradição do criar-saber-fazer ceramista.**

Baseada na pesquisa da minha dissertação de mestrado (COSTA,2014) foi reafirmado pela árvore *materlógica*⁸ o que Coirolo já havia previsto em 1989: a tradição ceramista secular das louceiras do Maruanum está em vias de extinção. Os jovens das comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum não estão aprendendo o ofício ceramista.

Para validar a pesquisa foi importante averiguar como as louceiras e professoras do Maruanum, assim como os gestores culturais externos representam a tradição ceramista (louça do Maruanum) e como a estratégia do Círculo de Cultura de Paulo Freire pode contribuir para a conservação da tradição ceramista?

A linha de pesquisa História e Políticas da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná está em consonância com essa pesquisa que pretende ser uma alternativa a ser aplicada em outras situações-problemas, quando se tratar de ameaça de extinção de práticas culturais com vistas a transformação escolar e comunitária através de processos educativos e práticas de construção coletiva de educação ambiental patrimonial popular.

É por meio desta nova ótica que esta pesquisa é um diferencial neste programa de Pós-Graduação, com o objetivo de contribuir de forma direta com conservação do criar-saber-fazer ceramista das louceiras do Maruanum. Já que este ofício tradicional e histórico é objeto fundamental para o laudo antropológico que resultará no futuro reconhecimento de territórios quilombolas, pois as duas comunidades (Santa Luzia e Carmo do Maruanum) pesquisadas se autoreconhecem quilombolas e solicitaram tal reconhecimento ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-Amapá).

A pesquisa tem grande relevância educacional, ambiental, cultural, social e epistemológica. No âmbito educacional, a pesquisa explora a educação formal, informal e não formal, três vertentes importantes na área da pedagogia social que são incorporadas à educação ambiental patrimonial. Na questão ambiental, a educação é vista como um instrumento capaz de sensibilizar e de impactar rumo a mudanças de

⁸ Árvore genealógica que considera somente a mãe.

atitudes. Falar em patrimônio cultural se remete ao meio ambiente, especialmente na tradição das louceiras do Maruanum que tem seu cerne ontológico a prática sustentável e de respeito a natureza, aos seres não-humanos (encantados, espíritos, donos dos lugares). Conectado ao meio ambiente temos a cultura que nesta pesquisa está amparada pela Constituição Federal (art.216). A teoria jurídica do meio ambiente o divide em cinco meios (natural, artificial, cultural, do trabalho e do patrimônio genético). Com base nesta teia de conhecimentos, o destaque é dado a tradição ceramista do Maruanum com vistas a dar visibilidade a este patrimônio cultural.

No âmbito social, a pesquisa aponta à necessidade de empoderamento das comunidades do Maruanum, no que diz respeito a conservação do criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum como um elemento fundamental para o reconhecimento de territórios quilombolas. Quanto ao aspecto epistemológico, a pesquisa traz um renovo em relação ao termo Educação Patrimonial ao discutir e propor o termo Educação Ambiental Patrimonial pautado no direito ambiental, na educação ambiental, na interdisciplinaridade e na pedagogia social (educação formal, informal e não formal). Com a temática já delimitada o próximo capítulo aborda sobre aspectos metodológicos aplicados nessa pesquisa.

Caminho de Rio

Nos caminhos desse rio
Muita história pra contar
Navegar nessa canoa
É ter o mundo pra se entranhar
Cada canto esconde um conto
Cada homem e mulher
Tem a fé, a força e a história
Pra contar pra quem quiser
Tem um bicho visagento
Que aparece no terreiro
Tem um rezador
Tem um santo catingueiro
Tem a cobra-grande
Que aparece no arrombado
Tem cuia de caridade
Pra espantar o mau olhado
Tem o boto sonso
Que aparece nos festejos
Pra fazer as moças
Liberarem seus desejos
Todos os mistérios
Dessa mata e dessa água
Esse povo usa
Pra espantar a mágoa
Pra sobreviver
E explicar a dor
O azar e a sorte
A desgraça e o amor

Raízes Caboclas (Letra: Natacha Andrade)

Foto 3- Nos caminhos do rio do Maruanum



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

3 CAMINHO DO RIO E O TECER DA LOUÇA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata sobre o caminho de pesquisa escolhido para a realização desse estudo juntamente como o aporte teórico metodológico. Toda a descrição deste capítulo está baseada no “caminho do rio” e no “tecer da louça”. O objetivo da pesquisa foi seguir o “caminho do rio” e “tecer” este estudo como uma louça única, assim como a louceira tece uma cerâmica que é uma peça exclusiva. Neste sentido, o intuito é descrever os caminhos percorridos, as dificuldades, as vivências do campo de pesquisa, o saborear o mundo da vida das comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum. Este capítulo traz uma descrição do campo, ou seja, como foi essa navegação no “caminho do rio”, como se deu a produção de dados, quem foram os participantes, quais as impressões e sensações percebidas no campo de pesquisa.

3.1 NAVEGAR NA PESQUISA: UMA CANOA NESTE RIO

Para adentrar ao campo de pesquisa é necessário navegar pelo rio Maruanum, assim a pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa. Bogdan e Biklen (2013) atribuem características intrínsecas para o enfoque qualitativo. É a realidade que fornece os dados. Para coletar estes dados, o pesquisador precisa frequentar os locais de estudo. É por meio dos dados descritivos que o fenômeno pode ser compreendido detalhadamente. O pesquisador tem que acompanhar o desenvolvimento do fenômeno que se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações. Por outro lado, os pesquisadores que aderem a esse enfoque, “[...] interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (BOGDAN; BIKLEN, 2013, p. 50).

Segundo Creswell (2014, p.52) este tipo de pesquisa vislumbra que existe “[...] um problema ou questão que precisa ser explorado”, para garantir “[...] uma compreensão complexa e detalhada da questão. Este detalhe só pode ser estabelecido falando diretamente com as pessoas [...] e lhes possibilitando que contém histórias livres [...]”. Além de ser um suporte “[...] quando desejamos dar poder aos indivíduos para compartilharem suas histórias, ouvir suas vozes e minimizar as relações de poder que frequentemente existem entre o pesquisador e os participantes de um estudo” (CRESWELL, 2014, p.52).

Para o autor esse tipo de pesquisa é usado “[...] quando queremos escrever em um estilo literário e flexível que transmita histórias, teatro ou poemas sem restrições das estruturas formais da escrita acadêmica” (CRESWELL, 2014, p.52). Também podemos “[...] desenvolver teorias quando existem teorias parciais ou inadequadas para certa população e amostras ou teorias existentes que não captam adequadamente a complexidade do problema que estamos examinando” (CRESWELL, 2014, p.53).

Na pesquisa qualitativa “existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações”. No processo deste tipo de pesquisa “não segue sequência tão rígida” como na pesquisa quantitativa (TRIVIÑOS, 1987, p.131). A partir das interpretações das primeiras coletas de informações pode surgir a necessidade de buscar novos dados. Outra questão importante é que na pesquisa qualitativa, não há partes isoladas, elas são interligadas, a fundamentação teórica é retomada várias vezes ao longo do texto, “ela serve para apoiar as ideias que vão surgindo no desenvolvimento da investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p.132).

Geralmente este tipo de investigação tem como foco o *habitat* natural, “os pesquisadores qualitativos reúnem informações bem de perto, falando diretamente com as pessoas e vendo como elas se comportam e agem dentro do seu contexto”. Em relação a produção de dados, há uma multiplicidade de instrumentos para realizar tal tarefa, “como entrevistas, observações, documentos, em vez de se basearem em uma única fonte de dados” (CRESWELL, 2014, p.50).

Quanto aos participantes, “durante todo o processo [...], os pesquisadores mantêm o foco na captação do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão” (CRESWELL, 2014, p.51), o que permite uma diversidade de interpretações, é nesta captação de respostas que podem aparecer questões implícitas. Há uma flexibilidade, “[...] o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito, todas as fases do processo podem mudar ou trocar depois que os pesquisadores entram em campo [...]” (CRESWELL, 2014, p.51). Outra questão, é que há abertura para que o pesquisador expresse sua opinião e sua interpretação dos fatos. O relatório final de pesquisa é holístico, apresenta o fenômeno de forma integral e complexo, já que pesquisador está interessado na “[...] identificação de interações complexas dos fatores em uma determinada situação” (CRESWELL, 2014, p.52).

A perspectiva qualitativa “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p.20), na qual agrega

múltiplas diversidades de cultura, modos de vida e ambientes. “A mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” (FLICK, 2009, p.21), devido a essas transformações, as metodologias tradicionais não conseguem mais atender as pesquisas que envolvem eixos sociais

Para dar forma e profundidade a esta pesquisa foi agregado o estudo de caso conhecido também como método monográfico. Ele permite a análise de casos isolados ou de pequenos grupos, com a compreensão de determinados fatos, dentre as suas características estão a “identificação de um caso específico”, geralmente “estudam casos atuais da vida real que estão em andamento, de forma que possam reunir informações precisas que não foram perdidas pelo tempo” (CRESWELL, 2014, p.87).

Este tipo de estudo pode abarcar “indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc”. Ele precisa ser um “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p.57). Ele permite “a integração e a comparação de diferentes perspectivas que podem construir uma compreensão rica e detalhada sobre o contexto” (GRAY,2013, p.138). Não se trata de um estudo puramente descritivo, “[...] atribuir relações causais e não apenas descrevendo uma situação”. A profundidade do caso se dá quando “[...] o pesquisador estiver tentando revelar uma relação entre um fenômeno e o contexto o qual ele ocorre” (GRAY,2013, p.200).

Além de se tratar de um estudo de caso, esta investigação é do tipo etnográfico, já utilizado na área educacional, especialmente para estudar fenômenos produzidos por grupos específicos com a descrição de comportamentos. A etnografia tem um sentido próprio que é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo (LÜDKE; ANDRÉ,2013). Nesta pesquisa foi utilizada a descrição densa com enfoque nas escolas antropológicas do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e na antropologia simbólica e interpretativa de Clifford Geertz e Victor Turner.

A pesquisa do tipo etnográfica tem como eixo central o ‘estudo da cultura’ e do ‘contexto’ também utilizados por pesquisadores da educação. Existem dois pressupostos que podem encaminhar a pesquisa. O primeiro é o ecológico-naturalista que “[...] ressalta a influência do ambiente sobre os atores. Se estes são retirados de seu meio habitual é muito difícil chegar a conclusões verdadeiras sobre seu comportamento” (TRIVIÑOS, 1987, p. 122). O local onde estes sujeitos vivem o mundo

da vida “ [...] tem valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atividades”, já que “o meio, com suas características físicas e sociais, imprime aos sujeitos traços peculiares que são desvendados à luz do entendimento dos significados que ele estabelece” (TRIVIÑOS, 1987, p. 122).

Essa pesquisa é o fenomenológica-qualitativa “[...] ressalta a ideia de que o ‘comportamento humano, muitas vezes, tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta’” (TRIVIÑOS, 1987, p. 122). Porém, para se chegar a este nível é importante desvendar aspectos culturais do grupo do qual se pesquisa, pois é no mundo da vida, no cotidiano, no comportamento humano que surgem os significados.

Portanto, a etnografia “[...] visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho microsocial, olhado com uma lente de aumento” (SEVERINO, 2016, p.119). Ela “[...] descreve estudos com observação participante em contextos sociais e organizacionais [...] busca entender os processos sociais não só fazendo relatórios desses eventos e sim participando deles [...]” (GRAY, 2013, p.138). “Como processo, a etnografia envolve observações ampliadas do grupo, mais frequentemente por meio da observação participante, em que o pesquisador mergulha nas vidas diárias das pessoas [...]” (CRESWELL,2014, p.82).

Dentre os desafios, a produção de dados ocorre no campo o que envolve tempo e disponibilidade. O pesquisador também é desafiado quando inicia a descrição do grupo estudado, pois nas investigações etnográficas “[...] as narrativas são escritas de maneira literária, quase como uma narração de uma história, [...] pode ser desafiadora para os autores acostumados a abordagens tradicionais da escrita acadêmica científica” (CRESWELL,2014, p.86).

Toda pesquisa etnográfica é exploratória e descritiva. Ela é exploratória porque tem como intuito proporcionar visão geral de tipo aproximativo acerca de determinado fato. “Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado” (GIL, 2008, p.27). Tem como objetivo “[...] examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, sobre o qual temos muitas dúvidas ou que não foi abordado antes”. A relevância é “[...] nos tornar familiarizados com fenômenos relativamente desconhecidos [...] elas também envolvem um ‘risco’ maior e exigem muita paciência, serenidade e receptividade do pesquisador (SAMPIERI HERNÁNDEZ; COLLADO FÉRNANDEZ; LUCIO BAPTISTA, 2013, p.101). Sua função principal é “[...] levantar informações

sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO,2016, p.123).

A pesquisa descritiva tem como princípio “a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...] (GIL, 2008, p.28). Elas “buscam especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou outro qualquer fenômeno que se submeta a uma análise”. São importantes porque “servem fundamentalmente para descobrir e pressupor [...] são úteis para mostrar com precisão os ângulos ou dimensões de um fenômeno, acontecimento, comunidade, contexto ou situação” (SAMPIERI HERNÁNDEZ; COLLADO FÉRNANDEZ; LUCIO BAPTISTA, 2013, p.101-102). O “foco essencial é o desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas [...] pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.110).

Para essa pesquisa de campo foi utilizada seguintes técnicas de coletas de dados: observação participante, diário de campo, questionários, formulário, entrevistas abertas, pesquisa referencial. A observação “possibilita um contato pessoal e estrito do pesquisador com o fenômeno pesquisado [...] a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação de um fenômeno [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.26). Outra vantagem da observação é que “na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, podem apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.26). Vai “observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação” (SEVERINO,2016, p.120).

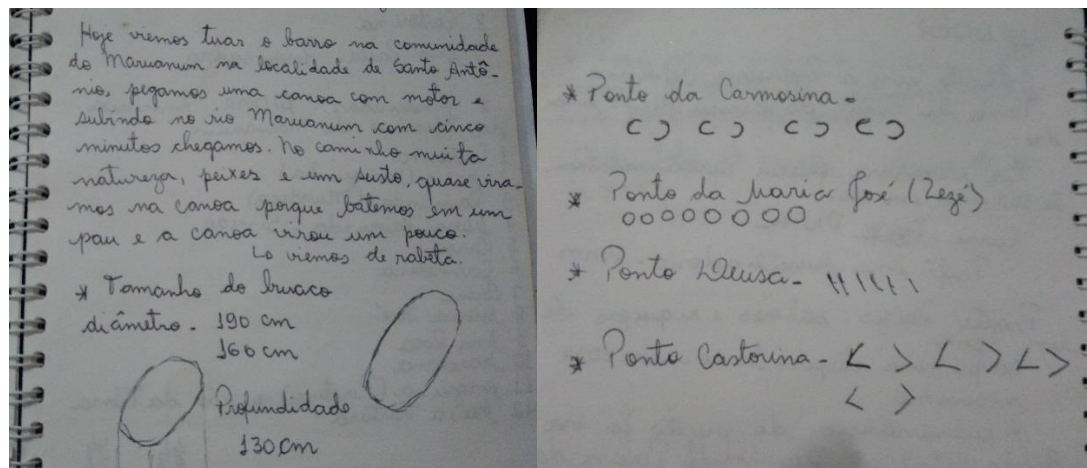
A observação participante exige que o pesquisador “mergulhar de cabeça no campo”, consiste em observar as situações vivenciadas com uma lente de membro, mas também “influenciar o que é observado”, sendo importante estreitar a comunicação com os observados. Esta forma de coletar dados tem dois contornos fundamentais: o primeiro é que “o pesquisador deve, cada vez mais, atuar como participante e ganhar acesso ao campo e às pessoas”; o segundo é que “a observação também deve passar por um processo para se tornar cada vez mais concreta e concentrada nos aspectos essenciais às questões de pesquisa” (FLICK, 2009, p.152).

Além disso, a observação participante tem como [...] intenção gerar dados por meio da observação e escuta de pessoas em seu contexto natural”, tendo como propósito “descobrir os sentidos e as interpretações sociais que elas atribuem a suas próprias atividades”. Esta condição do pesquisador se integrar ao grupo pesquisado é algo que exige disponibilidade, adaptação, logística (hospedagem, alimentação, transporte) e coragem. O “pesquisador passa a estar ‘imerso’ no contexto onde acontece a pesquisa de campo, com o objetivo de compartilhar e experimentar as vidas das pessoas para conhecer seu mundo simbólico” (GRAY, 2013, p.322).

Já o diário de campo é uma forma pessoal do pesquisador coletar dados que submergem do campo de pesquisa. São anotações que ultrapassam a escrita, podem ser permeados de esquemas, desenhos e rascunhos resultantes da observação participante em campo. Ele representa “o relato das experiências do próprio pesquisador, seus sentimentos, seus receios, suas ansiedades e seus sentidos sociais quando envolvidos com pessoas em campo” (GRAY, 2013, p.323). Para tanto, o pesquisador ao utilizar diário de campo necessita ficar atento aos detalhes das observações, as tomadas de notas precisam “ser redigidas o mais rápido possível após a obtenção dos dados para evitar a perda de detalhes importantes. Tanto que na ânsia de registrar todos estes detalhes que farão toda a diferença “convém que o pesquisador desenvolva algumas habilidades, como as de construir frases curtas e utilizar abreviaturas e símbolos. Isso porque a tomada de notas ocorre com frequência em locais e horários não muito favoráveis” (GIL, 2008, p.130).

De acordo com Rampazzo e Corrêa (2008, p.97), o diário de campo para além das anotações realizadas durante as observações representa a construção de um tipo de registro que explicita situações, pessoas, ambientes e depoimentos”. Ele também é um instrumento para tomadas de notas que se transformarão em descrição densa. Faz parte do trabalho de campo do investigador guiado pela etnografia “entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico [...] escrever seu diário” (GEERTZ,2017, p.07).

Foto 4- Diário de campo da pesquisa



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Outro instrumento de produção de dados utilizado foi o questionário. Se trata de “um conjunto de questões sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. É fundamental a objetividade nas questões (abertas e fechadas) para possibilitarem respostas também objetivas. É fundamental, antes de aplicar o questionário com todos os sujeitos da pesquisa, realizar um pré-teste com um grupo menor, “o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo” (SEVERINO, 2016, p.125-126). O questionário é um instrumento de pesquisa “por meio das quais as pessoas devem responder ao mesmo conjunto de perguntas em uma ordem predeterminada”. Se trata de uma técnica de coleta de dados primários que “demandam um certo nível de instrução” para respondê-lo. A limitação é que o questionário pode apresentar respostas imprecisas ao pesquisador. “Em contraste, a entrevista cara a cara pode revelar problemas subjacentes por meio da observação da linguagem corporal ou dos tons verbais do respondente (GRAY, 2013, p.274-275).

Nessa pesquisa também foi utilizado o formulário por um motivo específico: algumas louceiras não são alfabetizadas, outras tem dificuldades para ler, assim a foi aplicado o roteiro de perguntas do apêndice C e as respostas foram registradas pela pesquisadora. O formulário “pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas” (GIL, 2008, p.102-103). Eles “são roteiros de perguntas enunciadas pelo entrevistador

e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado, numa situação face a face com o entrevistado” (RAMPAZZO; CORRÊA, 2008, p.100).

Para sanar os possíveis entraves gerados pelas respostas do questionário e do formulário, também foram realizadas entrevistas abertas. Ela tem “a vantagem da captação imediata e corrente da informação desejada [...] permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 34). A entrevista aberta é uma forma de coletar dados e segue este protocolo: “colhem-se informações dos sujeitos a partir do discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente estimular o depoente” (SEVERINO, 2016, p.125).

A entrevista aberta “se baseia em um roteiro geral de conteúdo e o entrevistador tem toda a flexibilidade para trabalhar com ela”. O pesquisador pode intervir, perguntar livremente, questionar o entrevistado (SAMPIERI HERNÁNDEZ; COLLADO FÉRNANDEZ; LUCIO BAPTISTA, 2013, p.101). “O pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes [...] envolvem questões não estruturadas e em geral abertas, que são em pequeno número e se destinam a suscitar opiniões dos participantes (CRESWELL,2010, p.214).

Vale ressaltar os cuidados em qualquer tipo de entrevista, dentre eles o respeito pelo entrevistado, a pontualidade quanto aos horários marcados, a garantia do sigilo e anonimato, “deve ser respeitado igualmente o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões, enfim, o material em que a pesquisa está interessada” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.35). É fundamental ressaltar que o entrevistador, assim como o interlocutor tem expectativas em relação a entrevista. Cabe ao entrevistador compreender que o entrevistado pode interpretar este momento de várias maneiras, na interação com a ação da pergunta e resposta, existe uma “a emergência de significados não só referentes ao conteúdo da fala, mas também à situação de entrevista como um todo, à relação interpessoal que se instalou, à história de vida do entrevistado a seu ambiente sociocultural” (SZYMANSKI, 2018,p.16).

Para aumentar a riqueza de dados, a pesquisa adotou como parte da produção de dados a pesquisa referencial que consiste na busca por documentos públicos. Neste estudo, a busca dos documentos se deu nos arquivos dos órgãos da cultura, assim como a pesquisa referencial no Repositório da Capes de Teses e Dissertações que compôs o capítulo I da tese. Pois, documentos representam “fonte de informações

pertinente, representam dados criteriosos” (CRESWELL, 2010, p.213). A pesquisa documental é ampla, cabe ao pesquisador escolher quais os tipos de documentos interessam à pesquisa, pois “não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”. Todos estes documentos e tantos outros podem ser “matéria-prima, a partir do qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2016, p.122-123).

A pesquisa também realizou registro fotográfico, áudio e vídeo de partes da pesquisa de campo. As fotografias “permitem gravações detalhadas de fatos, além de proporcionar uma apresentação mais abrangente e holística de estilos de vida e condições”. Por outro lado, “possibilitam o transporte de artefatos e também a transgressão de limites de tempo e espaço” (FLICK,2009, p.162). A utilização de imagens e filmagens capturadas no campo de pesquisas são “indicadas para estudos de ações humanas complexas e exigentes de um olhar para o que está em movimento, como expressões faciais, corporais, verbais, ações e comportamentos” (DIAS; CASTILHO; SILVEIRA, 2018, p.82).

“Na pesquisa de campo [...] o ato de fotografar implica empatia e certamente intersubjetividade. É muito difícil fotografar em ambientes a que não pertencemos sem que se estabeleça uma relação de confiança, intimidade e empatia”. Por isso, é fundamental que o pesquisador tenha conhecimento sobre o campo para que consiga estar à vontade para capturar imagens, que servirão para expressar as experiências vivenciadas. Na etnografia, “a fotografia como a narrativa tem esta capacidade de acolher a experiência de quem contempla ou ouve. [...] a fotografia é uma excelente aliada do pesquisador em campo” (NOVAES, 2014, p.61-64). Vale lembrar, que o uso de materiais audiovisuais na pesquisa qualitativa implicam questões éticas, tanto que no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deve “estar previsto e acordado o direito do uso de imagem pelo pesquisador, afinal a recusa do participante na permissão à divulgação das imagens pode inviabilizar os resultados da pesquisa” (DIAS; CASTILHO;SILVEIRA, 2018,p.87).

Nessa pesquisa, os questionários, quanto o formulário e o roteiro de entrevista aberta foram pré-testados em campo de pesquisa em 2017. Na ocasião, o projeto de pesquisa passava por avaliação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da PUCPR. Para realizar os pré-testes dos instrumentos de coleta de dados foi selecionada uma amostragem de três louceiras, três professoras e um gestor cultural.

O pré-teste é um procedimento “centrado na avaliação dos instrumentos”, essa avaliação corresponde se houve dificuldade na compreensão das questões, se todas as perguntas foram respondidas, se as perguntas geraram algum tipo de constrangimento ao entrevistado, o tempo que cada participante do pré-teste utilizou para responder as questões, se a quantidade de perguntas era adequada aos objetivos, se a forma de realizar a pergunta foi objetiva e clara, se a ordem das perguntas exerceu algum tipo de resposta induzida (GIL, 2008,p.107-108).

Durante o pré-teste, os participantes voluntários foram questionados (três louceiras, três professoras e um gestor responsável pelo órgão de cultura) se os instrumentos de coleta de dados contemplavam uma linguagem simples e objetiva, se as instruções para o preenchimento, assim como as perguntas estavam compreensivas, etc, conforme as recomendações de Gil (2008). Os “instrumentos de pesquisa como planos de entrevistas podem ser modificados se determinadas questões parecerem não funcionar” (GRAY, 2013, p.291). Enfim, “uma vez que os instrumentos de levantamento de dados estejam próximo de sua conclusão, um pré-teste de campo do instrumento e dos procedimentos se faz necessário” (FOWLER JÚNIOR,2011, p.149).

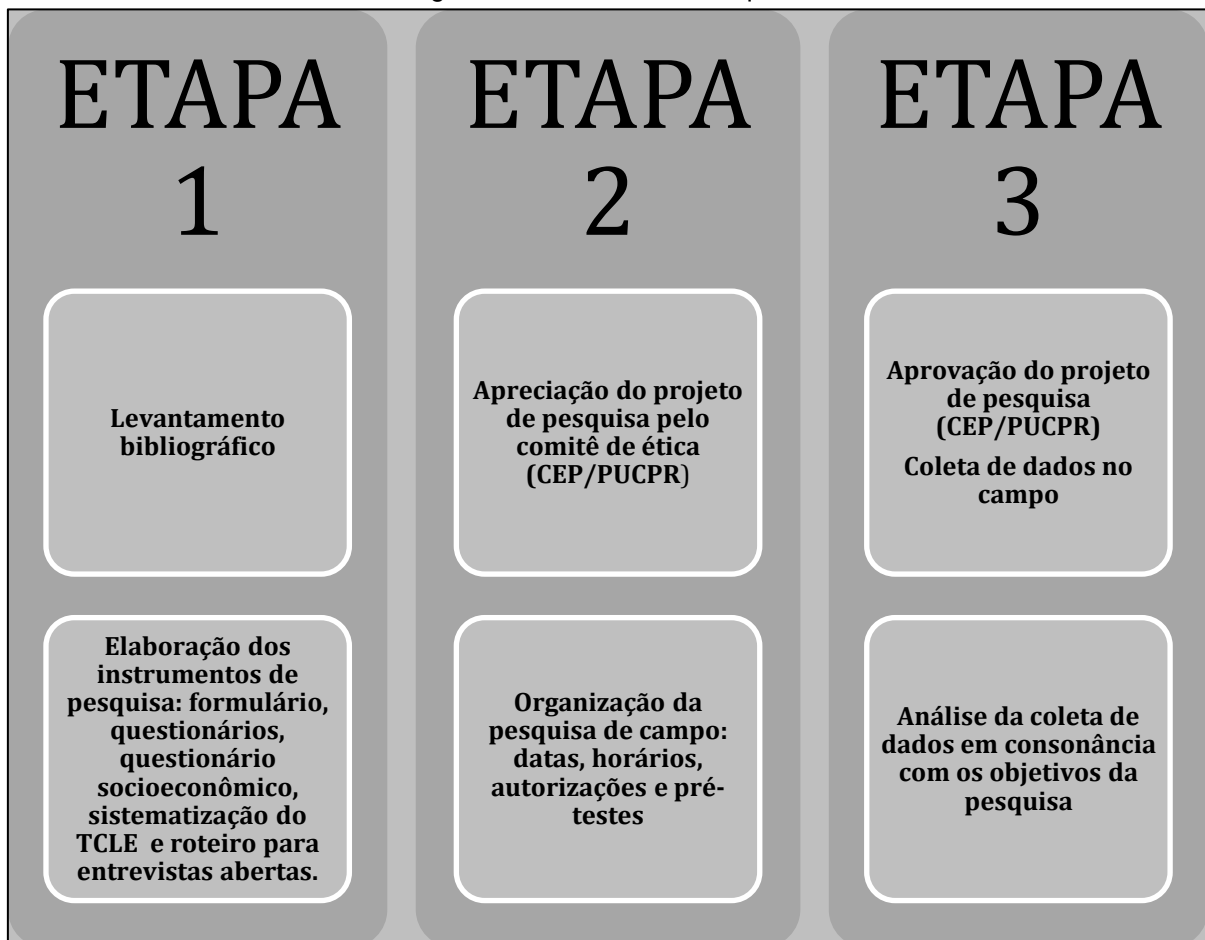
A análise de dados foi realizada com o apoio na análise de conteúdo. A análise de conteúdo é mais que um conjunto de técnicas, sendo possível analisar dados comportamentais. Ela possibilita a testagem de hipóteses como também a interpretação de conteúdos que não estavam aparentes (MINAYO,2001, p.74). Também “é uma metodologia de tratamento e análise de informações que constam em um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos”. Há uma gama de possibilidades de análise a partir da coleta de dados, pois “os discursos podem ser aqueles já dados nas diferentes formas de comunicação e interlocução bem como aqueles obtidos a partir de perguntas, via entrevistas e depoimentos” (SEVERINO, 2016, p.121-122).

Na análise de conteúdo é posto em ênfase o “conteúdo das mensagens”, “o método de análise de conteúdo nas mensagens escritas são mais estáveis e constituem um material objetivo ao qual podemos voltar todas as vezes que desejarmos”. Outro fator da análise de conteúdo é a inferência “que pode partir das informações que fornece o conteúdo da mensagem, ou de premissas que se levantam como resultado do estudo dos dados que apresenta a comunicação”, então a análise de conteúdo é uma apreciação objetiva da mensagem (TRIVIÑOS, 1987, p.160).

Bardin (2006) dividiu a análise de conteúdo em três etapas: pré-análise, descrição analítica, interpretação referencial. A pré-análise é “a organização do material” com o uso da leitura flutuante de todo o material que constitui o *corpus* da pesquisa. Na descrição analítica, o *corpus* “é submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos”. Do *corpus* surgem os procedimentos de codificação, classificação e categorização. De toda a análise surgem quadros de referências, com a busca de sínteses coincidentes e divergentes de ideias ou neutras. A interpretação referencial que não pode se deter apenas ao conteúdo apresentado por documentos e dados, pois a análise precisa “desvendar o conteúdo latente que eles possuem”, para “descobrir ideologias, tendências, etc” (TRIVIÑOS, 1987, p.162).

Em síntese, a pesquisa foi desenvolvida em três etapas (FIGURA 1):

Figura 1- Momentos da Pesquisa

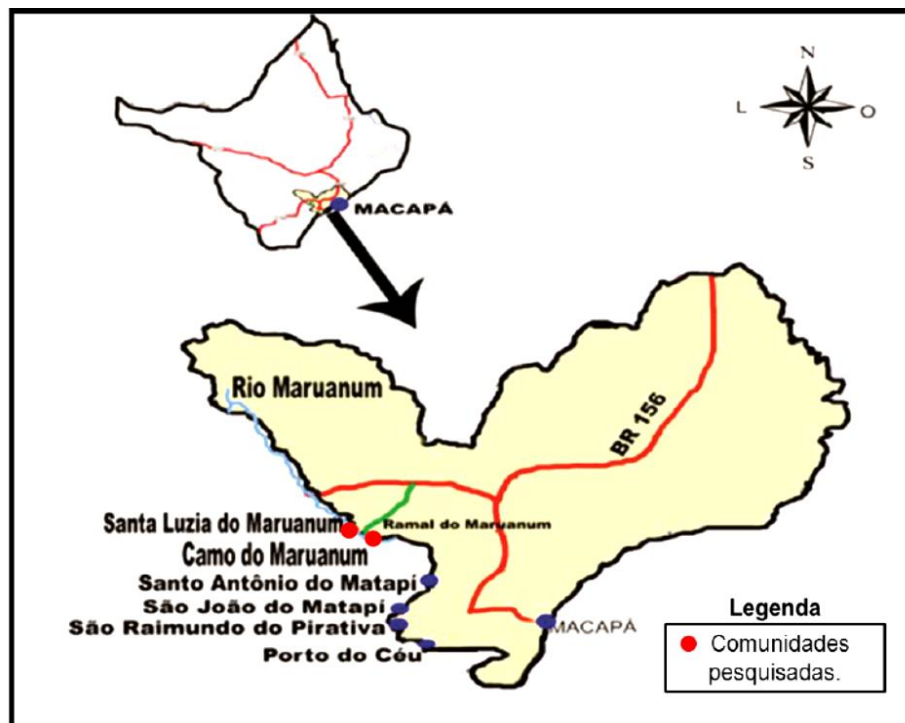


Fonte: Organizado por Costa,2019.

3.2 CAMPO DE PESQUISA: UMA REALIDADE A SE DESCOBRIR

O campo da pesquisa é o Distrito do Maruanum, com recorte de duas comunidades do Maruanum (Carmo e Santa Luzia do Maruanum), devido a maior concentração de louceiras e onde se localiza a escola de ensino fundamental que atende todo o Distrito. Próximo a estas duas comunidades, está situado o barreiro. O outro *lócus* de pesquisa foi em Macapá, é na capital do Amapá que se concentram os órgãos municipal, estadual e federal voltados à cultura (FIGURA 2).

Figura 2- Localização do campo de pesquisa



Fonte: COSTA, 2014.

A partir da delimitação do campo, os participantes da pesquisa foram as louceiras, as professoras (Escola Municipal Vô Lixandre) do Maruanum e os gestores culturais externos. As louceiras participantes da pesquisa são as cadastradas e não cadastradas na Associação das Louceiras do Maruanum (ALOMA), elas responderam a um formulário (APÊNDICE C) e concederam entrevistas abertas. As professoras preencheram a um questionário sobre o patrimônio cultural das louças do Maruanum (APÊNDICE A); um questionário sociocultural (APÊNDICE B) e entrevista aberta.

Os gestores e/ou responsáveis pelos órgãos públicos ligados a cultura também participaram da pesquisa, eles responderam a um questionário sobre o patrimônio

cultural das louças do Maruanum (APÊNDICE D) e concederam entrevistas abertas. Os órgãos visitados foram em nível federal, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN/AP); em nível estadual, a Secretaria Estadual da Cultura (SECULT); em nível municipal, a Fundação Municipal da Cultura (FUMCULT) e o Instituto Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (IMPROIR).

3.3 GERAÇÃO DE DADOS DO MUNDO DA VIDA

Após a aprovação do Comitê de ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil via Conselho Nacional de Saúde (Base unificada de registros de pesquisa envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP) foram retornados os contatos com os participantes da pesquisa, já que a aprovação (ANEXO C) possibilitou início da produção de dados.

Antes de iniciar a pesquisa, foi marcada uma reunião com o Setor do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Macapá. Durante a reunião foi apresentado o projeto de pesquisa (problema, justificativa, objetivos, coleta de dados). Na ocasião, a responsável pelo departamento concedeu uma Autorização da Prefeitura Municipal de Macapá para a realização da pesquisa de Campo (ANEXO A).

A participação de todas as pessoas envolvidas na pesquisa foi voluntária por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁹ (TCLE) (ANEXO B). A aplicação dos questionários (APÊNDICE A e B) foram realizados no momento do intervalo das professoras (15 minutos) com exceção de uma professora que resolveu levar os questionários para casa. No segundo momento, as professoras concederam entrevistas abertas, algumas durante o intervalo escolar e outras nas próprias residências.

⁹ O Consentimento Livre e Esclarecido como documento está pautado no princípio do consentimento informado, isso significa que os participantes da pesquisa têm o direito de serem informados sobre as pretensões, objetivos, instrumentos a serem utilizados. O TCLE se cristaliza como uma garantia protetiva para ambas as partes, ao pesquisador e aos participantes, ao mesmo tempo que faz parte do protocolo de pesquisa. Como efeito, os participantes terão mais confiança na pesquisa e assim serão mais abertos e francos em suas respostas, o que pode impactar no nível de participação, o pesquisador deve esclarecer melhor os propósitos de sua pesquisa (GRAY, 2013, p.65).

Nos meses de junho a setembro, as visitas às comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum ocorreram aos fins de semana, porém não houve registro etnográfico relevante. As visitas foram importantes para estabelecer contato com moradores e visitar as louceiras. Essas informações foram fundamentais para o planejamento das ações de campo que ocorreram em outubro de 2018.

Em outubro de 2018, a pesquisa se deu primeiramente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vô Lixandre. Ela foi criada pelo decreto n.2032/2008 e está localizada na comunidade de Carmo do Maruanum. É a única escola de ensino fundamental que atende a comunidade e adjacências. Alexandre Alves da Costa, mais conhecido como Vô Lixandre nasceu no dia 18 de março de 1906 na comunidade do Maruanum. Quando a escola foi inaugurada em 2008 Vô Lixandre estava vivo, ele faleceu em 2010 com 105 anos. Vô Lixandre foi uma personalidade no Distrito do Maruanum, era agricultor, vaqueiro e líder comunitário, incentivador da criação da Vila do Carmo do Maruanum, assim como das demais comunidades que compõem o Distrito.

Esta escola (Foto 5) é ligada à Secretaria Municipal de Educação de Macapá. A instituição atende a educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. A estrutura do prédio escolar é composta por 07 salas de aula, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 sala de direção, 01 depósito de merenda, 01 banheiro para professores e 02 banheiros (masculino e feminino) para alunos. Compõem o corpo técnico: 01 gestor escolar, 01 servente, 01 merendeira, 01 secretário e 07 professoras.

Foto 5- Escola Municipal de Ensino Fundamental Vô Lixandre a escola antes da reforma (à esquerda) e depois da reforma (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2017/2018).

Antes, do início desta pesquisa realizamos contato com a escola em 2017. Em 2017, a situação estrutural da escola era bem precária, a escola precisava de reforma. Mas, ao retornarmos ao campo em 2018, no mês de junho a outubro, a escola estava com um novo visual, na entrada foi construído um amplo piso de concreto. Em relação aos relatos do campo de pesquisa utilizaremos a primeira pessoa.

Para a aplicação dos questionários com as professoras, o gestor escolar me recebeu em 24 de outubro de 2018 (quarta-feira), aguardei o horário do intervalo para falar com as professoras do turno da manhã para responderem ao questionário sociocultural e ao questionário sobre o patrimônio cultural das louças do Maruanum. No horário correto, me encontrei com as professoras, expliquei a finalidade da pesquisa e sobre a TCLE. Apenas uma professora levou os questionários para casa, no turno da tarde ela respondeu, e eu busquei esses questionários. Todas as professoras foram receptivas e atenciosas e responderam tranquilamente aos questionários.

No turno da tarde foi realizado o mesmo procedimento de geração de dados realizada pela manhã na Escola Municipal Vô Lixandre. No horário do intervalo reuni novamente com as professoras que responderam ao questionário e a TCLE. Depois, lembrei dos questionários da professora que havia levado para responder em casa. Já era quatro horas da tarde, peguei as anotações do diário de campo para lembrar como chegar à residência dela. A professora havia explicado que morava na comunidade Santa Maria do Maruanum II e para chegar à vila, havia duas opções: seguir de canoa pelo “caminho do rio” ou ir de carro pelo ramal¹⁰ do Maruanum II. No mapa geográfico da professora, a comunidade Carmo do Maruanum não era longe de onde ela morava. Pois bem, como o campo impõe estes desafios e imprevisibilidades, a escolha foi seguir de carro porque não consegui nenhum canoeiro para me deslocar pelo “caminho do rio”.

Saindo da estrada que dá acesso as comunidades de Carmo e Santa Luzia do Maruanum, voltei à rodovia 156 (Foto 6) e me desloquei no sentido Macapá por aproximadamente dois quilômetros. Tive dificuldades para encontrar o caminho que chegasse à comunidade que a professora morava. Um rapaz me indicou onde a professora residia, chegando no local gritei: “ê de casa!”. Em seguida, apareceu a professora bem sorridente e disse: “Que bom que você achou a casa”, e eu respondi:

¹⁰ Pequena estrada sem sinalização e pavimentação.

“Mulher, eu já estava agoniada porque não chegava à comunidade, de carro é bem longe”. Ela sorriu novamente e respondeu: “Pelo caminho do rio é mais tranquilo, é mais perto, eu vou e venho da escola de barco pelo caminho do rio”. Neste momento, entendi porque ela não achava longe a comunidade, o meio de transporte utilizado pela professora é o barco e a canoa, assim a perspectiva geográfica é outra.

Depois do nosso diálogo, ela me convidou para conhecer o quintal da casa, entrei na residência passando pela sala e cozinha até chegar ao quintal contendo uma criação de galinhas e patos, um chiqueiro com suínos e um cão. Olhei para mais adiante, e vi o rio, e mais a minha frente um matagal e bem no meio um caminho. Daí perguntei à professora: “Ali é o rio Maruanum?”. Ela falou: “Sim, é ali naquela ponte que chegamos ao trapiche, onde eu pego o barco com as crianças da comunidade para irmos à escola. Quando é inverno, isso tudo aqui enche e vou pela ponte”. Curiosa, perguntei: “Esta parte tipo um caminho no matagal o que é?”. A professora explicou: “É um lago, mas agora ele está seco por causa do verão, aí eu vou por este caminho mesmo para chegar ao trapiche. Quando é inverno essa parte toda que tem o matagal fica cheio e bem daqui do quintal de casa, nós conseguimos pescar matupiri¹¹, também a sucurei¹² aparece aqui na beira. No último inverno, sumiu uns patos daqui de casa, a sucurei vem aqui na beira pegar os patos para comer”.

As pessoas têm muitas histórias e experiências para contar do cotidiano e sempre bem atenta costumo ouvir, indagar sobre os modos de vida, as facilidades e dificuldades de se viver nas comunidades. O relato da professora demonstrou especificidades e curiosidades de como ela se relaciona com o meio em que vive. Para a professora ir até a escola, todos os dias ela se desloca de barco juntamente com as crianças “caminho do rio” (Foto 6). Ao avistar a paisagem do quintal da casa dela, conhecer a forma de deslocamento até à escola e os atalhos utilizados para chegar ao trapiche (ora ponte, ora o caminho) percebi que o “caminho do rio” é aquele reconhecido por ela como o melhor trajeto. Com o avançar das horas, pedi um copo com água e me despedi da professora, gentilmente ela me entregou os questionários preenchidos. O retorno à comunidade do Carmo do Maruanum foi tranquilo, pois eu já sabia voltar. A pesquisa de campo do dia 24 de outubro de 2018 estava concluída.

¹¹ Peixe comum em toda bacia da região Amazônica.

¹² Cobra grande conhecida também como anaconda que vive nos rios da Amazônia.

Foto 6- Estrada da rodovia BR 156 (à esquerda) e caminho do rio (à direita).



Fonte: OLIVEIRA, Josimar Nascimento de (2017).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

No outro dia, 25 de outubro (quinta-feira) de 2018, depois da leitura dos questionários respondidos pelas professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vô Lixandre, foi iniciada a segunda parte da pesquisa com as entrevistas abertas. Pela manhã fui à escola para entrevistar as professoras. A tarde também retornei à escola para entrevistar mais professoras no momento do intervalo (uma professora) e também no final da aula (duas professoras). Aquelas que não consegui entrevistar na escola, fui até as residências delas no turno da noite (três professoras).

Todas as entrevistas foram conduzidas como uma conversa sobre o patrimônio cultural das Louças do Maruanum. Conhecer as demandas pedagógicas das professoras e poder ouvir sobre suas experiências, seus temores, suas preocupações no exercício do magistério trouxeram momentos de aprendizado.

No dia 26 de outubro (sexta-feira) de 2018, foi iniciada a pesquisa com as louceiras. Para chegar às casas das ceramistas, precisei me deslocar, ora de carro, ora a pé e ora de canoa. Algumas moravam perto, enquanto outras habitam um pouco mais distante. Foi um dia movimentado, visitei seis louceiras pela manhã e sete louceiras à tarde e realizei o preenchimento do formulário (APÊNDICE C) e da TCLE. A razão do uso do formulário se deu pelo fato da maioria das Louceiras não serem todas alfabetizadas ou terem dificuldades com a escrita. Após, ao término do preenchimento dos questionários, algumas louceiras me mostravam o quintal com os animais e plantas, outras as peças produzidas, o local onde faziam a queima da louça, contavam histórias sobre a Mãe do Barro, os encantados, falavam sobre as vivências com outras louceiras durante a coleta de argila, das sociabilidades nas festas dos santos e de Marabaixo.

Cheguei à casa de uma louceira que me levou direto para cozinha, e lá estava uma cutia¹³ no jirau¹⁴ pronta para ser preparada, ela foi abatida pelo filho dessa louceira bem no meio do roçado. Aquela caça alimentaria à família, faz parte do cotidiano dessas comunidades o consumo de peixe e animais silvestres integrantes da cultura alimentar, juntamente com o consumo de farinha de mandioca. Depois de espairer um pouco, e conferir *in loco* o que as louceiras se propunham a me mostrar ou a me contar, de maneira natural ia introduzindo a entrevista aberta como uma conversa. Os diálogos com as louceiras foram esclarecedores, todas me receberam sempre atenciosas e com um cafezinho ou uma água bem fresca para amenizar o calor.

Foto 7- No momento do preenchimento do formulário e em entrevista aberta com as louceiras.



Louceira Deusa (acima à esquerda); Louceira Ana (acima à direita); Louceira Mundoca (abaixo à esquerda); Louceira Dona Mariquinha (abaixo à direita).

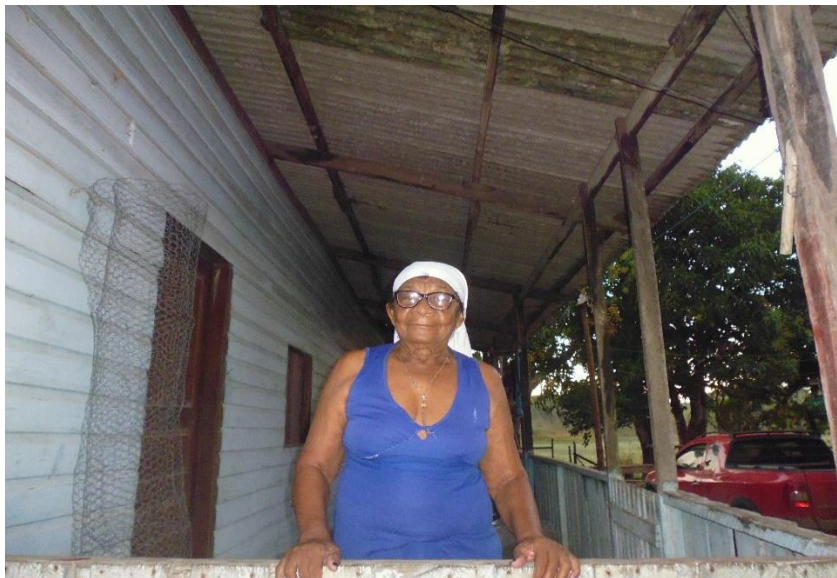
Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

¹³ É uma espécie de roedor de pequeno porte do gênero *Dasyprocta* e família *Dasyproctidae*, também conhecidas por acuchi, acouti, aguti ou açuti.

¹⁴ Tipo de pia feita de madeira, onde se lava louça e se limpa a caça e demais alimentos.

No dia 27 de outubro (sábado) de 2018 foi o dia da coleta do barro. Acordei quatro e meia da manhã juntamente com a minha amiga Profa. Ana Paula que me acompanhava na pesquisa. Fomos direto para a casa da Dona Mariquinha (localizada em Santa Luzia do Maruanum), ela já nos aguardava com um café da manhã no pátio. Precisávamos chegar à casa da Dona Marciana no Carmo do Maruanum às seis horas da manhã para aguardar o canoeiro e as outras louceiras que iriam ao barreiro. Nos outros anos de pesquisa, eu dormia na casa da Dona Marciana, ela fazia questão que eu dormisse com ela em uma cama de casal forrada por um mosquiteiro por causa dos insetos, principalmente os carapanãs (mosquitos) transmissores de várias doenças, dentre elas, a malária. Seguimos de carro até Carmo do Maruanum e Dona Marciana já nos aguardava na varanda da casa (Foto 8).

Foto 8- Dona Marciana na varanda da casa.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Ao anunciar nossa chegada, Dona Marciana já avisou para tomarmos mais um “gole de café”, organizarmos os materiais, e aguardar o canoeiro que já estava a caminho. Deveríamos chegar logo ao barreiro, a retirada da argila deveria terminar antes do sol escaldante do meio dia. O sol ainda nem tinha surgido, na beira do rio ainda podia se avistar uma neblina e os primeiros cantos dos pássaros e até mesmo uma brisa fria.

Aproveitei para conferir se tudo estava dentro da minha sacola (canetas, diário de campo, celular, suporte para celular, baterias, pilhas, gravadores, máquina fotográfica, garrafa com água, fita métrica, filtro solar, repelente). Também explorei

um pouco mais o local que me é bastante familiar devido já conhecer a residência da Dona Marciana, onde também mora o filho dela chamado Carmo. Dona Marciana se divide entre a casa de Macapá e a casa do Maruanum. Por ser a presidenta da associação das louceiras e organizadora do grupo de Marabaixo, ela passa a maior parte do tempo em Macapá resolvendo as demandas do grupo.

Registrei a casa de farinha construída no terreno da Dona Marciana. Pois, no Maruanum, assim como em outras comunidades rurais do Amapá, as famílias sempre cultivam uma roça de mandioca, beneficiada se transforma em farinha. As famílias a consomem e a comercializam na feira em Macapá (Foto 9).

Foto 9- Casa de farinha.



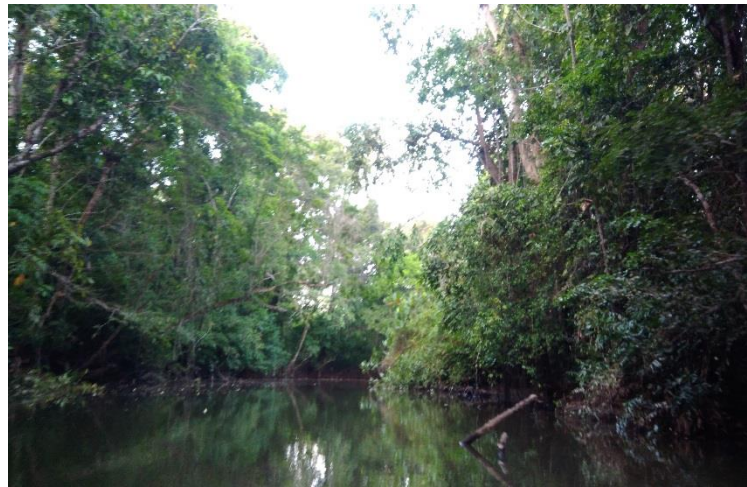
Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Não demorou, o canoeiro chegou, embarcamos os sacos plásticos para embalar o barro, o lanche juntamente com o café, e partimos rumo ao barreiro localizado na comunidade de Santo Antônio do Maruanum, no terreno da família da Tia Alexandra¹⁵. Além do canoeiro que guiava a rabeta¹⁶, estavam na canoa, eu, Ana Paula e Dona Marciana (Foto 10). As outras louceiras seguiram nas suas canoas.

¹⁵ Antiga louceira do Maruanum já falecida.

¹⁶ Canoa movida por um motor.

Foto 10- Na canoa rumo ao barreiro.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

No caminho para o barreiro, a natureza se apresentava de muitas formas, nas árvores, nos pássaros, nos sons da mata, anunciavam que “o caminho do rio” é permeado de vida, encantos e mistérios. Cerca de 20 minutos chegamos ao barreiro (Foto 11).

Foto 11- No barreiro para acompanhar a extração da argila.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Fui logo acompanhar a retirada dos galhos de árvores úteis para abrir o buraco no barreiro. Entrei devagar e com atenção na área de mata, observando por onde pisava, pois é bem possível ao adentrar a floresta encontrar uma cobra ou outros animais peçonhentos. Apesar de todo cuidado, acabei pisando em um galho de árvore que fez um pequeno corte na minha perna direita.

A extração da argila foi um momento importante para a pesquisa. Na observação participante pude ter contato com o barro, vivenciei *in loco* cada etapa e as dificuldades na retirada das camadas de terra e de barro, presenciei e também fiz oferendas à “Mãe do Barro”, ouvi ladrões de Marabaixo¹⁷ cantados pela Dona Marciana. Atentamente, acompanhei a limpeza e o armazenamento das bolas de argila, compartilhei do lanche e da água com os demais participantes da retirada, suportei o calor, mosquitos e borrachudos, medi as camadas do buraco, ajudei a tampar o buraco com a terra e argila que não serviam para fazer louças (Foto 12). Não consegui carregar as bolas de argila, elas pesavam de 20 a 30 kilos, pois no final eu já estava bastante esgotada fisicamente. Desde 2012, em 2018 foi o ano mais difícil em termos de temperatura, todos os participantes da extração estavam o tempo todo expostos ao sol.

Foto 12- Ajudando a tampar o buraco com terra e argila.



Fonte: FERREIRA, Ana Paula da Conceição (2018).

Ficamos no barreiro até por volta de meio dia, momento em que o barro foi repartido coletivamente e o buraco fechado e sinalizado com galhos de árvores. A experiência da retirada do barro e demais etapas do processo do criar-saber-fazer cerâmico será detalhado no capítulo 5 da tese.

¹⁷ Versos improvisados em forma de música pelas cantadeiras de Marabaixo.

Retornamos novamente de rabeta (canoa com motor). As demais louceiras também seguiram com as canoas recheadas de bolas de argila até as suas moradias (Foto 13). As bolas de argila da Dona Marciana foram levadas em outra canoa pelo seu filho Carmo, pois não era possível levá-las conosco.

Foto 13- Louceiras voltando de canoa.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Desembarcamos no trapiche da casa da Dona Marciana, já passava do meio dia. A próxima etapa seria acompanhar a reunião do grupo de Marabaixo coordenado por Dona Marciana. O encontro estava marcado para as duas horas da tarde. Essa reunião trataria sobre os preparativos da participação do Grupo Folclórico de Santa Luzia do Maruanum no Encontro dos Tambores¹⁸. Esse evento acontece no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) em Macapá. Esse momento também me oportunizaria reencontrar com as louceiras, a maioria delas faz parte do grupo de Marabaixo.

Porém, o campo de pesquisa também traz surpresas ruins. Recebemos a notícia do falecimento do Seu Lino. Ele era companheiro de Dona Marciana há alguns anos, ele a acompanhava nas rodas de Marabaixo em todos os lugares que ela ia.

¹⁸ Por ocasião das comemorações da Semana da Consciência Negra no Amapá [...] realiza-se um evento denominado “Encontro dos Tambores”, no qual são reunidos grupos urbanos e comunidades rurais que praticam manifestações de origem afro no estado. O encontro se apresenta como um ritual de conagração das tradições culturais e da população negra do estado (SILVA, 2014, p.01).

Diante do ocorrido, a pesquisa foi interrompida e retornamos à Macapá com a Dona Marciana.

Voltamos ao Maruanum foi no dia seguinte (28 de outubro de 2018) partimos de Macapá (eu e Ana Paula) após o almoço. Chegamos ao Maruanum por volta de duas horas da tarde, eu precisava visitar as louceiras para colher algumas imagens, era necessário vivenciar o Maruanum. Durante toda a tarde até o início da noite visitei as louceiras (Foto 14) e locais públicos das comunidades.

Foto 14- Louceira Dona Irene (à esquerda) e a Louceira Castorina (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Foi fundamental retornar ao campo de pesquisa, depois do lamentável ocorrido, eu precisava cumprir o roteiro de pesquisa. Jantamos na casa da Dona Mariquinha juntamente com toda família. Eu e Ana Paula dormimos em uma casa que é ponto de apoio dela quando vai lecionar nas comunidades do Maruanum. Ana Paula é professora da disciplina História no módulo¹⁹. A pesquisa nas duas comunidades continuou no dia 29 de outubro de 2018, visitamos as obras do Centro de comercialização e exposição de produtos artesanais do Distrito do Maruanum, obra da Prefeitura Municipal de Macapá. O terreno onde o Centro está sendo construído pertence a Associação das Louceiras do Maruanum (ALOMA) (Foto 15).

¹⁹ No Amapá, o ensino modular é ofertado às comunidades mais afastadas da capital Macapá que é dividido em quatro módulos, com 50 dias letivos. Os professores que lecionam no ensino fundamental e médio nestas comunidades são conhecidos como professores do módulo.

Foto 15- Centro de comercialização e exposição de produtos artesanais (à esquerda) e Igreja de Santa Luzia do Maruanum (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Retornamos à tarde no dia 29 de outubro de 2018 do Distrito do Maruanum para Macapá. Então, a coleta de dados e vivência em campo de pesquisa nas comunidades foi finalizada. O próximo passo da pesquisa foi no dia seguinte, 30 de outubro de 2018. Em Macapá, percorremos quatro órgãos voltados à cultura, dois pela manhã e dois à tarde. As entrevistas foram marcadas previamente com os gestores e/ou representantes dos órgãos da cultura. Antes da coleta de dados, foi explicado o projeto de pesquisa para cada um, todos assinaram a TCLE e responderam ao questionário (APÊNDICE D) e também concederam entrevista aberta. Todos nos receberam pontualmente no horário marcado. Este foi um ponto positivo, pois não foi necessário estender o tempo de pesquisa (Foto 16). Aplicados os instrumentos de pesquisa, passamos para a terceira etapa que se deu com a sistematização dos dados. Os dados foram discutidos no capítulo 6 da tese.

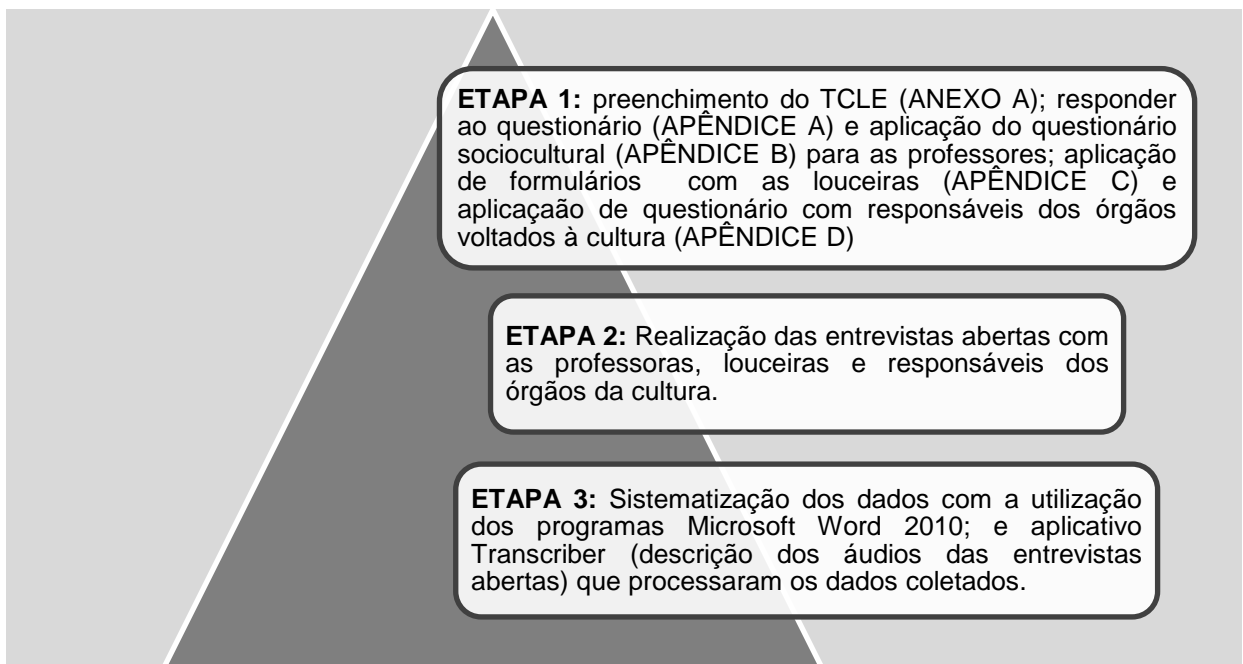
Foto 16- Órgão federal ligado a cultura (à esquerda) e Órgão estadual ligado a cultura (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Em síntese, a coleta de dados no campo foi realizada em três etapas:

Figura 3- Etapas de produção de dados.



Fonte: Organizado por Costa, 2019.

Na terceira etapa realizamos a sistematização dos dados e para isso foi utilizado os programas Microsoft Word 2010 e o aplicativo *Transcriber* que fez a transcrição dos áudios coletados nas entrevistas abertas. Os resultados das interpretações dos dados são encontrados no capítulo 6, tendo como aporte

metodológico a análise de conteúdo de Bardin, com o auxílio do *software* Cmap Tools que gerou mapas conceituais.

No próximo capítulo, a pesquisa trata sobre A dimensão conceitual do patrimônio cultural material e imaterial em convergência com a educação ambiental patrimonial, na qual foi discutido questões conceituais de patrimônio cultural material e imaterial, a educação patrimonial e a convergência com a educação formal, informal e não formal, e a educação ambiental patrimonial como vertente da educação ambiental.

Patrimônio: qual é o teu?

O que é patrimônio?
 Uma pergunta difícil de responder
 Vai muito além dos bens materiais
 Daquilo que podemos ver e perceber
 Patrimônio tem memória, cheiros e sensações
 Faz parte da vida e não da morte
 É coletivo, é da sorte
 É o pensar, o agir, o falar, o experimentar
 O patrimônio é belo, é forte e parte de nós
 Tudo aquilo que sabes, que leres, que sentires, que lembrares
 Tudo aquilo que produzires, que amares
 É o teu patrimônio
 Patrimônio é aquilo que criamos e acreditamos
 Para se ter um patrimônio, é preciso ter história
 O teu fazer, o teu saber, o teu olhar, o teu criar, o teu cantar

Célia Souza

Foto 17- Exposição aberta das louças do Maruanum no IMPROIR.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

4 A DIMENSÃO CONCEITUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL EM CONVERGÊNCIA COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PATRIMONIAL

Segundo Costa (2019a, p.02) “com o advento da política de educação ambiental, o tema educação patrimonial se difunde [...] por meio das ações e intervenções promovidas pelo IPHAN²⁰ e demais organizações públicas e da sociedade civil”. A educação patrimonial se apresenta como um instrumento permeado de ações que visam o cuidado, a conservação, a difusão, a valorização, o reconhecimento dos bens culturais materiais e imateriais como patrimônio de todos.

Paes (2013, p.30) explica que há uma “tentativa de estabelecer um marco zero para a ‘educação patrimonial’, fixando uma data de nascimento (1983)”, na cidade de Petrópolis, no Museu Imperial. Costa (2019a, p.02) menciona que “no Brasil, as publicações sobre educação patrimonial foram impulsionadas pelo IPHAN, com mais intensidade a partir dos primeiros anos do século XXI”. O livro Guia Básico da Educação Patrimonial publicado em 1999 de autoria Maria de Lourdes Parreira, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro foi a primeira produção teórica sobre a educação patrimonial (COSTA, 2019a, p.02).

No Brasil, as primeiras incursões em torno do patrimônio cultural datam 1937, com a fundação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), somente em 1994 transformou-se em IPHAN, responsável por articular e promover “[...] ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio [...] instaurando um campo de discussões teóricas, e conceituais e metodologias de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas” (FLORÊNCIO *et al.*, 2014, p.5).

Mais que educação patrimonial, a tese defende a ideia de uma Educação Ambiental Patrimonial (EAP), para isso se faz fundamental conceituar o Patrimônio Cultural Material e Imaterial; discutir sobre a Educação Ambiental e a Complexidade Cultural; evidenciar a Educação Ambiental Patrimonial como uma nova concepção da Educação Patrimonial e a convergência com a educação formal, informal e não formal; e em seguida Educação Ambiental Patrimonial como vertente da Educação Ambiental.

²⁰ Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

4.1 PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL: CONCEITOS INTERLIGADOS

Ao longo dessa caminhada até chegar ao patrimônio cultural do criar-saber-fazer das Louceiras do Maruanum foi necessário refletir sobre os conceitos epistemológicos orientadores da teoria acerca do patrimônio. Nessa tese, o patrimônio é descrito pelo olhar cultural, antropológico, histórico e no mundo vivido, nas relações estabelecidas entre a comunidade detentora do bem e o próprio patrimônio.

Gallois (2011, p.11) afirma que o patrimônio advém da palavra *pater*. Em latim significa '*pai*'. A patrimônio passou a significar: '*aquilo que se herda do pai*' (os bens de família oriundas da figura masculina). Nessa tese foi acrescentada a figura feminina no patrimônio, a hereditariedade advinda da *mater*, da mãe. Assim, o patrimônio deixa de ser uma atribuição apenas masculina e se expande à mulher como detentora de saberes e de patrimônios, ou seja, o patrimônio é de cunho conceitual e vivencial: está ligado ao processo, ele é mutável, vivo e processual.

Ao corroborar com Gallois (2011), Oliveira (2014, p. 85) explica que o patrimônio está suscetível a processos, a mudanças e necessita dos cuidados das presentes e futuras gerações, uma vez que " [...] o patrimônio cultural, os bens patrimonializáveis em si, não dependem apenas do título para se manterem vivo, mas principalmente da sabedoria transmitida e cultivada nas bases familiares dos grupos e comunidades". O reconhecimento pelo poder público não basta, é preciso ir além, o patrimônio necessita estar presente na vida da comunidade para se manter presente. Aliás, as sociabilidades estabelecidas a partir do patrimônio cultural são complexas, profundas e por vezes contraditórias. Ao mesmo tempo que o patrimônio está impregnado no mundo da vida da comunidade, ele sofre perigos de desaparecer como é o caso do criar-saber-fazer ceramista das louceiras do Maruanum.

Segundo Pelegrini e Funari (2009, p.15) foi a partir da Revolução Francesa (1789) que houve a destruição de tudo aquilo que representava a monarquia, inclusive de castelos e monumentos. Com a queda da Bastilha e a criação da nação francesa, os resquícios dos monumentos, obras de artes e todo o conjunto histórico sobrevivente aos ataques da revolução foram incorporados como patrimônio da nação.

Em plena Revolução Francesa, em meio às violências e lutas civis, criava-se uma comissão encarregada da preservação dos monumentos nacionais. O objetivo era proteger os monumentos que representavam a incipiente nação francesa e sua cultura. A legislação protetora do patrimônio nacional francês tardaria ainda em muitas décadas, pois a primeira lei é de 1887, tendo sido complementada por uma legislação mais ampla em 1906, já em pleno século XX. Essas e outras disposições legais, na França, voltaram-se para a limitação dos direitos de propriedade privada, em benefício do patrimônio nacional, de acordo com a tradição do direito romano (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p.19).

A Revolução Francesa como movimento político conseguiu reverter todo o patrimônio do clero e da monarquia para o patrimônio nacional. Choay (2006, p.98) afirma que “[...] um dos primeiros atos jurídicos da Constituinte, em 2 de outubro de 1789, foi colocar os bens do clero ‘a disposição da nação’”. A França é considerada a pioneira em termos de legislação e experiências no trato com o patrimônio. Choay (2006) narra na obra *Alegoria do patrimônio*, a trajetória de como a França realizou a curadoria dos bens da nação especialmente dos monumentos históricos, ou seja, do patrimônio material edificado. Porém, todo esse pioneirismo francês é marcado por conflitos e debates.

No que tange ao conceito de patrimônio cultural, Pelegrini e Funari (2008, p.28) mostram que ele “está imbricado com as identidades sociais e resulta, primeiro das políticas do estado nacional e, em seguida, do seu questionamento no quadro da defesa da diversidade”, movimento mais recente. O “patrimônio cultural associou-se, nos séculos XVIII e XIX com a nação, com a escolha daquilo que representaria a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios e outras formas de expressão”.

O tema patrimônio como destaca Lemos (2013, p.22) é emergente e contemporâneo, “a preservação sistemática de segmentos do Patrimônio Cultural, tem sido tratada com seriedade somente agora nos tempos recentes, a partir dos primeiros movimentos europeus da segunda metade do século XIX”. Neste primeiro momento, a noção daquilo que é patrimônio está voltado para construções de pedra e cal. Os bens de natureza material são os únicos reconhecidos como tal. Esses monumentos históricos vistos como patrimônios são carregados de simbolismos e representações de cultura elitizada, especialmente com a valorização da cultura europeia.

Não existem documentos que comprovem o registro do patrimônio brasileiro desde o Brasil Colônia. Essa preocupação existia, porém até o começo do século XX não havia qualquer tipo de proteção ao patrimônio histórico cultural brasileiro. Oliveira (2012, p.11) explica que a existência de quaisquer matérias de tutela protetiva do

patrimônio no Brasil esbarraria em questões econômicas “numa restrição ao ‘sagrado’ direito de propriedade, fundamento basilar da sociedade liberal burguesa do período [...] omissão da matéria nas Constituições brasileiras de 1824 e 1891”.

De fato, todas as manifestações culturais indígenas, caboclas e negras desde o Brasil Colônia até o século XX foram invisibilizadas, justamente porque a noção de patrimônio histórico cultural era atrelada a elite. Oliveira (2012, p. 12) explica que a “[...] legítima cultura brasileira era sufocada pela corda da civilização europeia” Como exemplo, o autor cita as obras literárias, as artes visuais e demais produções artísticas viam “[...] a remissão à memória indígena nacional, ocorrida pelo Romantismo brasileiro do século XIX, não passava de uma adaptação ‘tupiniquim’ à referência histórica aos cavaleiros medievais que o Romantismo europeu promovia na mesma época”.

Sem a história escrita da trajetória do nosso patrimônio cultural brasileiro, desde as nossas origens sob o poderio de Portugal. Lemos (2013, p. 34) relembra que Conde de Galveias escreveu uma carta em 1742 para Luís Pereira Freire de Andrade (governador de Pernambuco) criticando a decisão de transformar o Palácio das Duas Torres (obra Holandesa) em quartel para tropas. Lemos (2013, p.35) diz que na década de 1920, o deputado Wanderley Pinho, formado em História elaborou um projeto de lei para a proteção do patrimônio cultural. Em 1923, o deputado Luiz Cedro também encabeçou um projeto voltado para o patrimônio e solicitou a criação de um Inspeção dos Monumentos Históricos dos Estados Unidos do Brasil. Em 1925, Jair Lins por intermédio do Presidente de Minas Gerais Mello Viana também propôs um projeto de lei com a inserção de bens patrimoniais de móveis (objetos) e imóveis (prédios).

Além destas iniciativas de projetos de lei sobre o patrimônio histórico e cultural, a década de 1920 no Brasil, representou a mola percussora para os anos seguintes. Torelly (2012, p.4,5) explica que foi durante o movimento cultural brasileiro da Semana da Arte Moderna (1922), que inseriu uma nova cosmovisão de estética voltada para a valorização do povo brasileiro como ameríndio, caboclo, caipira e africano.

Oliveira (2012, p.12) acrescenta que a Semana da Arte Moderna “foi o ‘rio principal’, nutrido por diversos ‘afluentes’ (como a exposição de pinturas de Anita Malfatti, ocorrida em 1917, objeto de duras críticas por Monteiro Lobato). Torelly (2012, p.4) também evidencia “o manifesto antropófago de Oswald de Andrade, de 1928, ele propõe deglutição das formas importadas para produzir uma arte e cultura

genuinamente nacionais”. Apesar de todas essas tentativas de proteção ao patrimônio histórico e cultural, o Brasil somente foi avançar a esse respeito na década de 1930.

O real avanço no âmbito das políticas públicas sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural no Brasil, segundo Oliveira (2012,p.13) ocorreu em 1934 com a Constituição Brasileira, a qual regulamentou no artigo 10, inciso III, “a competência concorrente entre a União e os Estados-Membros para proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico e artístico [...]”.

O segundo avanço, apontado por Lemos (2013, p.38) foi “em 1936 quando Mário de Andrade propôs um projeto sobre essa matéria, que primeiramente esteve conectada ao Ministério da Educação e Saúde comandada por Gustavo Capanema”. O terceiro avanço na visão de Oliveira (2012, p.13) foi em 1937 com a nova Constituição Federal, foi “a primeira norma constitucional prevendo, expressamente, a proteção pela Constituição de um bem cultural [...] inovou ao tratar mais amplamente da proteção ao patrimônio cultural em seu artigo 134”.

Com o surgimento do SPHAN em 1937 no governo de Getúlio Vargas, Torelly (2012, p.5) assegura o estabelecimento de um conceito de patrimônio cultural juntamente com o instituto do tombamento. O artigo 1º do Decreto-Lei 25 tem a seguinte definição de patrimônio cultural:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937).

Com a criação do SPHAN o conceito de patrimônio cultural material estava consolidado. Gallois (2011, p.12) afirma que “até o começo do século XX, o patrimônio nacional designava apenas bens materiais”. O patrimônio material era formado por bens móveis e imóveis, Porta (2012,p.29) os conceitua como objetos e documentos (documentos textuais, fotografias, mapas e plantas, livros e documentos bibliográficos, objetos pertencentes a museus e bens integrados tombados isoladamente); bens móveis e integrados (objetos em bens tomados, coleções de arte e acervos de museus conjuntos urbanos, conjuntos rurais); bens imóveis (edificações, equipamentos urbanos e infraestrutura, jardins e parques históricos, ruínas); bens arqueológicos (sítios arqueológicos, coleções e acervos arqueológicos, bens

paleontológicos, sítios arqueológicos cadastrados); patrimônio naval (embarcações, acervos museológico) e paisagens naturais.

Para Pelegrini e Funari (2008, p.26), o patrimônio cultural material é formado pelo homem, pela “cultura material como a totalidade do mundo físico apropriado pelas sociedades humanas. Estão incluídos não apenas o que o ser humano produz, na forma de artefatos, como tudo o que ele transforma no decorrer do tempo”. Costa (2014, p.14) alude como parte do patrimônio material “os monumentos imponentes, como as fortificações que expressam materialidade são chamados no meio científico especializado como bens de ‘pedra e cal’”. Costa (2014, p.18) acredita que “o patrimônio material por ser palpável e visualmente detectado tem um reconhecimento social quase que imediato, pois qualquer indivíduo ao visualizar um Forte ou Fortaleza já identifica tal monumento como patrimônio material”.

Três conferências internacionais sobre o patrimônio cultural foram importantes para impulsionar o debate entre as nações em todo o mundo. A primeira é a Carta de Veneza (1964), ela culminou com o II Encontro Internacional de Arquitetos e Técnico dos Monumentos Históricos e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório que sistematizaram uma Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios, fazendo uma alusão a Carta de Atenas de 1931. A segunda foi a Declaração de Amsterdã (1975), no qual se deu ênfase ao patrimônio arquitetônico da Europa como parte integral do patrimônio cultural do mundo. A terceira foi a Declaração do México com a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (1982) que fez um apelo a UNESCO “para que prossiga e reforce sua ação de aproximação cultural entre os povos e as nações”.

Costa (2014, p.14) explica que no âmbito do patrimônio histórico, artístico e cultural, um dos avanços contemporâneos se deu com o reconhecimento da Constituição Federal de 1988. Especificamente os artigos 215 e 216 preveem: “a tutela dos bens culturais, mas este tratamento voltado para o patrimônio cultural brasileiro foi possível graças aos reflexos de convenções e conferências internacionais”. Costa (2014, p.14) cita as convenções do “Patrimônio Mundial, celebrada em 1972 e a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais realizada em Mondiacult (México) em 1982” como as propulsoras para o fortalecimento jurídico do patrimônio brasileiro.

Outros encontros internacionais promovidos pela UNESCO²¹ também influenciaram a criação de políticas públicas direcionadas para o patrimônio cultural. Boneti (2011, p.11-18) diz que a relação entre a sociedade civil e órgãos como a UNESCO formam “os agentes definidores das políticas públicas”. As políticas públicas são “o resultado da dinâmica do jogo de forças que se estabelece no âmbito do poder, relações essas constituídas pelos grupos econômicos e políticos, classes sociais e demais organizações da sociedade civil”.

Como prova destes movimentos impulsionados pela UNESCO, a entidade apresentou em 1954 a Carta de Haia²²; em 1972 realizou a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural para discutir sobre os bens naturais e culturais; em 1989 na 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, a Recomendação sobre a salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular; e em 2001, a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural. Eventos propagadores do debate acerca do patrimônio histórico, artístico e cultural que propiciaram outros movimentos e mudanças de conceitos.

Passada a era do patrimônio puramente material com a valorização extrema de monumentos de pedra e cal. Chegou a vez da revolução do termo patrimônio, com a ampliação para o patrimônio imaterial, isso graças a Convenção Internacional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural imaterial (2003) realizada em Paris (França) também subsidiada pela UNESCO. Um dos feitos desta Convenção foi conceituar o patrimônio imaterial como:

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (Convenção Internacional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003,p.4).

²¹ Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura.

²² Todos os bens culturais devem ser beneficiados, no mínimo, de uma “proteção geral”, tal como dispõe a Convenção. Proteção: Os Estados Partes cuidarão de seus próprios bens culturais contra os efeitos previsíveis de um conflito armado (CBC, art. 3); Os Estados Partes também respeitarão todos os bens culturais 1) abstendo-se de utilizá-los para fins que podem expor tais bens à destruição ou deterioração em caso de conflito armado; (2) abstendo-se de todo ato de hostilidade a respeito de tais bens (CBC, art. 4) (UNESCO, 1954).

Eis que o divisor de águas a respeito do patrimônio cultural emerge internacionalmente somente no século XXI. Há de se reconhecer a UNESCO como agente multinacional que contribuiu para o alargamento do conceito patrimônio. Por outro lado, abre-se um parêntese para apresentar outra versão quanto ao interesse da UNESCO em encabeçar o âmbito cultural nos outros países. Para Boneti (2011, p.53) “a interferência de agências internacionais na elaboração e efetivação de políticas públicas nacionais [...] buscam atender às demandas da lógica da expansão do capitalismo global”. De certo modo, o reconhecimento do patrimônio imaterial nos países acarreta a movimentação monetária, como por exemplo a expansão do rol de patrimônios como parte atrativa para o turismo, onde a meta é a geração de riqueza para grupos dominantes.

Apesar de todas essas questões do capitalismo global, optou-se por uma discussão centrada nas contribuições da UNESCO para o fortalecimento do conceito patrimônio. Esse é o lado positivo, afinal, é importante conviver com o capitalismo, de modo que ele não se apodere daquilo que há de mais precioso nas comunidades: o patrimônio, seja ele material ou imaterial. Uma vez fechado este parêntese, volta-se ao debate sobre o patrimônio imaterial.

O Brasil deu um passo à frente a partir do projeto de Mário de Andrade (1936) que já previa o imaterial e demais patrimônios como a arte arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e artes aplicadas estrangeiras. Em 2000, três anos antes da Convenção o Brasil já tinha institucionalizado via IPHAN o Registro dos Bens de Culturais de Natureza Imaterial (inventário e registro); e mais tarde o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).

Corá (2013, p.122) informa que “o PNPI²³ resgata as preocupações e orientações que Mário de Andrade apontava [...] em compreender o patrimônio como um bem cultural representante da identidade cultural brasileira”. O primeiro registro de bem cultural de natureza imaterial realizada no Brasil aconteceu em 20 de dezembro de 2002 com o reconhecimento da forma de expressão dos índios Wajãpi do Amapá com a arte Kusiwa (pintura corporal e arte gráfica Wajãpi). Corá (2013, p.124) diz que “uma das características mais importantes dos patrimônios imateriais é a capacidade

²³ Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

de mudar, de adaptar-se e de construir novos significados simbólicos, conforme as demandas do ambiente e de seus atores”. Inclusive, a própria Convenção estabeleceu que o patrimônio imaterial se manifesta das seguintes formas:

a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais humana (Convenção Internacional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, UNESCO, 2003, p.5).

Sobre o patrimônio imaterial, Costa (2014, p.18) explica que diferentemente do patrimônio material “nem sempre é fácil de ser apreciado [...] a imaterialidade também pode mostrar-se através da memória coletiva de um determinado grupo, seja através de histórias locais, crenças, costumes, saberes, tradições e lendas”. Já Porta (2012, p.29) assegura que os bens imateriais são formados por “saberes; formas de expressão; celebrações e lugares”. Pelegrini e Funari (2009, p.46) apresentam um conceito de que o patrimônio imaterial é transmitido de forma geracional é marcado pela alteridade, “ele é considerado algo de constantes ‘recriações’ decorrentes das mutações entre as comunidades e grupos que convivem num dado espaço social”.

Nestas abordagens acerca do patrimônio imaterial é preponderante a ideia que as práticas culturais e as formas de transmissão são influenciadas pela dinâmica social, das transformações oriundas da realidade de cada comunidade detentora do patrimônio. Estas mudanças ocorrem no cotidiano, com o passar do tempo e como os comunitários se relacionam com o patrimônio no decorrer do mundo da vida. O patrimônio imaterial, se apresenta para o além da nossa capacidade humana do ver, ele se manifesta em outra capacidade nossa, mais sensível e experiencial.

4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PATRIMONIAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO

A educação patrimonial no Brasil é nova, as primeiras iniciativas sistematizadas surgiram na década de 1980. Na ótica de Marchette (2016, p.89), “a educação patrimonial é um processo de aprendizagem que se realiza mediante a utilização dos bens culturais, de natureza material e imaterial, como recursos educacionais”. Os bens culturais materiais e imateriais surgem como protagonistas para a promoção da educação patrimonial nos ambientes de aprendizagem. Marchette (2016, p.89) ainda

complementa que “tal processo permite aproximar a sociedade do patrimônio cultural que a representa simbolicamente, promovendo a ampliação do entendimento da história passada e presente”.

Para Florêncio (2015, p.24), “a educação patrimonial deve ser tratada como um conceito basilar para valorização da diversidade cultural, para a definição de identidades e de alteridades no mundo contemporâneo”. Então, a educação patrimonial deve acolher as distintas formas e olhares da comunidade, sem imposição do saber dos técnicos. Florêncio (2015, p.24) diz que na prática existe “um campo de lutas e contradições”, capaz de dar “visibilidade de culturas marginalizadas ou excluídas da modernidade ocidental, e que são fundamentais para o estabelecimento de diálogos interculturais”.

Sendo assim, Florêncio (2015, p.26) amplia o conceito de educação patrimonial como aquela que “[...] se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local”. Um saber local possuidor de ontologia, cosmologia e ritmos próprios, com significados, expressões e racionalidades que vão de encontro com o cartesianismo da racionalidade moderna.

Boneti (2018, p.27) chamou essa racionalidade moderna de “epistemologia clássica da educação”, ela tem como base um “processo da construção histórica da ciência moderna da organização social, o Estado, instituiu um ‘modelo civilizatório’ de uma sociedade ‘racional’ de referência para as atividades educacionais”. Mas, a educação patrimonial proposta por Florêncio rompe com a racionalidade moderna e “reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local” (FLORÊNCIO, 2015, p.26).

Sobre isso, Riffel (2017, p.50) assegura que a missão da educação patrimonial é “promover ações educativas que tenham como premissa a identificação de expressões culturais locais e territoriais e precisa, sobremaneira, compreender os espaços públicos e comunitários como espaços formativos”. Nesse processo, é fundamental “construir mecanismos que agenciem a valorização dos bens culturais junto às comunidades, essas práticas potencializam o estabelecimento e fortalecimento de vínculos das comunidades com seus patrimônios”.

Marchette (2016, p.89) explica que “na vida comunitária, a educação patrimonial é um elemento estratégico da atuação política, da constituição da memória e da sustentabilidade dos saberes tradicionais”. Já Riffel (2017, p.49,50) acrescenta

que a “educação patrimonial tem um papel decisivo no processo de valorização do patrimônio cultural, pois ela possibilita extrapolar as usuais abordagens acerca da preservação do patrimônio”.

Com base no exposto destacamos que a educação patrimonial é flexível, as ações são sistematizadas de acordo com as características de cada comunidade detentora do patrimônio. Segundo Riffel (2017, p.50), “as ações da Educação Patrimonial devem partir da premissa de que a preservação dos bens culturais consiste em práticas sociais [...] nos espaços de vida das pessoas”. Fica claro que o patrimônio cultural precisa estar inserido no mundo da vida, no cotidiano das pessoas. Esse é o desafio da educação patrimonial: desenvolver a sensibilidade afetiva, de pertença e identidade entre o bem e os comunitários. Para tanto, é fundamental conhecer a representação social daquele bem para a comunidade.

Neste liame, Scifoni (2015, p.197) assume que é fundamental repensar sobre a educação patrimonial, “recusando a postura que a identifica como mera transmissão de informações e conteúdos”. Scifoni (2015, p.198) ressalta que essa transmissão ocorre por meio das “famosas cartilhas e folhetos informativos que nada mais são do que produtos pensados e executados de cima para baixo, muitas vezes nem sequer atendem às demandas locais, há uma visão preconcebida dos técnicos a respeito dos lugares onde atuam”. Outrossim, Scifoni (2015, p.198) advoga que a “educação patrimonial é processo e não produto, e da necessidade de envolvê-la como parte integrante do conjunto de estratégias e ações desenvolvidas desde o início da fase de identificação e proteção dos bens”.

Demarchi (2018, p.147) também critica a forma como a educação patrimonial por algumas vezes é empregada, ele afirma que no “âmbito da educação patrimonial sob a ideologia da competência, os cidadãos são alijados da eleição e identificação de suas referências culturais”. Convém, refletir sobre a crítica de Demarchi, os bens culturais para serem protegidos, preservados e valorizados pelas comunidades detentoras, antes de tudo precisam ser reconhecidos e eleitos pela própria comunidade. Porém, Demarchi (2018, p.147) menciona que muitas vezes os comunitários “são invalidados de contribuir com seus saberes para a construção do conhecimento acerca de tal patrimônio. Eles são colocados na situação passiva de receberem as informações sobre o patrimônio a ser preservado”.

Para responder a crítica lançada por Demarchi, Tolentino (2018, p.54) traz uma nova perspectiva de pensar a educação patrimonial que é decolonial, “esse novo

pensamento que busca considerar as referências culturais dos diferentes segmentos sociais e romper com a lógica da homogeneização da identidade nacional”. O pensamento decolonial já estava intrinsecamente manifestado no Projeto de Mário de Andrade em 1936. Na visão de Tolentino (2018, p. 54) a decolonialidade é percebida pela primeira vez no SPHAN, “com a criação do CNRC²⁴, na década de 1980, juntamente com os ideais de Aloísio Magalhães quando esteve à frente da Fundação Nacional Pró -Memória”.

Realmente toda a trajetória do patrimônio cultural brasileiro tem fortes influências eurocêntricas, especialmente por conta da Revolução Francesa e depois pelo pioneirismo no trato com o patrimônio nacional francês, por isso a França, hoje ainda é uma referência. Outro fator que alude a Europa são os monumentos de “pedra e cal”, que logo no início do SPHAN e depois com o IPHAN (1994) foram valorizados e muitos tombados no Brasil como patrimônios danção brasileira. Scifoni (2015, p.200) explica: “no Brasil, a escolha histórica em acompanhar o modelo francês de proteção do patrimônio nos tornou reféns da representação da memória a partir de tudo que é monumental e excepcional”.

Repensar a Educação Patrimonial significa também, antes de tudo, refletir sobre o conjunto de bens que é apresentado como nossa herança coletiva. A trajetória das políticas de patrimônio no Brasil nos coloca diante de um conjunto patrimonial como um todo bem coeso e uniforme: são sedes de fazendas, palacetes e engenhos produtores da riqueza econômica do país; fortificações e fortalezas militares que garantiram a posse do território pela colonização portuguesa; igrejas e capelas que evidenciam o papel do catolicismo na construção da nação; Casas de Câmara e Cadeia que representam o poder e controle de uma elite política sobre o social. A coesão e uniformidade em um país de grande diversidade cultural são dadas, assim, pelos sujeitos ali representados, todos eles ligados às elites econômica, política, religiosa e militar. Neste conjunto, pode-se notar poucos bens de caráter mais popular, ligados às classes trabalhadoras, deixando claro que esta herança coletiva relega um papel apenas marginal e secundário àquilo que poderia simbolizar as classes populares, os camponeses, os operários, os trabalhadores em geral, sujeitos produtores da riqueza material (SCIFONI, 2015,p.200).

A cultura genuinamente brasileira foi subjugada e somente ganhou destaque nos primeiros anos do século XXI, especialmente com o Decreto n.3.551 de 2000 instituindo o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial (RBCNI), depois com a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), e mais tarde com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (2003) reconhecendo

²⁴ Centro Nacional de Referência Cultural.

celebrações, rituais, formas de expressão, técnicas, práticas e saberes de grupos sociais e comunidades brasileiras como as quilombolas, indígenas, caiçaras, caboclas, antes renegadas pelo Estado.

Apesar dos grandes avanços em torno da educação ambiental e até mesmo do reconhecimento estatal por meio do IPHAN referente aos bens culturais brasileiros, Tolentino (2018, p.55) afirma que os processos de patrimonialização ainda “contribuem para a manutenção das matrizes fundantes que reforçam a dominação do saber-poder característicos da colonialidade”.

Por isso, é importante se atentar às ações de educação patrimonial tradicionais e decoloniais. Tolentino (2018, p.55) alerta que essas “atuações são diversas e coexistem, ainda nos dias de hoje com processos emancipadores (decoloniais)”. Se a educação patrimonial adotada for a tradicional, as “práticas constroem narrativas identitárias nacionais elitistas, dominadoras, excludentes e colonizantes”. Tolentino (2018, p. 57) reage: “não é possível mais se admitir que práticas de patrimonialização mantenham e reproduzam a colonialidade do poder e que as práticas educativas reencarnem e sejam reprodutoras da colonialidade do saber e do ser”.

Neste mesmo viés, Scifoni (2017, p.13) defende a nova educação patrimonial: “deve superar a ideia da transmissão da cultura e da informação, para entendê-lo como processo de formação da consciência crítica sobre a realidade que pode possibilitar o reconhecimento das pessoas como sujeitos de sua própria história [...]”. Scifoni (2017, p.13) aponta caminhos para essa nova pedagogia da educação patrimonial, ela precisa “ser renovadora, deve partir, [...] desta problematização da realidade e das políticas [...] desmistificando ideias conservadoras do passado, superando os limites de uma ação tradicionalista [...]”.

Entre essas duas dicotomias que acompanham a educação patrimonial (a educação patrimonial tradicional e a educação patrimonial decolonial); a Educação Ambiental Patrimonial (EAP) adere a referência decolonial. Atualmente, já não cabe a perspectiva tradicional que privilegia a excepcionalidade, as obras de pedra e cal e exclui totalmente os bens culturais do povo, das comunidades tradicionais, marginalizadas e periféricas dos processos de decisão. É nos processos de decisão que a educação voltada para os bens culturais começa a agir, por meio de atividades dialógicas e reflexivas, como o Círculo de Cultura de Paulo Freire.

4.2.1 A educação patrimonial e a convergência com a educação formal, informal e não formal.

A educação patrimonial pode praticada nos mais diversos ambientes, ela não é uma ação específica do âmbito escolar, ela pode circular na educação formal, informal e não formal. Logo, há uma convergência entre a educação patrimonial e essas três formas de educação que se manifestam no mundo da vida, na troca de saberes entre os sujeitos, o que Boaventura de Sousa Santos (2009) chama de ecologia de saberes.

Neste sentido, Santos (2009, p.45) vê a ecologia de saberes como o “interconhecimento”, há “[...] como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico”. Daí, emerge a convicção de que os espaços vivenciais, onde acontecem as relações sociais são potências para uma diversidade de aprendizagens seja na educação formal, informal e não formal.

No Brasil, uma das autoras dedicada a estudar as distinções teóricas entre essas três categorias de educação é Maria Glória Gohn (2006a, p.2), ela conceitua a educação formal como “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados”, ou seja, é a educação escolar. A autora explica que “a educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definido previamente”. A educação formal visa priorizar aspectos: “relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis, [...] formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências [...]”.

Na prática, a educação patrimonial pode acontecer na educação formal por meio das disciplinas, como História, Geografia, Artes, Filosofia, Sociologia e ainda transitar de forma interdisciplinar em outras matérias como Língua Portuguesa e Matemática. Dentre os vários programas lançados pelo Ministério da Educação (MEC), foi no Programa Mais Educação que a educação patrimonial esteve inserida oficialmente no contexto escolar.

Na primeira fase do Programa Mais Educação (2007) a Secretaria de Educação Básica (SEB) via Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) disponibilizado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) elegiam escolas que apresentavam baixo índice de rendimento por meio do Sistema Integrado de Monitoramento do Ministério da Educação

(SIMEC) para que fossem contempladas pelo Programa Mais Educação visando a ampliação da jornada escolar e a melhoria do rendimento dos alunos, tendo os seguintes macrocampos: “1. Acompanhamento Pedagógico 2. Educação Ambiental 3. Esporte e Lazer 4. Direitos Humanos em Educação 5. Cultura e Artes 6. Cultura Digital 7. [...]” (COSTA,2019b, p.6).

Costa (2019b, p.7) explica que “a partir da experiência do Programa Mais Educação, o MEC revisou essa política pública educacional e lançou em 2016 o Programa Novo Mais Educação”. A meta era: “melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar [...] (MEC, 2018). A autora complementa que “a política pública educacional Programa Mais Educação foi um passo importante para a inserção do eixo educação patrimonial na educação formal brasileira” (COSTA,2019b, p.7).

Por todo Brasil existem experiências frutíferas de educação ambiental patrimonial no âmbito formal, Silva (2014, p.53) apresenta como exemplo “[...] uma experiência de estágio em educação patrimonial ocorrida na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro” localizada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Com o objetivo de conhecer a trajetória histórica da instituição de ensino, hoje com 57 anos, “a fotografia foi a linguagem selecionada para encaminhar a discussão sobre memória e patrimônio, relacionando esses conceitos com fragmentos da história da escola” (SILVA, 2014,p.53).

Outro exemplo, “[...] ocorreu em 2013 em uma escola de educação infantil do município de Vila Velha, Espírito Santo e foi realizada por uma professora de Educação Física com dez turmas, com crianças entre um e cinco anos de idade” (ALVES *et al.*, 2016, p.74). Este projeto de educação ambiental patrimonial esteve concentrado na manifestação cultural do Congo²⁵, assim “o trabalho com o Congo surgiu diante da possibilidade de proporcionar o conhecimento dessa manifestação pelas crianças, pois a escola situa-se em um município onde ela é muito presente” (ALVES *et al.*, 2016, p.74).

Gohn (2006b, p.28) conceitua a educação informal como “aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização [...] carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”. A autora diz que esse

²⁵ O Congo Capixaba é uma marca de identidade estratégica no reconhecimento e na produção simbólica do Espírito Santo, sendo uma manifestação cultural que se expressa em grupos de pessoas que cantam e dançam de forma bem característica, participam homens e mulheres, sendo mais conhecidos como Bandas de Congo. Os principais instrumentos utilizados são tambores e casacas, acrescentando também outros instrumentos como: caixas-claras, cuícas, pandeiros, chocalhos, apitos, entre outros, dependendo de cada região (QUINTINO, 2018, p.2).

tipo de educação: “socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos [...]”. Como característica “a educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores [...]. Ela atua no campo das emoções e sentimentos” [...]” (GOHN, 2006a, p.2).

Como exemplos de educação informal, apresento três grupos ceramistas existentes no Brasil. O primeiro são as louceiras do Maruanum (Amapá), o segundo são as paneleiras de Goiabeiras (Espírito Santo) e o terceiro são as ceramistas da louça Morena de Poxica (Sergipe). Apesar das técnicas ceramistas de cada grupo serem diferentes, o que há em comum entre estas tradições é o modo de como elas são transmitidas, todas são de geração para geração, sendo caracterizadas como atividades familiares e femininas.

Nessas tradições ceramistas, a educação informal ocorre mediante a socialização entre essas mulheres (netas, filhas, noras, sogras, vizinhas, comadres) no cotidiano onde se estabelecem os aprendizados naturalmente, na qual elas aprendem o passo a passo da moldagem da peça, incorporam os rituais, valores e crenças que acompanham a tradição. Não há um manual sistematizado com as etapas de produção, é no participar, no observar, no criar, no saber e no fazer a partir de uma lógica cognitiva que se estabelecem os aprendizados, cada cerâmica com as suas peculiaridades, o que torna cada louça especial e única.

No tocante à educação não formal, Gohn (2006a, p.2) a conceitua como “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”. A educação não formal tem “uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes [...]”. Gohn (2016, p.60) esclarece que a educação não formal como processo assume outras extensões com “a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; [...] a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos”, isso inclui o engajamento em associações, grupos de estudos, movimentos sociais e ações de empoderamento social e comunitário. Desta feita, Gohn (2016, p. 61) endossa que “as práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, por meio de

organizações sociais, movimentos, programas de formação [...] lutas contra desigualdades e exclusões sociais”.

Então, para exemplificar como acontece a educação não formal, recorro novamente aos exemplos dos três grupos ceramistas, as louceiras do Maruanum (Amapá); as paneleiras de Goiabeiras (Espírito Santo) e as ceramistas da louça morena de Poxica (Sergipe). As louceiras do Maruanum (Amapá) estão organizadas na Associação das Louceiras do Maruanum (ALOMA); as paneleiras de Goiabeiras (Espírito Santo) se congregam na Associação das Paneleiras de Goiabeiras (AGP); e as ceramistas da louça morena de Poxica (Sergipe) se agregam à Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro (ACAMUFEC).

Nestas associações, estes grupos ceramistas interagem coletivamente dentro e fora com outras instituições, participam e encontram sobre economia solidária, fóruns virtuais, debates comunitários, transitam em outras associações como de agricultores, turismo, artesanato, propõe a criação de políticas públicas aos órgãos do Estado, entre outros. Toda esta movimentação incluindo encontros, debates, reivindicações agrupando estas associações são ações de educação não formal que fortalecem e/ou tensionam, engendram outras ações influenciando estes grupos, isso é educação não formal, sempre há intencionalidade na ação.

Costa (2019a, p.6) acredita que a educação formal, informal e não formal com todas as suas características, especificidades e intenções formativas podem se transformar em ações estratégicas para o fomento da educação ambiental patrimonial na escola, no mundo da vida e nos grupos organizados. Deste modo, cada ação educativa (formal, informal e não formal) contribui de acordo com o *modus operandis* aplicado à proteção, o cuidado, a preservação, a perpetuação dos bens culturais e patrimônios existentes em uma comunidade. Essas ações de educação ambiental patrimonial despertem a ecologia de saberes dos sujeitos que tendem a emergir a partir de debates, discussões, partilha de experiências, depoimentos, relatos, que venham aguçar a sensibilidade, a afetividade, a resiliência, a empatia, o sentimento de pertença e identidade.

4.2.2 Educação Ambiental Patrimonial: vertente da Educação Ambiental

No decorrer dos estudos e leituras descobrimos que a educação ambiental (EA) converge com a educação patrimonial. A maturidade teórica para tal afirmação foi alcançada durante o doutorado, há segurança teórica para afirmar que a EAP é vertente da EA. Iniciamos a parte teórica pelo aspecto jurídico, a legislação brasileira, especialmente a Constituição Federal de 1998 (art. 225, art.182, art. 216, art. 200, etc). Fiorillo (2015) classifica o meio ambiente em cinco dimensões: natural, artificial, cultural, do trabalho e o genético. No que tange, o meio ambiente cultural, o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 diz que formam o conjunto patrimonial cultural brasileiro: “[...] os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

“A Constituição não faz restrição a qualquer tipo de bem, de modo que podem ser materiais ou imateriais, singulares ou coletivos, móveis ou imóveis” (FIORILLO,2015, p.430). Costa (2019a, p.7) defende que “a todos esses bens culturais é garantida a proteção, sejam elas de origem natural ou de intervenção humana”. A autora vislumbra que “[...] o meio ambiente cultural, assim como as outras dimensões ambientais precisam de intervenção educacional para que haja o cuidado, a conservação e preservação dos bens culturais tutelados” (p.7).

Além de abarcar questões culturais, a Constituição Cidadã de 1988 também incluiu a educação ambiental no texto constitucional, isso deu visibilidade a questão da necessidade de educar para proteger e/ou conservar o meio ambiente (LOUREIRO,2012). A educação ambiental (EA) na opinião de Carvalho (2017, p.51) faz parte do movimento ecológico voltado para questões do direito intergeracional (direito das presentes e futuras gerações) em usufruir de uma qualidade de vida.

Assim, a educação ambiental primeiramente foi uma causa engendrada pelos movimentos ecológicos para alertar sobre a crise ambiental. Carvalho (2017, p.52) acrescenta que “em um segundo momento a EA vai se transformando em uma proposta educativa no sentido forte, isto é, que dialoga com o campo educacional, com as suas tradições, teorias e saberes”. Ademais, “a educação ambiental não é a busca da linguagem universal e única, mas o desafio constante de entender a relação entre o particular e o universal” (LOUREIRO, 2012, p.86).

Costa (2019a, p.7) vê a educação ambiental emancipatória e crítica como capaz de “[...] ultrapassar certos conceitos hierarquizados do que é ciência, com o olhar voltado a valorização dos conhecimentos populares, causando rupturas na racionalidade moderna. Já, Carvalho (2017, p.151) diz que a educação ambiental como prática educativa tem diversas orientações pedagógicas, porém é fundamental “não esquecer que esse encontro entre o ambiental e o educativo, no caso da EA, se dá como um movimento proveniente do mundo da vida- não da puramente biológica, mas da vida refletida, ou seja, do mundo social”.

Além do mais, a educação ambiental é permeada por correntes, conforme afirma Sauv  (2005). Porém para sustentar o conceito de Educa o Ambiental Patrimonial (EAP) se optou por não o limitar apenas a um ou dois pensamentos epistemológicos, pois a EAP converge com várias correntes da EA. Entretanto, se assume que a EAP   influenciada pela educa o decolonial, educa o ambiental crítica, pela teoria da complexidade de Edgar Morin, pelo pensar da complexidade ambiental de Enrique Leff, pela ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos, pela educa o formal, informal e não formal de Maria da Glória Gohn, pelos princípios de educa o de Paulo Freire e pelo direito ambiental cultural.

No que tange   educa o ambiental crítica, segundo Carvalho (2017, p.155-157) ela emerge de uma visão socioambiental. Além dos mais, o primeiro contributo teórico-metodológico da educa o ambiental crítica   de que a educa o   concebida “como um processo de humaniza o socialmente situado”; o segundo   que “a prática educativa   processo que tem como horizonte formar o sujeito humano enquanto ser social, historicamente situado; o terceiro   que essa prática “tem raízes nos ideais emancipadores da educa o popular, a qual rompe com uma visão de educa o determinante da difusão e do repasse de conhecimentos”; o quarto   que faz-se necessário “compreender as rela es entre a sociedade e natureza e intervir nos problemas e conflitos ambientais”; o quinto   que a educa o ambiental crítica tem a “inten o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identifica e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas”.

A Educa o Ambiental também tem uma correla o com a teoria da complexidade de Edgar Morin, portanto também se faz presente na Educa o Ambiental Patrimonial (EAP). Morin (1977, p.344) diz que “a complexidade impõe-se [...] como impossibilidade de simplificar; [...] a complexidade não   complica o. Aquilo

que é complicado pode reduzir-se a um princípio simples como uma meada enredada ou um nó de marinheiro”. O autor complementa “o pensamento complexo forja-se e desenvolve-se no próprio movimento em que um novo saber da organização e uma nova organização do saber se alimentam um do outro”. Ademais, “[...] a complexidade se situa não só ao nível da observação dos fenômenos e da elaboração da teoria, mas também ao nível do princípio ou paradigma (MORIN, 1977, p.348). Por fim, “a complexidade é um progresso do conhecimento que traz o desconhecido e o mistério. O mistério [...] nos liberta-nos de toda a racionalização delirante que pretende reduzir o real à ideia, e traz-nos, sob a forma de poesia, a mensagem do inconcebível (MORIN, 1977, p.350).

Saheb e Rodrigues (2017, p. 195) explicam que “a complexidade propõe o diálogo entre as partes e o todo, e vice-versa, procurando ultrapassar os limites e as barreiras entre as diferentes áreas do saber [...], em permanente diálogo”. A complexidade faz uma crítica a racionalidade moderna e reducionista que fragmenta o conhecimento e o hierarquiza. Sobre isso, Saheb (2015, p.62) acredita que a complexidade em educação ambiental “requer um trabalho voltado ao desenvolvimento de operadores cognitivos necessários para a interpretação e análise das questões ambientais, que envolvem múltiplas dimensões da realidade”. Tanto que no viés da complexidade, a educação ambiental surge como “objeto a problematização das práticas sociais, as relações dos seres humanos consigo mesmos, com o outro e com o mundo, o que pressupõe uma forma de conhecer integrada e uma interpretação contextualizada da realidade”.

Ferreira e Tristão (2015,p.139) apontam para uma questão importante: as teorias de Morin, Boaventura de Sousa Santos e o pensamento de Paulo Freire, de forma alguma pretendem ‘descrédibilizar’ as ciências, ao contrário elas buscam “[...] criar a possibilidade de que a ciência entre como parte de uma ecologia mais ampla de saberes [...]”. A complexidade em Morin enfatiza “[...] pretender que ideias, teorias e métodos sejam definitivos ou estejam acabados é negar seu constante movimento de renovação” (FERREIRA e TRISTÃO, 2015, p.144).

Além de Edgar Morin, outro teórico que trata sobre a complexidade, porém voltada para outro entendimento, a da complexidade ambiental é Enrique Leff. “A complexidade ambiental inaugura uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber, e do conhecer, sobre a hidridação de conhecimentos na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade” (LEFF,2018, p.195). Esta nova forma de pensar, esta

complexidade ambiental abstraída por Leff “implica uma revolução do pensamento [...] e das práticas educativas, para se construir um novo saber, uma nova racionalidade que orientem a construção de um mundo de sustentabilidade”.

Para Leff (2018, p196-197) “aprender a aprender a complexidade ambiental implica uma nova compreensão do mundo que problematiza os conhecimentos e saberes arraigados em cosmologias, mitologias, ideologias, teorias e saberes práticos [...]”. De tal forma que “complexidade ambiental se desloca do terreno epistemológico- onde o ambiente é concebido como uma totalidade configurada por um espaço teórico, constituído por diferentes paradigmas [...]” (LEFF, 2018, p.204).

A complexidade ambiental surge como um novo caminho, “é uma nova racionalidade que significa a reapropriação do conhecimento a partir do ser do mundo e do ser no mundo; a partir do saber e da identidade que se forjam [...]” de maneira individual e coletiva de cada cultura (LEFF, 2018, p.218).

Outro aporte teórico importante para a EAP são os princípios da educação popular contidos nos livros *Pedagogia do Oprimido* (2013), *Educação como prática de Liberdade* (2017), *Pedagogia da Autonomia* (2016) de Paulo Freire. Pernambuco e Silva (2006, p. 208, 211) asseguram que todo o pensamento freiriano tem “[...] como base a reflexão sobre a ação educativa transformadora dos homens e do mundo, contra a opressão e a injustiça social, tendo como horizonte a construção de uma nova sociedade”. A pedagogia libertadora freiriana “está centrada na cultura, como dimensão da formação de uma consciência crítica que, pelo seu caráter dialógico, permite aos sujeitos partilharem laços interpessoais e interpretar a realidade”.

Não há dúvidas, que as obras de Paulo Freire fortaleceram a educação crítica e a educação popular. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2013) enfatiza que a educação bancária tem o propósito de difundir a opressão, ela é orquestrada pelo poder entre aquele que sabe e aquele que não sabe. A educação bancária incute a certeza que o professor é o detentor do conhecimento, enquanto o aluno é um ser que nada sabe. A educação bancária é mecânica, acrítica e não permite a libertação das ideias, nem a ruptura para a valorização do mundo da vida e os seus saberes.

Para Freire (2017), a *Educação como prática da liberdade* é um convite à transformação da sociedade, na qual o povo passa a ser sujeito da sua própria História, com o desprendimento de uma visão colonizadora, é tempo de se descolonizar, de se desalienar, de se encontrar no e com o mundo. Na *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2016) reforça a necessidade de humanização como um processo

para se chegar a autonomia, mas para alcançá-la é importante ensinar diferentemente da educação bancária, com a incorporação de certas atitudes e posturas humanizantes como o respeito aos saberes dos educandos, com criticidade, ética, bom senso, generosidade e diálogo, ponto crucial para o despertar de consciências.

Envolvida por este arcabouço teórico, enquanto conceito teórico epistemológico, a EAP é reconhecida como uma subcategoria da educação ambiental e se mostra como um termo teórico importante da educação ambiental que abraça o patrimônio cultural como parte do meio ambiente e do socioambiental. A EAP pode ser utilizada de acordo com a realidade do mundo da vida, de maneira crítica e transformadora, sobrepondo-se a educação bancária que apenas incute informações, repassa conhecimentos sem a devida problematização dialógica.

A EAP se diferencia dos outros termos de educação patrimonial porque tem como parâmetro a educação na perspectiva decolonial; a legislação ambiental, engloba as três formas de educação: formal, informal e não formal; vislumbra a realidade socioambiental pelos olhos da complexidade de Morin e da complexidade ambiental de Leff.

No que tange a tradição ceramista, a educação ambiental patrimonial como proposta teórica propõe a participação ativa das louceiras do Maruanum, dos comunitários e demais envolvidos no processo de discussão sobre o bem cultural tradicional das louças do Maruanum. Inclusive desses debates e discussões, as comunidades, a associação das louceiras e demais entidades poderiam solicitar junto ao IPHAN/AP, o início do processo de patrimonialização da tradição ceramista. Assim, a educação ambiental patrimonial amplia os canais de participação daqueles que cotidianamente estão envolvidos com o bem cultural.

A Educação Ambiental Patrimonial é aplicável em ações educativas que envolvam bens culturais. Ela reconhece o humano como parte do meio ambiente que é socioambiental, no qual ele é o agente responsável pela conservação e salvaguarda dos bens culturais. Essas ações práticas possibilitam um canal aberto de diálogo entre os envolvidos, para que de forma crítica e sem hierarquização possam discutir as problemáticas que envolvam o patrimônio cultural.

Retrato do poeta quando jovem

Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.

Há um bater de remos compassado
No silêncio da lisa madrugada,
Ondas brancas se afastam para o lado
Com o rumor da seda amarrotada.

Há um nascer do sol no sítio exacto,
À hora que mais conta duma vida,
Um acordar dos olhos e do tacto,
Um ansiar de sede inextinguida.

Há um retrato de água e de quebranto
Que do fundo rompeu desta memória,
E tudo quanto é rio abre no canto
Que conta do retrato a velha história.

José Saramago

Foto 18- Procissão em homenagem a Santa Luzia- Maruanum



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

5 O PATRIMÔNIO CULTURAL: CULTURA, MEMÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CRIAR-SABER-FAZER

Este capítulo tem como âmago: cultura, memória, imaginário social, representações sociais e o criar-saber-fazer. Esta última expressão criar-saber-fazer faz parte da nossa caminhada acadêmica. Todas essas palavras dialogam entre si como em uma teia e sustentam a temática do patrimônio cultural.

No primeiro subitem apresenta o Diálogo entre cultura, memória, imaginário social e representações sociais, pois há uma imbricação de conceitos e harmonia entre eles permitindo discutir a complexidade da cultura. Como aporte teórico sobre cultura utilizei os seguintes autores: Eagleton (2011), Bauman (2012), Santos (2017), Laraia (2009), Corrêa (2012), Geertz (2017) e Kuper (2002); já em relação a memória dialogaram Pollak (1992), Candau (2012), Nora (1993), Halbwachs (2006) e Connerton (1999); para tratar sobre o imaginário social me apoderei dos pensamentos de Laplantine e Trindade (1997), Barbier (1994), Baczko (1984), Sarde Neto e Malanski (2016); a respeito das representações sociais me concentrei nas discussões de Alves-Mazzotti (2008); Jovchelovitch (2004/2011), Jodelet (2009/2018) e Marková (2017).

No segundo subitem intitulado Antes de saber-fazer tem que criar: o conceito de criar-saber-fazer, discuto a necessidade do uso desse termo nas produções acadêmicas quando se tratar de formas de fazer tradicionais que não funcionam de acordo com a lógica de produção atual. Para fundamentar a importância do termo criar-saber-fazer foi produzida uma linha do tempo mostrando as escritas acadêmicas em que o termo foi empregado. Depois, inicio uma discussão sobre a criatividade como um processo cognitivo baseado em Morais (2015), Maturana (2018), Fonseca (2014), Ostrower (2014), Gardner (2004) e Chagas, Aspesi e Fleith (2005). A tese foi movida pelo desejo e pelo desafio em argumentar e demonstrar que o criar-saber-fazer é um termo adequado no campo dos estudos em Patrimônio Cultural e áreas afins.

5.1 O DIÁLOGO ENTRE CULTURA, MEMÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A tradição das louceiras do Maruanum é uma cultura, por isso é imprescindível conceituá-la, um desafio, pois a cultura pode ser vislumbrada de vários ângulos, mediante uma diversidade de teorias. Esta argumentação foi construída mediante dois aspectos: o sociológico e o antropológico. Neste ensejo, a cultura antes de mais nada é resultado da criação humana e essa criação advém de relações sociais estabelecidas no mundo da vida, como bem afirma Eagleton (2011, p. 14) “os seres humanos não são meros produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para a automoldagem arbitrária daqueles”.

Na Grécia antiga, a noção de cultura está intimamente relacionada com a Paideia. Jaezer (1995, p.3) diz que a Paideia trata da formação do homem grego, na qual está incutida a cultura, “os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstrata, distintas da estrutura histórica objetivada vida espiritual de uma nação [...]”. Neste sentido, na Grécia, a cultura faz parte da educação, “todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual” (JAEZER, 1995, p.3).

Eagleton (2011, p.9,10) assegura que o conceito de cultura, “etimologicamente falando, é um conceito derivado de natureza. Um dos seus significados originais é ‘lavoura ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo que cresce naturalmente”. Essa foi uma das primeiras conceituações, depois a palavra cultura foi agregada outros significados, tanto que “denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões de espírito”. Quando falamos de cultura, ela pode ter vários significados, gerar conflitos, ela “compreende uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade, que censura o intelecto desencarnado do iluminismo tanto quanto desafia o reducionismo cultural de grande parte do pensamento contemporâneo” (EAGLETON, 2011, p.14).

Na ótica de Bauman (2012, p. 90), “herdada ou adquirida, a cultura é parte separável do ser humano, é uma propriedade de tipo muito peculiar”. Esta afirmação mostra, que o indivíduo não nasce com a cultura, como uma folha em branco, no decorrer das experiências vivenciadas no grupo ao qual pertence, ele se faz um ser

cultural. O autor acrescenta: “sem dúvida alguma: ela partilha com a personalidade a qualidade singular de ser ao mesmo tempo a ‘essência’ definidora e a ‘característica existencial’ descrita da criatura humana”.

Assim, não existe indivíduo sem cultura, no decorrer das experiências, a cultura defini comportamentos, ações e atitudes, na qual o sujeito se reconhece como parte de uma comunidade, povo ou nação. Bauman (2012, p.103) também vislumbra a cultura como um conceito diferencial, tanto que “o termo ‘cultura’ é empregado para explicar as diferenças ente comunidades de pessoas. Esse uso situa o conceito diferencial de culturas entre numerosos ‘conceitos residuais’ [...]”, isso porque nem sempre o conceito de cultura abrange a diversidades humanas existentes, não existe universalidade quando se trata de cultura.

Para Santos (2017, p.8) “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”. A cultura se faz no mundo da vida, na realidade social, permeada por questões específicas que podem causar certo estranhamento, e é justamente por isso que “o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas”.

Dito isto, Laraia (2009, p.25-28) diz que historicamente “a ideia de cultura, com efeito, estava ganhando consistência talvez antes de John Locke (1632-1704), [...]”. Laraia (2009, p.45) assim define: “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado [...], que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. A cultura é um assunto integrante para os pensadores desde o século XVIII. Edward Tylor no século XIX, conceituou cultura como o resultado de um processo social regente de comportamentos, atitudes, práticas, etc.

Corrêa (2012, p.18,19) alude que a cultura “tem o poder de enraizamento do sujeito em modos de vida, em modos de ser, que o sujeitam às práticas, aos comportamentos”. Logo, a cultura é formada no decorrer da dinâmica social, ela se manifesta no seio social, na troca de informações, nos saberes e fazeres entre as gerações. Então, o conceito de cultura está ligado ao “próprio significado do existir humano”, é intrínseco das sociedades humanas, sejam elas do Oriente ou do Ocidente.

Corrêa (2012, p.24) ainda assegura, a cultura “não é homogênea [...] ela está relacionada ao tipo de segmento ou grupo social do qual provém. Ela denota diferenças nas criações humanas [...]”. Portanto, “a cultura e sua dimensão simbólica são geradas de acordo com as possibilidades e necessidades de cada grupo social”. A cultura é diversa e corresponde as dinâmicas sociais de cada grupo social, de acordo com o tempo e espaço.

Igualmente, Santos (2017, p.32) explica: “o estudo da cultura assim compreendida volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias [...]”. No mais, a cultura envolve uma série de simbolismos, práticas, crenças, rituais cristalizados no seio social. Santos (2017,p.32) complementa que a pesquisa em cultura “procura entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade”. Mais que simplesmente conceituar o que é cultura, se torna importante compreender o imaginário social de uma comunidade sobre a própria cultura.

De acordo com Geertz (2017, p.5), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise”. Não é possível condensar todas as culturas humanas em um único exemplo, por isso Geertz informa: a cultura é semiótica, “consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas” de forma particular (p.9).

Na visão de Geertz (2017, p.32), “a cultura é melhor vista como não complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos”. Ao primeiro momento, esta fala de Geertz destoa de tudo que se fala sobre cultura, mas ele volta a explicar: a cultura age “como um conjunto de mecanismos de controle- planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam ‘programas’) - para governar o comportamento”. Geertz (2017, p.33) continua a afirmar: há uma ideia de que “o homem é [...] dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento”. A partir desta exposição Geertz traz duas contribuições: a cultura é composta por um sistema de símbolos e significados, e este sistema é responsável pelo controle social.

Independente da cultura, Laraia (2009, p.68) observa: ela está atrelada ao “modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes

comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. Este pensamento corrobora com a teoria de Geertz: a cultura atua como formas de controle. Laraia (2009, p.87) assegura que “a cultura tem uma lógica própria”, ou seja, “entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo”.

Porém, Laraia (2009, p. 94) evidencia: a cultura é dinâmica, ela é esculpida de acordo com as transformações sociais “cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos”. Pois, o contato com uma cultura totalmente diferente daquela que o sujeito está acostumado, moldado culturalmente, à primeira vista causa um compreensível estranhamento.

Comunga da mesma ideia Kuper (2002, p.309) ao afirmar que “para compreender cultura, precisamos primeiro desconstruí-la. Convicções religiosas, rituais, conhecimentos [...] devem ser separados e não agrupados num simples pacote rotulado como cultura [...]”. Em relação a este ponto, me basta dizer: a cultura é como um “quebra-cabeça”, ao estudá-la, analisá-la, problematizá-la como fez Kuper precisa sim desconstruir parâmetros, porém necessita da capacidade dual de ao mesmo tempo vê-la em conjunto, e depois como unidade para que os erros de percepção possa ser minimizados neste processo analítico.

No que concerne à cultura e a identidade, Bauman (2012, p.68) é enfático ao afirmar: a melhor imagem que representa a identidade cultural é o “redemoinho”, ao invés de uma “ilha”. Então, “as identidades mantem sua forma distinta enquanto continuam ingerindo e vomitando material cultural raras vezes produzido por elas mesmas”. Bauman, certamente ao elaborar este conceito, se embasou na sociedade contemporânea permeada pelo poder capitalista, onde tudo que é consumido advém das forças produtoras do capital. Porém, para tudo há uma exceção e a tradição ceramista das louceiras do Maruanum reflete este parêntese, na qual o material cultural (louças, artefatos) é produzido genuinamente por essas mulheres sem interferência direta no modo criar-saber-fazer. Apesar disto, esta tradição, como bem tratou Bauman faz parte do redemoinho, dinâmico, caleidoscópico, sofre interferências das dinâmicas do mundo da vida.

Ainda sobre o tema cultura e identidade, Bauman (2012, p.68) diz que “as identidades não se apoiam na singularidade de suas características, mas consistem

cada vez mais em formas distintas de selecionar/ reciclar/ rearranjar o material cultural comum a todas, ou pelo menos potencialmente disponíveis para elas”. Sobre essa assertiva de Bauman, tracei duas considerações importantes.

A primeira é que a identidade da tradição do criar-saber-fazer louça é permeada por uma rigidez ritualística e se apoia a essa singularidade do místico e do sagrado, ele cristaliza na memória coletiva das comunidades, como apontam os estudos de Mafra (2003/2006), Silvani (2012), Costa (2014), Ferreira (2016) e Rezende (2018) . A segunda consideração é que por força das condições naturais (conforme veremos no capítulo 5), a tradição das louceiras do Maruanum sofreu modificações, influências como por exemplo, do rearranjo do armazenamento da argila. Outrora as bolas de barro eram embaladas nas folhas de uma árvore e que atualmente foram substituídas por sacos plásticos, que conserva por muito mais tempo a argila.

Outra assertiva sobre identidade é manifestada por Pollak (1992, p.204), em que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva [...] extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo de sua reconstrução de si”. Esta afirmativa se aproxima da vivência do campo de pesquisa, pois é na memória criada sobre a louceira mais antiga que se tem registro (Tia Alexandra), é as louceiras rememoram as crenças e os processos ritualísticos e místicos da tradição. Pollak (1992, p.204) acrescenta: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, [...] e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. No caso, das louceiras esta negociação estaria ligada primeiramente ao fato de pertencer ao Maruanum e depois no compromisso de manter a tradição, com os rituais e o místico.

Concorrentemente a cultura e a memória são indissociáveis. A cultura vivenciada no mundo da vida gera uma memória transmitida pela história oral, escrita e imaginada, individual ou coletiva. Nesta pesquisa elegi a memória coletiva como propagadora da cultura, isso não significa o descarte da memória individual como também mediadora da memória. Segundo Candau (2012, p.24), quando se trata de uma memória comunitária “em nível de grupos, apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da metamemória pode ser pretendida. É essa eventualidade que aparece subjacente na expressão ‘memória coletiva’”.

Apesar disso, Candau (2012, p.24) alerta que a memória individual é importante neste processo de formação da memória coletiva, “pois a única faculdade de memória realmente atestada é a memória individual”, ela sim é capaz de recordar e sistematizar fatos, essa tarefa é encarregada a uma “proporção maior ou menor de membros de um grupo”, e a partir das memórias individuais que se formam a memória coletiva, a seguir ela se transmuta em “uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”.

Quando Candau (2012, p.25) se refere a metamemória não se trata da mesma estrutura voltada a memória individual (particularidades, interesses, profundidade). A metamemória coletiva “é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças [...] que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local”. Se chega à imbricação entre memória e identidade, quando está é coletiva, se torna mais complexa. Para Candau (2012, p.26), a identidade coletiva também é uma representação. Mais do que isso, a identidade coletiva pode ser considerada como um “núcleo memorial, um fundo ou um substrato cultural [...] compartilhado por uma maioria dos membros de um grupo e que confere a este uma identidade dotada de uma certa essência”.

Candau (2012, p.27) chama a atenção para a designação de identidade coletiva, ele acredita que nem todos os membros de um grupo vivam um determinado núcleo memorial, “as estratégias identitárias de membros de uma sociedade consistem em jogo muito mais sutis que o simples fato de expor passivamente hábitos incorporados”. Assim, é possível que as identidades sejam “produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio-situacionais- situações, contexto, circunstâncias- de onde emergem sentimento de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas” (p.27).

Sobre a memória, Pollak (1992, p.201) diz: é construída de forma individual e coletiva. Os elementos constituintes da memória advêm dos “acontecimentos vividos pessoalmente” e dos acontecimentos ‘vividos por tabela’, são aqueles “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer [...] esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar a todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo”. Dito isto, me vem à lembrança as falas de Dona Marciana, Dona Mariquinha, Dona Deusa, Dona Carmosina quando se referem a Tia Alexandra (já falecida), uma das louceiras mais

atuantes da comunidade cantadeira de ladrões de Marabaixo. Durante a extração do barro, ela fazia questão de frisar sobre a importância de cumprimento das obrigações ritualísticas desde a retirada da argila até a feitura da peça de barro pelas louceiras. E estas recomendações quanto a tradição, ao respeito aos encantados, à Mãe do barro propagados por Tia Alexandra ultrapassou gerações e até hoje fazem parte da retórica, da memória e do criar-saber-fazer das louceiras mais novas.

Para Pollak (1992, p.204), “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa [...] preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”, por esta razão “a memória é um fenômeno construído”. A medida que as memórias sobre as falas da Tia Alexandra vão surgindo no cotidiano das louceiras, fica claro que a preocupação da tradição primeiramente é a manutenção do lugar de onde se extrai a argila, depois pelo respeito à “Mãe do barro”, e em seguida pelo cumprimento de todos os passos ritualísticos para que a louça do momento da queima não estoure, caso contrário a peça será perdida. Ao mesmo tempo, a tradição ceramista reforça a conservação do meio ambiente com a retirada racionalizada de argila com o manejo sustentável por meio da rotatividade da área de extração para que a terra descanse; fortalece o sagrado e o místico das louceiras quanto à crença na “Mãe do barro” como protetora e provedora do barreiro; e impõe o cumprimento dos processos ritualísticos para a tessitura da louça do Maruanum.

A teoria de Pollak (1992) em relação a memória e a identidade, traz à tona outro aspecto fundamental: a história oral, manifestada em relatos, depoimentos, entrevistas e conversas informais disponibilizadas pelas pessoas do campo de pesquisa, elas guardam informações valiosas para a compreensão do fenômeno investigado. Sobre isso, Pollak (1992, p.208) é enfático: “na medida em que, através da história oral, a crítica das fontes torna-se imperiosa e aumenta a exigência técnica e metodológica, acredito que somente levados a perder, além da ingenuidade positivista [...]”. Em defesa a história oral, Pollak (1992, p.208) acredita no potencial de uma fonte oral para o fazer científico na coexistência da dualidade objetividade e subjetividade. Na qual, a história oral permite olhar além do positivismo cartesiano e abrir os horizontes para a “possibilidade de uma história vista como ciência de síntese para todas as outras ciências humanas e sociais”.

A respeito da memória e história, Nora (1993, p.8) explica: “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Desta feita, a memória

está presente no cotidiano, na história oral, nos diálogos travados, por isso Nora (1993,p.8) assegura que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado [...] a memória instala a lembrança do sagrado [...] a memória emerge de um grupo que ela une”.

Todas essas características apontadas por Nora, se vislumbra nas falas das louceiras, a memória surge para ratificar o passado, a tradição; para impor a necessidade do respeito ao sagrado e de unir as famílias de louceiras pelos laços de parentesco e afinidade. Tanto que Nora (1993, p.8) aponta: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções [...]. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”. As louceiras vivem a memória a cada etapa do processo tradicional do tecer a louça de barro até a queima da peça.

Sobre os lugares de memória, Nora (1993, p.21) diz que eles “pertencem a dois domínios, [...] simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência [...] sobressaindo da mais abstrata elaboração”. No mais, Nora (1993, p.21) continua a conceituar lugares de memória como “material, simbólico e funcional”. Tanto que “mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. Outro exemplo aferido por Nora é: um lugar de memória, “mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual” (p.21).

No que tange a tradição ceramista, o barreiro como um espaço natural é um lugar de memória, onde as louceiras mais novas rememoram os ensinamentos da tia Alexandra; assim como a técnica para tecer a louça, a queima ao ar livre que obedecem a um processo ritualístico; e as próprias louças impregnadas de materialidade, do simbólico e da funcionalidade, pois a cerâmica faz parte da vida dos moradores do Maruanum, faz parte do cotidiano. Portanto, a louça de barro é uma das representações do patrimônio cultural quilombola do Maruanum.

Ao falar de memória, especificamente a memória coletiva de Halbwachs (2006, p.30) argumenta: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. No primeiro momento, a concepção de memória coletiva de Halbwachs aparenta uma certa ingenuidade, no âmbito científico se chama de “visão romântica”, mas essa impressão no caso específico desta pesquisa, não se

aplica. Apesar da atual sociedade ser frenética, inacabada, desritualizada, é importante fazer um certo esforço intelectual para se olhar aos outros modos de vida, pois ainda é possível reconhecer a memória coletiva nos dias atuais, apesar de se ter a consciência de que absolutamente nada no mundo social é estático e imutável.

Ainda sobre a memória coletiva, Halbwachs (2006, p.39) diz: essa fusão de memórias individuais necessita de uma harmonia, de concordância, “[...] existem muitos pontos de contato entre umas e outras para que a lembrança que nos faz recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”. No caso da louceiras do Maruanum, esta fusão de memórias é preponderante nas falas das ceramistas, dos comunitários e até mesmo das professoras.

“Essa tradição da louça é dos antigos, as primeiras louceiras do Maruanum foram um casal de índios, eles sabiam fazer louça e ensinaram para o povo que chegou aqui [...]” (Entrevista concedida por um comunitário); *“Essa é uma herança dos nossos antepassados, é a nossa cultura, a nossa história, quando fala em louça de barro, as pessoas já sabem que encontram aqui no Maruanum, e nós professoras falamos isso para as crianças”* (Entrevista concedida por uma professora); *“Essa sabedoria de fazer louça de barro, eu conheço deste que me entendo por gente, eu via a minha mãe fazer e ela me ensinou [...], a Tia Alexandra ia tirar o barro e falava para todo mundo fazer direitinho como manda a tradição”* (Entrevista concedida por uma louceira).

.Neste sentido, Halbwachs (2006, p. 39) atribui a formação da memória coletiva aos aspectos individuais e coletivo com as “noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros [...] o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo”. O processo ritualístico do criar-saber-fazer da louça do Maruanum é permeado de um sentimento espiritual, por isso quando as louceiras com mais experiência se remetem as lembranças dos conselhos da Tia Alexandra, as louceiras mais novas prestam atenção e reafirmam a necessidade do cumprimento das etapas ritualísticas, como forma de manutenção da tradição. Como menciona, Halbwachs (2006, p.41) “talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las [...] mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva [...]”.

Halbwachs (2006, p.43) pontua: “no primeiro plano de memória de um grupo se destacam as lembranças de eventos e das experiências que dizem a respeito à

maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida”. Está assertiva é bem presente no cotidiano da tradição ceramista, as louceiras se manifestam individualmente no moldar da louça com o ponto que marca a autoria da peça, por exemplo, o traço que emoldura a louça da louceira Mundoca é diferente do ponto da louceira Castorina. Além da função estética, o ponto também serve para identificar a autora da louça quando há feira. Todas utilizam a técnica do rolete para produzir a cerâmica e cumprem os mesmos rituais repassado pela geração anterior, é a experiência passada que se faz no presente. Sendo assim, Halbwachs (2006, p.69) argumenta: “a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

Connerton (1999, p.15) fala da memória social: é “uma prática mais específica da reconstituição histórica”, pois “o conhecimento de todas as atividades humanas passadas só é possível através do conhecimento dos seus vestígios”. O enfoque dado por Connerton se refere a prática do historiador que ao recolher testemunhos, cruza as informações, verifica as contradições para que então, faça a própria interpretação dos fatos. Por isso, ele afirma que a reconstituição histórica não depende da memória social porque o historiador pode recorrer a outros recursos escritos.

Porém, Connerton (1999, p.17) ressalta que em regimes totalitários estatais, o próprio Estado promove o apagamento da memória de certos grupos, o que gera amnésia coletiva em detrimento de outros considerados como dominantes. Sobre esta fala de Connerton, ressalto que o apagamento da memória, principalmente de grupos marginalizados, subordinados e esquecidos ocorre de maneira extremamente sutil, tanto por parte do Estado como pela própria memória coletiva que se (re) forma na dinâmica social, por isso a importância de estudos sociais voltados para o reconhecimento, fortalecimento e empoderamento das comunidades tradicionais, dos grupos tribais para que no engendramento de correlações de forças, esses grupos possam buscar a manutenção de modos próprios de vida.

Por outro lado, Connerton (1999, p.2) explica: uma parte dos historiadores “viram na prática da história oral a possibilidade de salvarem do silêncio a história e a cultura dos grupos subordinados. As histórias orais procuram dar voz àquilo que de outro modo permaneceria mudo”. Este sentimento de “dar voz” a esses grupos não é específico dos historiadores, mas de vários pesquisadores das ciências humanas e sociais, cada qual com uma contribuição específica.

A história oral segundo Connerton (1999, p.22-23) já compreendeu que “para se reconhecer a existência de uma cultura dos grupos subordinados é essencial vermos que se trata de uma cultura em que as histórias de vida de seus membros têm um ritmo diferente”. Isso varia de acordo com o tempo e espaço específico daquele grupo, “quando os historiadores orais ouvem com atenção aquilo que seus informantes têm para dizer descobrem uma percepção do tempo que não é linear, mas cíclica”. Realmente, ao adentrar ao campo das comunidades do Maruanum, dialogar com cada louceira demonstra exatamente isso, a tradição ceramista é dependente da relação entre natureza, tempo e espaço, eles estão entrelaçados e formam uma unidade complexa refletida no mundo da vida.

Ao lado da cultura e da memória está o imaginário, ele permeia as relações sociais e comunitárias. Segundo Laplantine e Trindade (1997, p. 10-19), o imaginário é formado por três aspectos: a imagem, a ideia e o símbolos. Os autores afirmam: “imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. A imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo”. Já as ideias “são representações mentais de coisas concretadas ou abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser apenas sinais ou signos de referência”. Sobre os símbolos, “são esquemas de ações intencionais produzidas nas interações ente os homens em uma dada situação social ou no interior do texto de um discurso”.

Uma vez esclarecidos os significados de imagens, ideia e símbolos. Laplantine e Trindade (1997, p.24-25) teorizam: “o imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária”. Então, o imaginário é formado na estrutura mental, ele “faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação” porque ela “ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva. A representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas”.

A partir da pesquisa de campo, o imaginário individual de cada louceira, professora ou gestor da cultura, se diferencia, mas quando se unem estas ideias, surge o imaginário social. Durante as conversas e entrevistas foi perceptível a diferença nos discursos, nos gestos e no olhar de cada um. As louceiras formam este

imaginário permeado de afetividade, de lembranças de parentesco e da tradição; já as professoras também demonstram considerável grau de afeto, mas buscam atribuir um caráter pedagógico a tradição ceramista e a importância cultural da louça para a comunidade; e os gestores da cultura aparentam reconhecer a louça do Maruanum como um patrimônio cultural do Amapá e evocam expressões técnicas no discurso. Como bem foi atribuído em outras pesquisas: “as louças do Maruanum fazem parte do imaginário social dos indivíduos que habitam as comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum, a crença sobre a ‘Mãe do barro’ ou ‘Vovozinha’ [...]” (COSTA, 2014, p.70).

Para Barbier (1994, p.16) o imaginário social está classificado em três fases: “uma fase de sucessão; uma fase de subversão; e uma fase contemporânea de autorização”. Barbier (1994, p.16,17) explica que a fase da sucessão está caracterizada pela “atualização do pensamento racional e a potencialização da função imaginante do ser humano. Após os pré-socráticos, o pensamento grego impõe pouco a pouco um dualismo entre real e imaginário”. Essa dualidade é expressa “de um lado, a sensação, a percepção, as condutas adaptadas à realidade e de outro, a fantasia, o sonho, a fabulação, a arte [...] A cada instante, face a face com o real, nosso eu imaginário desagrega-se e desaparece [...]”.

Já a fase da subversão, segundo Barbier (1994, p.17,18) “ela vai se firmar por uma atualização do imaginário e por uma potencialização do real/racional [...] o imaginário torna-se o único real, e a imaginação, o caminho da realização”, portanto, “para que o real exista, é preciso fazer um desvio pelo imaginário. A ruptura existe entre o real e o imaginário. O sonho é valorizado, a imaginação reina. Mas a ambiguidade permanece”. Por último, Barbier (1994, p.18-19) apresenta a fase da autorização e este momento é demarcado pelo fim do século XX, “Bachelard foi o pioneiro desta fase de autorização [...]. Para ele a função do irreal é psiquicamente tão útil quanto a função do real”. Por isso, o imaginário atua no âmbito social histórico que transmite uma criação, um fazer denominado imaginário social.

Barbier (1994, p.21-22) diz: “o imaginário é o perfume do real. Por causa do odor da rosa eu digo que a rosa existe”. Isso demonstra: um recurso utilizado no imaginário é o simbólico. “Na sua aventura e no seu fluxo migratório o imaginário vem chegar ao real, mas este não é outra coisa que aquele”. Barbier chega à conclusão que o imaginário é indissociável do real e ele se faz do imaginário social a partir de influências sócio-históricas.

As influências sócio-históricas emergem no imaginário social, tanto que a louça no Maruanum é uma prática vista como uma tradição, como uma atividade típica daquela localidade. As falas dos entrevistados demonstram o valor atribuído a louça como um símbolo, uma representação do que é o Distrito do Maruanum. Os moradores da comunidade reconhecem as louceiras do Maruanum como representantes da cultura do Distrito e por elas cultivam sentimentos de respeito e admiração. Além disso, os moradores “sabem da existência da crença na ‘Mãe do Barro’, conhecem as limitações em permanecer na oficina onde a louceira molda e queima as peças de barro por ser um local restrito”. Elas acreditam que existem pessoas que trazem má sorte e maus fluídos em suas falas, por isso a oficina da louceira é um lugar sagrado. “Essas informações são repassadas através da história oral de forma espontânea seja nas conversas cotidianas entre os mais velhos e os mais novos ou até mesmo nos ladrões de marabaixo” (COSTA, 2014, p.73).

Na visão de Baczko (1984, p.309), imaginário social é formado no cotidiano, na dinâmica social por intermédio das trocas entre os atores sociais. Esse diálogo travado no âmbito social gera uma série de referências e símbolos que ao longo do tempo se cristalizam e se estabelecem no coletivo social. Ademais, para a constituição do imaginário, a identidade coletiva é primordial, pois é ela que engendra o reconhecimento de território, que por sua vez é permeado de mecanismos de controle social, correlações de forças, dentre outros aspectos inerentes a grupos sociais.

Laplantine e Trindade (1997, p.79-80) acreditam que “o imaginário faz parte do campo de representações [...] o imaginário é construído e expresso através de símbolos. O caráter afetivo contida no imaginário o faz diferir do conceito de imaginação”. Sendo que, “o imaginário consiste na utilização, formação e expressão de símbolos”. Já a imaginação é movida pelos signos (significados limitados). No geral, “o imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade”.

Os dados gerados na pesquisa de campo demonstraram que a louça é um dos símbolos das comunidades do Maruanum. Essa afirmativa é contemplada nas entrevistas abertas: “*Tem gente que vem aqui no Maruanum só para conhecer a louça das louceiras, chega aqui para comprar, para estudar como se faz a louça, para conhecer as louceiras né. É tipo um símbolo para a comunidade*” (Entrevista concedida por um comunitário); “*Olha, a louça do Maruanum é um patrimônio da*

comunidade, assim como as festas dos Santos e o Marabaixo, a gente ensina para as crianças que a louça do Maruanum é tradicional, uma marca histórica e cultural” (Entrevista concedida por um comunitário); *“Eu já fui para muitas feiras, inclusive fora do Amapá e não existe loiça igual a nossa, eu digo mesmo que a nossa loiça é um símbolo do Maruanum e do estado do Amapá”* (Entrevista concedida por uma louceira).

Além da tradição ceramista, no “Distrito do Maruanum, especialmente nas comunidades do Carmo do Maruanum e Santa Luzia, as crenças, lendas e tradições influenciam na forma de compreender o mundo e viver em comunidade” (COSTA, 2014, p.74). Geralmente, essas crenças e lendas explicam os porquês e as racionalidades estabelecidas nos limites entre ser humano e natureza. Pois, nas comunidades do Distrito do Maruanum, os movimentos com o meio ambiente são fortes, a relação é socioambiental. As comunidades dependem da natureza (dos rios, das matas, da argila) para dar prosseguimento a dinâmica da vida e por isso há o respeito pelos “donos dos lugares” que são os encantados e protetores da natureza, a exemplo da “Mãe do barro” e do curupira (caipora, mãe do mato).

Quando falamos em cultura, memória, imaginário chegamos naturalmente à representação. Para Pollak (1992, p.208), “a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa”. Por mais que ainda perdure a ideia positivista que “a própria história das representações seria a história da reconstrução cronológica deste ou daquele período”.

Ultrapassada a questão de que as representações são apenas reconstruções cronológicas, é certo que elas estão ancoradas na noção de território e as relações estabelecidas no contexto social. Segundo Sarde Neto e Malanski (2016, p.94) “o território é o espaço concreto em si, com suas peculiaridades socialmente construídas, apropriado e ocupado por um grupo social”. É no território que se estabelecem as representações, pois “quando um grupo social define seu território, tem início um processo de enraizamento com identidade cultural” e conseqüentemente das representações em relação aos símbolos, aos objetos representativos, como é o caso da louça de barro para os moradores do território do Distrito do Maruanum.

A representação pode ser individual ou coletiva, mas nessa pesquisa darei enfoque a representação social acerca do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum que é a tradição ceramista. Os estudos sobre o patrimônio cultural

brasileiro se apresentam como fenômenos recentes quando se trata da perspectiva analítica da Teoria das Representações Sociais (TRS). O detalhe é que existem poucas pesquisas na área, pois as representações sociais permitem que o pesquisador tenha múltiplos olhares de acordo com o seu objeto de interesse. Surge a seguinte indagação: por que pesquisas de patrimônio cultural com enfoque em representações sociais são tão importantes?

Porque as representações sociais apontam para o pesquisador o nível de interação existente entre os participantes da pesquisa e o objeto estudado, quais são as ideias e percepções mais presentes do grupo em determinado momento histórico, pois as representações em torno de um objeto podem mudar de acordo com o tempo e espaço. A TRS é resultado de um esforço intelectual de Serge Moscovici que uniu as concepções de Ciências Sociais de dois estudiosos: Durkheim e Plekhanov.

Alves-Mazzotti (2008, p.20-21) diz que as representações sociais tem como objetivo “compreender como e porque essas percepções, atribuições, atitudes e expectativas são construídas e mantidas, recorrendo aos sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que as orientam e justificam”. No mais, a TRS “investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana”.

A respeito da TRS, Jovchelovitch (2011, p.161-163) explica que “a conexão entre a teoria das representações sociais e a vida cotidiana ocupa um lugar fundamental na arquitetura conceitual desenvolvida por Moscovici”, isso porque as representações são engendradas no meio social, e os fatos ali desenrolados e observados são objetos das pesquisas em ciências sociais. No mais, na TRS ultrapassa “a oposição exagerada entre o pensamento culto e o pensamento popular” e reconhece que existem “trocas fundamentais entre essas esferas e como estas são mutuamente constituídas”.

Para as TRS, o mundo vivido “é a fonte documental de conhecimentos, os saberes” que se transformam em representações sociais e apresentam uma lógica interna de forma que “que nos permite entender porque os saberes do cotidiano têm um papel fundamental na reprodução de indivíduos sociedades e culturas. Ainda que diferentes do saber científico [...] esses saberes não são menos sábios” (JOVCHELOVITCH,2011, p.163). Dessa forma, a TRS contribui para estudos de comunidades tradicionais, onde o modo de vida, a cosmologia e ontologia de vida são

múltiplas, a exemplo das comunidades que formam o Distrito do Maruanum que possuem uma cultura única.

Na ótica de Jodelet (2018, p.428), a representação se dá por meio de fenômenos que são os fenômenos representativos, objeto de estudo das ciências sociais que emanam de “dimensões simbólicas, culturais e práticas dos fenômenos sociais”. Além disso, a representação “permite pensar a relação do mental e do material como meio para dar lugar novamente à cultura e ao reconhecimento de que os fatos sociais são objetos de conhecimento”. A autora explica que “as representações ecoam essa centralização na ideia dinâmica de força social”, baseado nesse movimento, ela conceituou as representações como “fenômenos representativos” porque “agem na vida social em vez de uma noção puramente intelectual de representação (JODELET, 2018, p.430).

É no meio social, é nas interações sociais que se produzem os ‘universos consensuais’, as representações sociais afloram, “passando a fazer parte desse universo não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras ‘teorias’ do senso comum [...] Essas ‘teorias’ ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo”. As representações sociais “são associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social” (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p.21).

Ao elaborar a TRS, Moscovici reconheceu que “há uma racionalidade na vida cotidiana, expressa nos saberes [...] que ela produz, na inteligência dos sistemas de pensar que os humanos desenvolvem enquanto espécie”. Essa racionalidade é formada a partir do individual, do coletivo e do cultural. “Essa racionalidade é fruto da dinâmica sociocultural [...] a racionalidade do cotidiano, é, portanto, tão importante e eficaz quanto a racionalidade da ciência e da lógica formal”. É importante ressaltar que “desde sua fundação a teoria das representações sociais milita contra a ideia de que os saberes cotidianos são distorção e erro, buscando recuperar o status epistemológico do senso comum” (JOVCHELOVITCH, 2011, p.164).

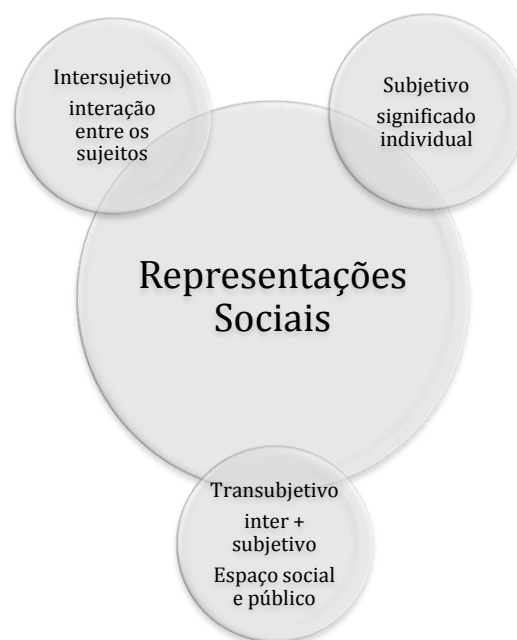
Jodelet (2018, p.431) confirma que “as representações, enquanto forma de saber prático, implicam uma relação indissociável entre um sujeito e um objeto”. Essa interação social pode ocorrer de forma individual e/ou coletiva. “O objeto pode ser humano, ou social, ele também pode pertencer ao universo material ou ideal”. Sobre o objeto, “a representação está em uma relação de simbolização (ela ocupa o lugar

do objeto) ou de interpretação (ela dá significação ao objeto)”. A respeito ao sujeito, “a representação tem uma função expressiva e é produto de uma construção”. Essa construção de mundo manifestada pelo sujeito social (individual /coletivo) “pode ser por meio de manifestações não apenas verbais, discursivas, mas também icônicas, comportamentais, gestuais, rituais, rotineiras, práticas ou ainda artísticas” (JODELET, 2018, p.434).

Alves-Mazzotti (2008, p.23) explica que para Moscovici “as representações sociais não são apenas ‘opiniões sobre’ ou ‘imagens de’, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseadas em valores e conceitos”. Assim, é essa estrutura (valores e conceitos) que se transmuta em “valores ou ideias compartilhadas pelos grupos”, que por sua vez desencadeiam atitudes e condutas aceitáveis.

Portanto, as representações sociais também estão arraigadas nos estudos sobre o patrimônio cultural, já que essa teoria dialoga com várias ciências e assume caráter inter e transdisciplinar. Outro aspecto fundamental, conforme aponta Jodelet (2009, p.695-696) é que existem três esferas de pertença das representações sociais: o subjetivo, o intersubjetivo e o transubjetivo (Figura 4). Dessa via, “toda representação é relacionada a um objeto e a um sujeito”.

Figura 4- As esferas de pertença das representações sociais.



Fonte: Adaptado por Costa (2019) a partir do modelo de Jodelet (2009).

Jodelet (2009, p.697-698) assegura que na subjetividade é possível estabelecer quais são os significados individuais e coletivos em relação a determinado objeto que está inserido no meio social e material, na medida em que se pode “examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo”. Já a intersubjetividade é gerada pelas interações realizadas pelos sujeitos em determinado espaço, especialmente pela comunicação verbal, onde são estabelecidas concepções.

Por outro lado, Jodelet (2009, p.698-699) alude que a transubjetividade é formada por elementos da subjetividade e da intersubjetividade que une as crenças individuais e grupais de interação, mais que isso a transubjetividade perpassa por “imposições da estrutura das relações sociais e de poder [...] por sistemas de normas e valores [...], por espaço social e público onde circulam as representações provenientes de fontes diversas [...]”, tudo isso age como meio para convencer o indivíduo a aderir e a se submeter a determinadas situações.

Além da subjetividade, intersubjetividade e transubjetividade, Jodelet (2018,p.435) defende que os fenômenos representativos tem o intuito de anular “debates intermináveis”, pois eles apresentam “objetivações concretas das representações e ainda oferecem a vantagem de respeitar o duplo *status* das representações sociais e/ou coletivas de ser ao mesmo tempo conhecimentos do mundo da vida e dos sistemas de interpretação deste mundo”.

De acordo com Serge Moscovici, a objetivação e a ancoragem são duas etapas necessárias para que se crie representações sociais, o que Jodelet (2018) chama de fenômenos representativos. Alves-Mazzotti (2008, p.24) diz que a objetivação se apresenta como conceitos, esquemas ou imagens concretas que no decorrer do tempo ganham o status de reflexos da realidade. Já, a ancoragem age como “a constituição de uma rede de significações em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais”.

Jovchelovitch (2004, p.21) apresenta uma reflexão sobre as relações entre saber, comunidade e cultura a partir de uma perspectiva psicossocial, pois para essa teoria da psicologia social é a ciência do ‘entre’, “o lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo nem a sociedade, mais precisamente é aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois”. Assim, a autora procurou compreender como a variabilidade das formas do saber se cristalizam no

setor público e como esse saber é visto, já que somente alguns saberes são reconhecidos epistemologicamente, enquanto os outros são vistos como “distorção, superstição e erro” devido a imperiosa concepção da ciência positivista e cartesiana.

Para analisar esses três eixos (saber, comunidade e cultura), Jovchelovitch (2004, p. 24) abstraiu o conceito de polifasia cognitiva de Moscovici (1976)²⁶ que agrega representação e contexto voltado ao saber social. Então, ela afirma que a polifasia cognitiva sistematizada por Moscovici possibilita entender que “o saber é uma atividade que só pode ser entendida em relação ao contexto do qual ela deriva sua lógica e a racionalidade que contém”.

Deste modo, Jovchelovitch (2004, p. 2-,28) menciona que a discussão do conceito de polifasia cognitiva mostra que todo saber é produzido em uma relação entre sujeito-sujeito-objeto no tempo e no espaço. Os saberes e suas múltiplas formas e a representação envolvem: os produtores do saber; os meios de produção do saber e os produtos, objetos do saber. Tanto que “o saber é um sistema de representações simbólicas organicamente ligado à Psicologia Social dos contextos e enredado produtivamente com um modo de vida e com sua cultura”.

Jovchelovitch (2004, p.28) elucida que “o saber é uma forma plástica e heterogênea, cuja racionalidade e lógica não se definem por uma norma transcendental, mas devem ser avaliadas em relação ao contexto psicossocial e cultural de uma comunidade”. O trato em relação aos saberes culturais não se restringe ao reconhecimento acerca da importância da pluralidade, “é preciso perguntar como esta pluralidade foi historicamente tratada e é socialmente realizada”.

Sendo assim, Jovchelovitch (2004, p.28,29) insiste que a problemática está na necessidade de “entender como o saber local é produzido, sustentado e defendido por comunidades [...] que maneira estes processos estão enredados com categorias psicossociais centrais como a identidade, a memória social e a participação na esfera pública”. Nesse liame, o papel da Psicologia Social é “fazer uma contribuição ao entendimento dos dilemas enfrentados por comunidades multiculturais [...] cujos saberes e modos de vida estão expostos à contínua ameaça e destruição”.

Jovchelovitch (2004) chama a atenção para duas questões importantes: a ameaça e destruição de saberes, fazeres e modos de viver de comunidades multiculturais, nas quais podemos abarcar as comunidades tribais, tradicionais,

²⁶ MOSCOVICI, Serge. *La psychanalyse, son image et son public*, 2. ed., Paris: PUF, 1976.

indígenas e quilombolas, que possuem um ritmo de vida, uma cosmologia e ontologia totalmente diferenciadas, como é o caso das comunidades do Distrito do Maruanum. Para conter as possíveis ameaças e destruições dessas formas de viver das comunidades é necessário compreender questões psicossociais mais profundas que pairam entre a subjetividade, intersubjetividade, transubjetividade, objetivação.

5.2 ANTES DE SABER-FAZER TEM QUE CRIAR: O CONCEITO DE CRIAR-SABER-FAZER

O termo *criar-saber-fazer* pela primeira vez foi utilizado na nossa pesquisa de mestrado (COSTA, 2014). Porém, na ocasião da dissertação não foi possível aprofundar as argumentações quanto à necessidade de utilizar o termo. No decorrer dos anos, por conta do projeto da tese de doutorado, ressurgiu a oportunidade de discutir o criar-saber-fazer relacionada ao patrimônio cultural. Pois, todos os artigos, livros, ensaios, vídeos que tive acesso tratam o patrimônio cultural seja material ou imaterial como o resultado de um *saber-fazer*. Mas, será que antes do *saber-fazer* não existe um *criar*?

Parto da seguinte lógica: nem sempre o sujeito cria, às vezes ele somente reproduz um saber, o concretiza (*saber-fazer*), porém quando o objeto, o patrimônio não é produzido em série, cada peça é moldada uma por uma, é uma peça única, então, surge o processo de criação, para fazer uma louça, a louceira precisa criar. Daí, no caso específico do artesanato, do patrimônio das louceiras do Maruanum, assim como nas demais formas de artesanato que não se enquadram no processo de linha de produção de uma fábrica, é primordial o emprego do termo “*criar-saber-fazer*”.

A partir dessa convicção, o termo *criar-saber-fazer* foi difundido por entender que esses três atos são indissociáveis, interdependentes e precisam constar nos escritos acadêmicos, especialmente aqueles publicados pelo IPHAN (caso o patrimônio cultural se enquadre como uma produção artesanal). Antes de tratar especificamente sobre o *criar-saber-fazer* foi traçada uma linha do tempo com as produções acadêmicas, nas quais o termo *criar-saber-fazer* foi inserido (QUADRO 2).

Quadro 2- Relação de produções que utilizaram o termo criar-saber-fazer

Ano	Título	Autores	Instituição da publicação
2013	<i>Territórios Quilombolas: a urgência do reconhecimento das comunidades do distrito do Maruanum-Amapá/Brasil</i>	Célia Souza da Costa Edinaldo Pinheiro Nunes Filho	Livro do Fórum Internacional de Meio Ambiente: Terra: Qualidade de Vida, Mobilidade e Segurança nas Cidades/UFPB
2016	<i>A arte cerâmica do Maruanum: o encantamento como linguagem artística</i>	Célia Souza da Costa Wanda Maria da Silva Ferreira Lima Elivaldo Serrão Custódio	Revista Identidade ISSN 2178-0437x
2017	<i>Religião, cultura e políticas públicas no Amapá: religiosidade, cerâmica e encantaria na tradição das Louceiras do Maruanum</i>	Célia Souza da Costa Elivaldo Serrão Custódio	Revista Correlatio DOI: http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v16n2p209-227
2017	<i>As práticas culturais e as sociabilidades do mundo da vida: a cerâmica utilitária como instrumento para o reconhecimento de território quilombola</i>	Célia Souza da Costa	Livro Da universalidade à singularidade na ação educativa ISBN 978-85-473-0521-5 Editora: Appris/ Curitiba
2017	<i>O ofício das Louceiras do Maruanum e a urgência de estratégias educativas de educação ambiental patrimonial</i>	Célia Souza da Costa	Anais da X Semana de História da Universidade Federal do Amapá Link: https://drive.google.com/file/d/14p4gnKDIWW0fB2I6_ATsrDTw7kj3NIjs/view
2017	<i>Princípio da Equidade Intergeracional: o conhecimento tradicional das Louceiras do Maruanum na produção cerâmica sustentável</i>	Célia Souza da Costa Juliana Monteiro Pedro	Anais do VI Congresso Brasileiro de Direito Socioambiental Link: http://direitosocioambiental.org/livros/
2018	<i>O ritual do criar-saber-fazer ceramista das Louceiras do Maruanum (AMAPÁ)</i>	Célia Souza da Costa Mônica Luiza Simião Pinto Jéssica Fernanda Maciel da Silva	Livro Antropologia- Memória del 56º Congreso Internacional de Americanistas DOI: http://dx.doi.org/10.14201/0AQ0251_1 Link: https://edicionesusal.com/wp-content/uploads/2018/12/978-84-9012-914-2_2%C2%AA_ed.pdf

2018	<i>A tradição ceramista e o reconhecimento de territórios quilombolas no distrito do Maruanum (Amapá)</i>	Célia Souza da Costa Juliana Monteiro Pedro	Anais do X Congreso de la Red Latinoamericana de Antropología Jurídica Link: http://relajuwallmapu2018.cl/wp-content/uploads/2018/10/Circular_4_RESULTADOS_DE_SIMPOSIOS_PONENCIAS.pdf
2018	<i>Educação Ambiental Patrimonial: um conceito em construção</i>	Célia Souza da Costa	Anais II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura ISBN: 978-85-93548-17-8 Link: https://claec.org/semlacult/wp-content/uploads/sites/7/2017/12/CADERNO_RESUMO.pdf
2018	<i>Educação Integral como política pública de acesso à educação ambiental patrimonial</i>	Célia Souza da Costa	Anais II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura ISBN: 978-85-93548-17-8 Link: https://claec.org/semlacult/wp-content/uploads/sites/7/2017/12/CADERNO_RESUMO.pdf
2019	<i>O criar-saber-fazer das Louceiras do Maruanum como patrimônio cultural afro do Amapá</i>	Célia Souza da Costa Ana Paula da Conceição Ferreira	Livro Afro Patrimônio Cultural ISBN: 978-65-80609-00-0 Editora: Via dourada

Fonte: COSTA,2019.

Toda essa produção acadêmica traz o uso teórico do *criar-saber-fazer* como um resultado do mundo da vida, do cotidiano social, observado e vivenciado ao longo desses anos de pesquisa no Distrito do Maruanum. Para sustentar essa premissa de dos atos do *saber-fazer* é fundamental falar sobre as bases formadoras do *criar*, neste subitem traço uma argumentação baseada nas conexões existentes entre criatividade e cognição, pois assim como a representação, a criatividade é um processo psíquico que se abriga em funções cognitivas.

Início pela discussão acerca do criativo, segundo Moraes (2015, p.3) para que o sujeito seja criativo, ele deve dominar aptidões “[...] se alguém tiver uma capacidade figurativa elevada, por exemplo, é provável que venha a ser criativo quando desenha, pinta ou planifica uma decoração”, por outro lado, se apresentar “uma capacidade verbal, é mais provável que se venha a ser criativo escrevendo”. No mais, “as aptidões refletem-se então nos contornos dos nossos esforços criativos, não só na alta criatividade, mas também na manifestação criativa cotidiana”.

Outro ingrediente fundamental para despertar a criatividade é a motivação. Moraes (2015,p.4) diz que “é consensual que só se cria quando se está comprometido com o que se faz. Criar é imensamente mais exigente do que reproduzir”, sim porque quando se cria uma peça de cada vez, o objeto se torna singular. Assim como a louça

de barro do Maruanum, cada peça é única. Outro fator ligado a criatividade é a cognição, Morais (2015, p. 4) afirma que “ser criativo associa-se ainda a processos cognitivos”. Para desencadear a criatividade é preciso técnica, treino, um conjunto de aptidões, pois “para criar é então importante não só um conhecimento aprofundado acerca do domínio em que se cria, mas também um conhecimento multidisciplinar - e isto não só considerando a alta criatividade, como também a criação no dia-a-dia.” (MORAIS, 2015, p.4).

Em falar em cognição, Maturana (2018, p.128) explica que a cognição é um fator que coordena as nossas ações e relações interpessoais. Essas ações podem ser “distinções, operações, comportamentos, pensamentos ou reflexões”, é o próprio conhecimento. Nesse liame, Fonseca (2014, p.237, 239) diz que a “cognição e a inteligência humana emergem dos neurônios que constituem, principalmente, o neocórtex humano – o maior do reino animal”. A cognição está atrelada ao processo de conhecer, ao conhecimento “o que envolve a coativação integrada e coerente de vários instrumentos ou ferramentas mentais, tais como: atenção; percepção; processamento; memória [...]”, etc. Esses conhecimentos aprendidos por meio do processo cognitivo e mental “decorrem por um lado da transmissão cultural intergeracional, e por outro, da interação social entre seres humanos que a materializam”.

Fayga Ostrower (2014) no Livro *Criatividade e Processos de criação* traz elementos sobre o potencial criativo, ele se apresenta no ser consciente-sensível-cultural; na memória; nas associações; no falar, simbolizar; nas formas simbólicas e ordenações interiores; no potencial criador e na tensão psíquica. Ao falar sobre o potencial, a autora revela que “o ato criador abrange portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (p.9), isso porque “mais do que *‘homo faber’*, ser fazedor, o homem é um ser formador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos”. Assim, as formas de percepção são formadas a partir das experiências, daquilo que vemos, sentimos e nos colocamos como um centro de referência, por isso “ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos”. Isso significa, que o ser humano, “nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar” (OSTROWER, 2014, p.9).

É confortante a afirmação de Ostrower (2014, p.10) quando diz que “os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição [...] intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos”. Digo é confortante porque é exatamente isso que identifico nas louceiras, o ato de *criar-saber-fazer* ocorre conscientemente, porém todas as etapas materiais da confecção da louça são intuitivas, elas silenciam, ouvem a matriz original, evocam as afirmações, crenças, memórias, sensações e intuitivamente dão forma a louça. Cada louceira expressa a individualidade, a criatividade, a percepção, a intenção em cada peça que produz.

Sobre a criatividade, Gardner (2004, p.28) a identifica como o resultado das *experiências* vivenciadas na infância, pois, se “as crianças tem a oportunidade de descobrir de descobrir muito sobre o seu mundo [...] elas acumularão um inestimável ‘capital de criatividade’, do qual irão se valer mais tarde na vida”. Gardner (2004) corrobora com as falas das louceiras do Maruanum, pois muitas delas tiveram as primeiras experiências com o manusear do barro ainda na infância, no observar as mulheres mais experientes ao tecer louça cerâmica. “*Eu aprendi com a minha cumadre, a gente que era criança não podia mexer com o barro, mas eu roubava uns pedacinho de barro e ficava amassando e olhando a minha mãe fazendo. Depois que eu cresci mais um pouco, aprendi com a minha mãe*” (Depoimento de uma louceira). “*Eu aprendi com minha mãe, vendo a minha mãe fazer, daí eu aprendi com ela [...]* (Depoimento de uma louceira). “

Gardner (2004, p.28) argumenta que “o criador é um indivíduo que consegue enfrentar um desafio formidável”, isso significa “unir os entendimentos mais avançados de um domínio com os problemas, questões, perguntas e sensibilidades que caracterizam a sua vida quando era uma criança que se maravilhava com as coisas”. É perceptível que no caso das louceiras do Maruanum, a criatividade, o saber-fazer aflora com juntamente com a memória da infância. “É neste sentido que o criador adulto aproveita muito o capital da infância”.

Quando Ostrower (2014, p.11) fala em ser consciente-sensível-cultural, ela visualiza o ser humano como “um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural. Quer dizer, a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas”, diferentemente, “a cultura representa o desenvolvimento social do homem, configura as formas de convívio entre as pessoas”. Ostrower (2014, p.11) lembra que “as culturas se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem”, nos mais “o potencial consciente e

sensível de cada um, se realiza sempre e unicamente dentro das formas culturais”. Dessa forma, as louceiras estão imersas em um contexto cultural que se dá com a troca de experiências, transmissão e recebimentos de valores, saberes, fazeres, crenças e se cristaliza com as atividades desenvolvidas por essas mulheres, dentre essas atividades está a cerâmica.

No que tange ao ser sensível, Ostrower (2014, p.12) advoga que “como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível”. Todo ser humano tem sensibilidade, uns com menos, outros com maior grau. No mais a “sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós”.

A sensibilidade, segundo Ostrower (2014, p.12) tem duas faces: é consciente e inconsciente. O consciente se manifesta no sensorial, “é a nossa percepção. Abrange o ser intelectual, pois a percepção é a elaboração mental das sensações”. A respeito do ser cultural, Ostrower (2014, p.13) é resultado da cultura que se apresenta em “formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte”. Portanto, todas as expressões e patrimônios culturais de um grupo são frutos dos antepassados. É interessante constatar que as louceiras do Maruanum acolhem a ideia de que a técnica ceramista é uma atividade herdada da mãe, da sogra, da prima, das mais velhas que doam com afeto o que foi aprendido.

Consciente ou inconscientemente, a sensibilidade fomenta a criatividade, é um dos pontos de partida. Portanto, Gardner (2004, p.30,31) define uma pessoa criativa como aquelas que “[...] regularmente soluciona problemas, cria produtos ou define novas questões num domínio de uma maneira considerada nova, mas que acaba sendo aceita num determinado ambiente cultural”. Em relação a criatividade e a cultura, Gardner (2004, p.31) afirma que “as atividades criativas somente são conhecidas como tal quando foram aceitas numa determinada cultura”. Aproveito para argumentar que o saber-fazer das louceiras do Maruanum é reconhecida pelos comunitários (via entrevistas e questionários: a criatividade é uma das palavras evidenciadas) como uma tradição, uma técnica eminentemente criativa. Sobre isso, Gardner (2004, p.31) diz que “a criatividade é um julgamento inerentemente comunal

ou cultural [...] E a avaliação precisa ser realizada por uma porção relevante da comunidade ou da cultura: não há outros árbitros.

Ao ver o ser humano criativo como um ser consciente-sensível-cultural, Ostrower (2014, p.18) traz à tona a importância da memória na criação, “evocando um ontem e projetando-o sobre o amanhã, o homem dispõe em sua memória de um instrumental para [...], integrar experiências já feitas com novas experiências [...]”. Ostrower (2014, p.19) conceitua a memória como “uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais [...] a memória também ordena as vivências do passado”. A memória é sempre ordenada, “nossa memória seria, portanto, uma memória não-factual. Seria uma memória de vida vivida. Sempre com novas interligações e configurações, aberta às associações”. Sim, as louceiras vivenciam a tradição ceramista, rememoram em cada retirada de barro, em cada louça tecida, em cada caso contado daquilo que se viveu e se aprendeu sobre os antepassados, sobre a tradição.

Quando se trata de memória, Ostrower (2014, p.20) recorre as associações que “são correspondências, conjeturas evocadas à base de semelhanças, ressonâncias íntimas em cada um de nós com experiências anteriores e com todo um sentimento de vida”. A memória é sistematizada, organizada e as associações são espontâneas, elas conectam ideias e sentimentos, “as constelações associativas condizem com o que, individualmente, seria um padrão de comportamento específico nosso face a ocorrências que nos envolvam”. Em relação as louceiras, elas ao rememorarem fazem as associações com fatos vivenciados, permeados de falas, ensinamentos que receberam de herança dos mais experientes, é latente e pulsante. Em alguns momentos, elas se emocionam e demonstram a afetividade envolvida em todo o processo, ao dar forma a louça, ao falar sobre a louça elas ativam a memória e realizam as associações.

Ao tratar da criatividade, Ostrower (2014, p.21) diz que “as associações compõem a essência de nosso mundo imaginativo”. As associações também estão interligadas com a fala, tanto que “na língua, como em todos os processos de imaginação, dá-se um deslocamento do real físico do objeto para o real da ideia do objeto”. Essa imaginação mediada pela língua tem significados, se transformam em signos e símbolos. “O homem usa palavras para representar as coisas. Nessa representação, ele destitui os objetos das matérias e do caráter sensorial que os distingue, e os converte em pensamentos e sonhos, matéria-prima da consciência”.

Essas associações surgem porque “o indivíduo está integrado à família, à escola e à sociedade, da mesma forma que estes sistemas também estão integrados aos indivíduos”. Então, no decorrer da vida, passamos por experiências nesses lugares sociais. Chagas, Aspesi e Fleith (2005, p.221) mencionam que “o ambiente propício ao desenvolvimento da criatividade é constituído pela boa qualidade das interações construídas entre as pessoas que constituem o ambiente sociais e pelas experiências vividas neste ambiente”. Ainda acrescentam que “este clima favorável é o combustível para a experiência do prazer, da disciplina, da comunhão entre os processos cognitivos e afetivos que envolvem a criatividade”.

No que concerne as formas simbólicas e ordenações interiores, Ostrower (2014, p.24), a criatividade gera formas simbólicas e ordenações interiores. As formas simbólicas “são configurações de uma matéria física ou psíquica (configurações artísticas ou não-artísticas, científicas, técnicas, comportamentais) em que se encontram articulados aspectos espaciais e temporais”. Essas formas simbólicas são formadas durante a nossa vida, é a nossa percepção que depende do espaço e tempo, fruto de uma “movimentação interior”.

Se tudo acontece interiormente em cada indivíduo, “através da estrutura formal, a mensagem simbólica sempre articula, além das associações possíveis em cada caso, modos de ser essenciais- justamente pelos aspectos de tempo/espaço- que são entendidos como qualificações de vida”. Formam-se, então, as ordenações interiores, “de processos afetivos, ou seja, de formas do íntimo sentimento de vida. São as ‘nossas formas psíquicas” (OSTROWER,2014, p.25). Dito isso, posso afirmar que todo o processo criativo experimentado pelas louceiras do Maruanum é de origem vivencial, articulada com questões afetivas.

Na visão de Gardner (2004, p.32) a criatividade é formada por quatro níveis de análise: o subpessoal; o pessoal; o interpessoal e o multipessoal. O subpessoal abrange questões da genética e neurobiologia, Gardner acredita nisso, apesar de não existirem estudos que tratem especificamente, se os sujeitos criativos tem condutos genéticos diferenciados ou se há algo específico no sistema nervoso, há uma lacuna a esse respeito. O pessoal envolve “os processos cognitivos que caracterizam os indivíduos criativos [...] os aspectos de personalidade, motivacionais, sociais e afetivos dos criadores”. O interpessoal, se refere a “qualquer indivíduo criativo faz as suas contribuições em domínios específicos, que podem ser descritos em termos de seu atual nível de conhecimento e prática”. O multipessoal, envolve membros de um

campo, ou seja, juízes (especialistas) que cercam o sujeito e/ou produto com o objetivo de avaliar a adequação e qualidade do ato criativo (GARDNER, 2004, p.32).

Toda a cadeia da criatividade é formada por um potencial criador, de acordo com Ostrower (2014, p.26), “o potencial criador é um fenômeno de ordem mais geral, menos específica do que os processos de criação através dos quais o potencial se realiza”. Pois, “o processo de criar incorpora um princípio dialético. É um processo contínuo que se regenera por si mesmo e onde o ampliar e o delimitar representam aspectos concomitantes, aspectos que se encontram em oposição”. A criação é sempre uma reconstrução, tanto que “o potencial criador se elabora nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades de vida”. Nesse sentido, o ser humano como criador inato é detentor da criatividade que “implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos, através dos quais se realiza”.

Sobre a criatividade Chagas, Aspesi e Fleith (2005, p.216) dizem que para Vygotsky “a criatividade atinge a maturidade com a maioridade. A fase adulta traz uma certa conotação de plenitude, quando as experiências são mais ricas, variadas, complexas e a argumentação e a imaginação são capazes de dialogar e produzir [...]”. Portanto, a criatividade também é uma função que se desenvolve com o tempo, exige uma maturação que inicia na infância. “A criatividade do adulto está mais conectada com as demandas socioculturais, sendo mais representativa de interconexões e significados internos”. A maioria das louceiras do Maruanum estão em idade adulta, por isso a representação da louça, antes desenhada na infância, agora emerge como um objeto real, resultado de uma aprendizagem.

Porém, para que essa criatividade desabroche, segundo Ostrower (2014, p.27) é fundamental uma tensão psíquica, como sendo “uma noção de renovação constante do potencial criador”, ela exerce uma “função determinante nos processos criativos”. Isso porque “criar, significa poder sempre recuperar a tensão, renová-la em níveis que sejam suficientes para garantir a vitalidade tanto da própria ação, como de fenômenos configurados [...] criar representa a intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer”. Foi diante de uma necessidade, de um conflito, que o ser humano criou praticamente todas as invenções, a lâmpada, o rádio, o avião e louça de barro para cozer, armazenar alimentos, enfeitar as habitações, tudo para suprir um conflito e essa potência criadora nasce da tensão psíquica, que pode ser orientada pelo trabalho. “O

homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital [...] A criação se desdobra no trabalho, este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas”.

Atualmente a louça do Maruanum, além de ser utilitária e decorativa representa a pulsão criativa comunitária de mulheres que aprenderam a manusear, alisar, respeitar, se comunicar com o barro e a transformá-lo em potes, alguidares, panelas, xícaras, pratos e outros adornos. A técnica ceramista manifestada pela tradição é o resultado de estímulos familiares e culturais.

Pois se aprende a fazer louça com as mulheres próximas, com a mãe, com a comadre, com a prima, por isso a tradição ceramista é intergeracional. A criação das louças surge a partir das necessidades diárias, do mundo vivido, em entrevista as louceiras afirmaram que cozinham no fogão de barro *“porque a comida fica mais gostosa e porque o gás está caro”*. Outra louceira disse: *“Eu não faço mais aguidar porque eu não tenho quem tire bacaba²⁷, não tem porque eu fazer aguidar para usar”*.

As louças estão materializadas no cotidiano comunitário e imaterializadas na memória, no afeto e nos rituais que acompanham o criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum. O saber-fazer é a técnica, e o criar na tradição permite que a louceira se expresse, que ela mantenha a técnica do rolete, as características de como o saber-fazer foi ensinado, mas também que a criatividade flua como, por exemplo, criar o seu próprio ponto, inventar um desenho diferente na louça (flores, nomes, símbolos). Essa criação de desenhos nas peças e dos pontos é individual, a louceira fica livre para se expressar. Diferente de outros tipos de atividades artesanais como, por exemplo, tecer um pano é que o saber-fazer da louça de barro possui etapas rígidas, é necessário tecer a louça de forma tradicional.

O próximo capítulo está dividido em três seções. A primeira traz uma discussão histórica sobre a aliança entre ameríndios e negros e o nascimento da tradição ceramista, depois questões da pesquisa de campo com o tecendo a louça do Maruanum: rituais e crenças, e por último o tópico antes de saber-fazer tem que criar: o conceito de criar-saber-fazer.

²⁷ É uma palmeira nativa da Amazônia que possui frutos com polpa. Essa polpa amassada dá origem a um suco que serve como alimento às comunidades ribeirinhas e tradicionais.

O barro

O barro
toma a forma
que você quiser

Você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer

Paulo Leminski

Foto 19-Cerâmica do Maruanum secando na casa da louceira.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

6 LOUCEIRAS DO MARUANUM: A TRADIÇÃO CERAMISTA DO CRIAR-SABER-FAZER

Nesse capítulo descrevo o trabalho de campo em torno da tradição ceramista do criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum. O capítulo está dividido em três partes: Aliança entre ameríndios e negros que resulta no nascimento da tradição ceramista das louceiras do Maruanum; Tecendo a louça do Maruanum: rituais e crenças; e O patrimônio cultural do criar-saber-fazer ceramista como instrumento de reconhecimento de território remanescente de quilombo.

A primeira parte Aliança entre ameríndios e negros que resulta no nascimento da tradição ceramista das louceiras do Maruanum trata sobre a aliança entre essas duas etnias comprovada por pesquisas históricas e arqueológicas de Santos (1994), Morais (2009), Costa (2010), Vidal (2008), Queiroz e Gomes (2002), Gomes (1996), Hilbert (1957), Coirolo (1991) e Nunes Filho (2005,2010).

A segunda parte Tecendo a louça do Maruanum: rituais e crenças, apresenta a descrição da retirada da argila para a confecção da louça até a queima da peça observando os processos ritualísticos assim como as crenças cultuadas pelas louceiras. Além da descrição também há falas das louceiras sobre a tradição ceramista e inserções das regras descritas por Coirolo (1991) tanto para a retirada do barro quanto para a queima da peça que permanecem no cotidiano do criar-saber-fazer louça do Maruanum.

A terceira parte traz uma discussão sobre O patrimônio cultural do criar-saber-fazer ceramista como instrumento de reconhecimento de território remanescente de quilombo revelando conquistas, tensões e desafios tanto para os profissionais envolvidos na produção do Relatório de Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) quanto para a continuidade da luta das comunidades que buscam o direito por territórios demarcados como definido pelo art. 68 da Constituição Federal. Dentre os autores que contribuíram para essa temática estão Arruti (2003,2005,2006), Ferreira (2012), Coirolo (1991) e Barbosa (2011).

6.1 ALIANÇA ENTRE AMERÍNDIOS E NEGROS: O NASCIMENTO DA TRADIÇÃO CERAMISTA

De acordo com Santos (1994, p.14) “[...] a ameaça francesa de invadir o território pertencente a Portugal era constante, apesar de existir o Tratado de Utrecht²⁸. Receosa, a coroa portuguesa decidiu em 1738 construir uma fortaleza na região de Macapá”, esse projeto iniciou em 29 de junho 1764. A responsabilidade pela construção do empreendimento foi do capitão general Fernando da Costa Ataíde Teive, Governador do Grão Pará e Maranhão²⁹ e do o engenheiro Henrique Antonio Gallúcio.

A construção histórica do território amapaense, além da influência portuguesa e francesa teve grande participação de ameríndios e negros. Para a proteção das terras do Norte, a Coroa Portuguesa construiu várias fortificações, dentre elas a Fortaleza de São José de Macapá³⁰. Morais (2009, p.49) afirma que “os negros escravizados aportaram no Amapá oficialmente no ano de 1751. Eles foram trazidos pelo governador do Maranhão e Grão-Pará, Mendonça Furtado”. O governador pretendia colonizar da melhor maneira possível as terras amapaenses. Por essa razão, Macapá recebeu famílias vindas do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Maranhão que também trouxeram muitos negros escravizados.

O processo de construção dessa fortaleza no século XVIII foi possível devido ao trabalho escravizado de negros e ameríndios. Os negros foram escravizados por terem grande resistência corporal e força de trabalho. “Desde o começo do tráfico, o negro foi visto como coisa, mercadoria e pertencia a um dono, proprietário” (COSTA, 2010, p. 12).

Morais (2009, p.47) evidencia que essas pessoas escravizadas, além de trabalhar dia após dia, o negro e o ameríndio eram castigados pelos algozes.

²⁸ Na Holanda, sob a mediação da rainha inglesa Anne, em 11 de abril de 1713, ocorreu à assinatura do Tratado de Utrecht entre Portugal e a França, que estabeleceu o rio Oiapoque como limite entre o Brasil e a Guiana Francesa (SANTOS, 1994, p.13).

²⁹ Em 1621, cria-se o Estado do Maranhão e Grão Pará, com sede em São Luiz. Em 1751, dado a importância econômica e política de Belém, cria-se o Estado do Grão Pará e Maranhão, com sede em Belém. Em 1774, o Estado passa à condição de Capitania, como parte do Estado do Brasil (TAVARES, 2010.59).

³⁰ Devido à importância arquitetônica e histórica a Fortaleza de São José de Macapá construída desde 1764 e inaugurada em 1782, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1950. “Desde 2018, um comitê formado por órgãos estaduais e federais elabora relatórios e levanta documentações para a candidatura da Fortaleza a patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco)” (ALBERTO JÚNIOR,2019).

Especialmente os negros reagiam dominados pela dor do castigo e também por meio da violência assassinavam senhores e capatazes, cometiam suicídios e articulavam fugas, como forma de libertação da escravidão. Essas fugas eram facilitadas pela imensa e densa floresta Amazônica, permeada de rios e matas, lugar habitado pelos povos ameríndios.

Além da construção da Fortaleza de São José de Macapá, os negros escravizados também trabalhavam em outras funções servis domésticas. Inclusive, a região do Amapá era uma preocupação à coroa portuguesa, a urgência foi povoá-la. Uma das oportunidades narrada por Vidal (2008) foi o remanejamento de uma população que habitava em um forte em Marrocos chamada Mazagão que foi tomada pelos mouros, e Portugal precisou abandonar o local às pressas. Foram então, transportadas entre 1769 e 1771, 469 famílias que povoariam o norte do Rio Amazonas. Algumas dessas famílias também tinham escravos povoaram a Nova Mazagão, localizada no Rio Mutuacá.

Nesse cenário, em 1749 chegaram os primeiros negros fugidos de Belém que se refugiaram na região do Maruanum formando um quilombo³¹ às margens do rio Anauerapucu. Morais (2009, p.48-49) informa que “o quilombo precisou ser dividido porque foi descoberto por caçadores de índios”. Organizados em locais de difícil acesso, muitos quilombos chegaram a ter centenas de negros que ali viveram muitos anos. Além do quilombo do Maruanum foram também formados no Igarapé do Lago, Ambé, Cunani, Curiáu e Goiabal (Lagoa dos Índios, Macapá).

Nessas fugas com a formação de quilombos e mocambos³², Queiroz e Gomes (2002, p.29) explicam que os negros tiveram contato com ameríndios dentro da imensa floresta amazônica. “A propósito, um índio que caçava nas cabeceiras de um riacho deparou-se com quatro escravos fugitivos pertencentes a um morador de Cametá, que estavam fracos [...]”. Além dos ameríndios, os negros fugitivos podiam contar com o auxílio de alguns comerciantes que atuavam na fronteira da região do Amapá (pertencente a Portugal) e Guiana Francesa (sob domínio da França).

³¹ Vários fatores determinaram a gênese e a formação dos quilombos. O principal foi o assinalado desejo latente de autonomia do cativo, que jamais deixou de se opor à apropriação de sua liberdade-força de trabalho. O quilombo podia gerar-se quase naturalmente, nascendo, instalando-se e crescendo gradativamente, tomando consistência à medida que, com o tempo, recebia novos trabalhadores escravizados fugidos (FIABANI, 2012, p.251).

³² As constantes fugas escravas permitiram a constituição de mocambos grandes (formados por centenas de fugitivos), estáveis e duradouros na região (GOMES, 1996, p.47). O termo quilombo só aparece na documentação colonial no final do século XVIII. Em geral, a terminologia usada antes era mesmo mocambo (GOMES, 2015, p.19).

Para a subsistência de quilombos e mocambos, os negros produziram lavouras e desenvolveram outras habilidades. Gomes (1996, p.47) diz que devido as condições inóspitas da floresta, os negros conseguiram estabelecer territórios temporários e continuar com as fugas, assim que eram descobertos. “Em 1798, em meio às disputas coloniais entre Inglaterra e Holanda pelas Guianas, dizia-se que os índios ‘encontravam-se influenciados por mulatos de Demerara’”. Nesse contexto, “os contatos e as ideias de liberdade que circulavam naquela conjuntura eram compartilhados tanto por negros como por índios”.

Mediante todos esses registros históricos, é possível afirmar que os negros fugidos na região Amazônica, especialmente do Amapá firmaram alianças com ameríndios e por eles foram amparados no momento de fuga. Assim, negros e ameríndios trocaram informações, saberes e se miscigenaram. Pois a técnica ceramista é um fazer ameríndio, como afirma Hilbert (1957) nos achados arqueológicos de urnas funerárias dos povos Aruã, Maravan e Palíkur.

Segundo Hilbert (1957, p.9) os sítios arqueológicos (fases Aruã, Mazagão e Aristé) foram analisados e se constatou a presença de decoração com incisões, raspagem, pintura e “uma cerâmica temperada com areia, depois para desenhos curvilíneos de motivos complexos, sobre uma cerâmica lisa e temperada com cacos moídos”. Todos os resquícios arqueológicos apontaram para um saber-fazer praticado por ameríndios.

O povoamento ameríndio detectado nas escavações arqueológicas foi dos grupos Aruã no século XIII. Nos séculos seguintes com a colonização esses povos emigraram para ilhas na Foz do Amazonas (Caviana, Mexiana, Marajó) e se enquadraram na fase arqueológica Aristé³³. A certeza de que a tradição ceramista é ameríndia se deu com um achado de sítio-habitação dessa fase arqueológica há alguns quilômetros ao norte da região do Maruanum, no rio Matapi: “identificado como Sítio A-13 Matapi” (COIROLO³⁴ *apud* MERGGES & EVANS; HILBERT, 1991, p.74).

Nos meados de 1650 e 1750, os confrontos entre franceses e portugueses pela Costa do Amapá resultaram na migração para o interior de diferentes grupos étnicos,

³³ Fase Arqueológica Aristé está relacionada à tradição ceramista policroma, caracterizada pela grande diversidade de técnicas decorativas e, pela complexidade de motivos. O período de ocupação deste grupo cultural no Amapá é dos séculos IV a V d. C. (NUNES FILHO, 2010; 2005).

³⁴ COIROLO, Alícia Durán. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Atividades e Tradições dos Grupos Ceramistas do Maruanum (AP)**. V. 7. Série Antropologia. Belém-PA. 1991.

entre eles os Maraon que habitaram a região dos rios Matapi e Maruanum (hoje Maruanum) desde a Costa até o rio Araguari (COIROLO³⁵ *apud* GRENAND, 1991, p.74). Para Coirolo (1991, p.75), a região do Maruanum é formada por descendentes dos grupos de ameríndios e africanos escravizados que fugiram das construções dos fortes do Curiaú, de Macapá e de outras localidades do Grão Pará no século XVIII.

Nunes Filho (2009) afirma que a tradição ceramista das louceiras do Maruanum é constatada por estudos arqueológico e hoje as louças de barro são o resultado de um patrimônio arqueológico que ultrapassa séculos. A composição base da louça, a argila e o cariapé já eram materiais utilizados por povos na região do Amapá desde a fase Mazagão, uma das fases arqueológicas amapaense. “A cerâmica desta Fase mostra na pasta, como tempero ou antiplástico, areia, quartzo triturado e cariapé (o cariapé ou caraipé consiste em uma casca de árvore que contém sílica) em percentagem variável”.

Outra constatação é apontada por Coirolo (1991, p.91): “A técnica de fabricação de cerâmica é a mesma utilizada pelos grupos indígenas de toda a Bacia Amazônica”. Assim, “a modelagem por roletado e o uso da cinza do cariapé como antiplástico são a comprovação disso”. Nesse sentido, os ameríndios já forjados com os negros, os ensinaram como fazer louças de barro. Tanto que a louça do Maruanum possui uma identidade, pois os materiais, a ornamentação e formas de uso são semelhantes com a cerâmica produzidas pelos outros povos ameríndios da bacia amazônica. Outra evidência é que a atividade cerâmica nos povos ameríndios é da mulher, assim como no Maruanum, essa tarefa é uma atribuição do gênero feminino (BARBOSA³⁶ *apud* WILLEY, 2011, p.19). “A sobrevivência de práticas indígenas e africanas, hoje são assimiladas pela cultura cabocla” (COIROLO, 1991, p.91).

Dessa feita, mediante a todos esses estudos arqueológicos, o nascimento da tradição ceramista é secular, primeiro como conhecimento ameríndio, depois um criar-saber-fazer dos negros aquilombados, uma aliança entre povos que se fundiu e hoje é uma marca da cultura cabocla quilombola amapaense. Essa tradição ceramista,

³⁵ COIROLO, Alícia Durán. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Atividades e Tradições dos Grupos Ceramistas do Maruanum (AP)**. V. 7. Série Antropologia. Belém-PA. 1991.

³⁶ BARBOSA, Maria Inês Cardoso. **Arranjo Local de Produção de Louças na Comunidade Quilombola do Maruanum-AP**. 2011.47 f. Monografia do Curso de Especialização em Gestão de Arranjos Produtivos Locais. UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.

repassada de geração para geração permanece, resistindo ao tempo com a essência de rituais e crenças dos antepassados.

6.2 TECENDO A LOUÇA DO MARUANUM: RITUAIS E CRENÇAS

A louça do Maruanum é tecida sob a influência de rituais e crenças. Toda a trajetória de pesquisa iniciou em 2012 e perdurou no doutorado. Nessa tese, a experiência da retirada do barro foi observada em outubro de 2018, mas a pesquisa se estendeu no registro das programações do Dia da Consciência Negra (20 de novembro) e dia de Santa Luzia (13 de dezembro).

Durante os meses de junho a outubro permaneci nas comunidades do Maruanum. De junho a setembro visitei o campo de pesquisa para conversar com moradores, com as louceiras, testei as perguntas das entrevistas, apliquei questionários, fiz o pré-teste de todo o material que iria ser utilizado na pesquisa. Em outubro, o enfoque estava voltado para coleta da argila, tempo em que as águas do lago estão baixas, ideal para a realização da retirada do barro. Em mutirão, as louceiras marcaram essa primeira etapa com a extração da argila no dia 27 de outubro de 2018.

Nesse dia, eu e Ana Paula acordamos bem cedo, tomamos café, fomos direto para casa da Dona Marciana, onde nos organizamos para a partida com o lanche em mãos, canecos, água, sacos plásticos grandes, um banquinho de madeira e dois baldes para colher mangas nas árvores espalhadas ao longo do rio, conforme descrito no capítulo 3.

Na noite anterior, dia 26 de outubro de 2018 para irmos ao barreiro precisávamos ter cumprido o preparo, conforme manda a tradição. Esse preparo consiste em:

- 1- Devem levar em consideração a fase da lua tanto na extração da argila quanto no corte do cariapé. Somente três dias após a mudança de fase é que a tarefa pode ser realizada.
- 2- As mulheres que vão participar do mutirão não devem estar menstruadas, pois isso faria com que a argila ficasse 'contaminada', quer dizer impura;
- 3- As mulheres que grávidas também não podem participar dessas tarefas, pois poderiam 'empanemar'³⁷ a argila e a casca do cariapé;

³⁷ Carregar forças negativas, enfeitiçar, trazer má sorte (COIROLO, 1991, p.78).

- 4- As mulheres que participam do mutirão devem fazer abstinência sexual na noite que antecede à extração da argila (COIROLO,1991, p.78).

No que concerne ao preparo para a retirada do barro, nada mudou na tradição. Uma vez cumprida essa etapa fomos de canoa motorizada para o barreiro. Chegando no barreiro, Dona Marciana intuitivamente pediu à Mãe do Barro a benção e a permissão para retirar o barro, depois apontou para os demais onde seria cavado o buraco. Imediatamente, os homens responsáveis por abrir o buraco foram à mata buscar galhos de uma árvore para servir como suporte para a abertura de um furo (Foto 20).

Foto 20-Retirada de galhos de árvore e preparo dos galhos pontiagudos.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Com os galhos de árvore preparados com a ajuda e um facão, os homens começam o desenho do buraco. O galho de árvore funciona como um escavador, aos poucos a terra vai surgindo. O uso de galhos faz parte do ritual e da crença das louceiras. Pois, não se pode abrir o buraco com instrumentos de metal, como pás e inchadas. Conforme a tradição, elas acreditam que a terra do barreiro se tornaria impura. Razão pela qual seguem o ritual da retirada do barro repassada pelos antepassados (Foto 21).

Foto 21- Carmo, filho da Dona Marciana abrindo o buraco.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Nessa escavação, o buraco mediu cerca de 1,60 m de diâmetro por 1,30 m de profundidade. Vale ressaltar que os buracos variam de tamanho, mas a forma é sempre circular (Foto 22). Para se chegar à argila pura foi necessário cavar por três camadas, a primeira de terra preta; a segunda de terra amarela; e a terceira de terra cinza.

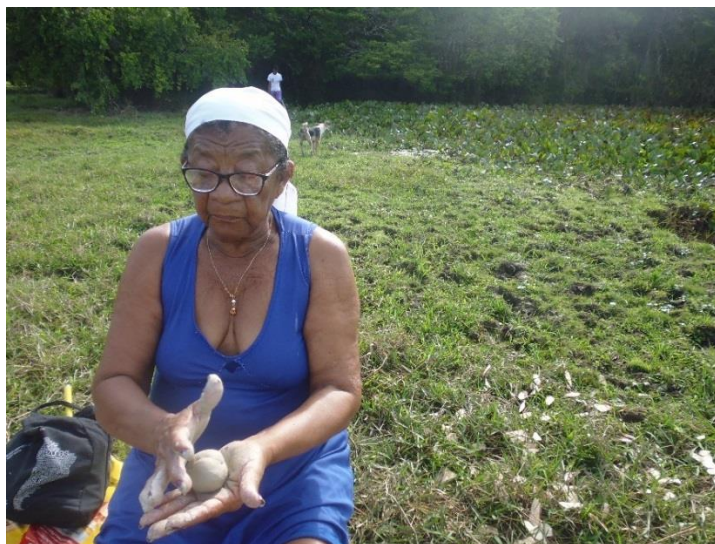
Foto 22- Escavação do buraco.



Medindo o início da escavação (acima à esquerda); Medindo o meio da escavação (acima à direita); Buraco totalmente aberto (abaixo à esquerda); Distribuição do barro pelas louceiras (abaixo à direita).
 Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Com o buraco totalmente aberto, Dona Marciana ia testando a consistência do barro, a ela caberia essa função por ser a louceira mais experiente presente no barreiro. Dona Marciana ia amassando o barro e dizendo se os cavadores deveriam cavar mais um pouco, tudo isso ora em silêncio, ora cantando ladrões de Marabaixo³⁸ bem à beira do buraco sentada em um banquinho de madeira.

Foto 23- Dona Marciana testando a consistência do barro.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Certo momento, Dona Marciana deu o seguinte intímato: *“Pode parar de cavar, acho o barro bom, agora é só ensacar e depois agradecer a Vovozinha, a Mãe do Barro, dona do barreiro”*. Então, as demais louceiras em forma de mutirão dividiram o barro. Os homens permaneceram dentro do buraco retirando a argila e repassando às mulheres as bolas de argila (Foto 25). Antes, a argila era armazenada em folhas de sororoca³⁹ (Foto 24), mas com o passar do tempo, as louceiras descobriram que os sacos de plástico eram mais resistentes e conservavam por mais tempo a argila, motivo da mudança da tradição.

³⁸ Versos improvisados pela cantadeira de Marabaixo (COSTA, 2014).

³⁹ A sororoca também é conhecida como banana brava da mata, planta típica da Amazônia. Nome científico: *Phenakosperma guyanensis*.

Foto 24- Árvore de Sororoca



Fonte: Rede de Sementes do Xingu (2019).

Foto 25- Divisão das bolas de argila.



Momento de partilha do barro (acima à esquerda); Louceira Castorina armazenando o barro (acima à direita); Louceira amassando a bola de barro (abaixo à esquerda); argila já ensacada (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Depois que todas armazenam e dividem as bolas de barro, surge o momento ritualístico da oferenda em agradecimento à Vovozinha, à Mãe do Barro, guardiã do lago e do barreiro. Cada uma faz uma loucinha, são canecos, alguidares, panelinhas, bules, xícaras, cachimbos, tudo para agradar e pedir proteção nas demais etapas da produção da louça, na modelagem, no armazenamento do barro e principalmente na queima para que a louça não estoure (Foto 26).

Foto 26- Oferendas à Mãe do Barro.



Louceira Castorina fez um alguidar (acima à esquerda); Louceira Dona Marciana fez um fogão (acima à direita); Louceira fez um cachimbo (abaixo à esquerda); oferendas à Mãe do Barro (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Me senti grata à Mãe do Barro por ter nos autorizado a pisar e permanecer em solo sagrado. Aproveitei para fazer uma panelinha e ofertar como forma de agradecimento pela pesquisa, pelo que vi e senti por meio da tradição ceramista. A oferenda é um momento singelo, de reconhecimento dessas mulheres como

dependentes da natureza, do que ela prove. Antes de depositar as oferendas no buraco, as louceiras fazem agradecimentos pelo barro dado pela Vovozinha.

A louceira Castorina disse: “Vovozinha, eu fiz um alguidar para a senhora amassar a sua bacaba, que a nossa louça queime paz, obrigado pelo barro”. Já a louceira Marciana falou: “Oh nossa vovozinha, *nogi*⁴⁰ Ihe agradece pelo barro. Eu fiz um fogão pra senhora fazer a sua comida. Eu peço pra senhora deixar queimar as nossas peças tudo em paz”. A outra louceira agradeceu: “Vovozinha fiz um cachimbo pra senhora fumar pelo agradecimento do barro” (Foto 27).

A crença na Mãe do Barro ou Vovozinha está presente no processo ritualístico das louceiras do Maruanum. Elas agradecem pelo barro, por ter permitido a extração da argila em abundância e também pedem proteção para a queima das peças.

Foto 27- Oferendas à Mãe do Barro dentro do buraco, fonte de argila.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

⁴⁰ “Nogi” significa “nós”.

Após a oferenda à Mãe do Barro, as louceiras e os homens fecham o buraco com as camadas de terra que sobraram (Foto 28). É importante tampar o buraco por dois motivos. O primeiro é porque o buraco tampado se regenera mais rápido e a Mãe do Barro não fica triste e brava; e o segundo porque é uma espécie de sinalização para os animais do pasto (bois, porcos, vacas, búfalos). Assim, os animais não se machucam.

Foto 28- Fechamento do buraco



Ajudando a tampar o buraco (acima à esquerda); Louceiras tampando o buraco (acima à direita); Buraco tampado (abaixo à esquerda); Buraco se regenerando (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

É importante ressaltar que a tradição cosmologicamente traz uma ação socioambiental voltada para sustentabilidade, uma vez que a área se regenera com o tempo, elas acreditam que é uma ação benevolente da Mãe do Barro. Há de se considerar que os buracos de um ano para o outro estão praticamente reconstituídos. Outro fator é a realização de um rodízio na área e a extração do barro é racionalizada

ocorre somente esse período do ano, no máximo duas vezes. O barreiro descansa boa parte do ano.

Depois de fechar o buraco, as louceiras e os homens se preparam para levar as bolas de barro até as canoas. O trajeto do barreiro à beira do igarapé⁴¹ é feita a pé. Homens e mulheres carregam bolas de argila que variam de 30 a 35 kilos. O transporte pelo igarapé é feito pelas canoas. Atualmente a participação masculina é fundamental para a tradição, já que a maioria das louceiras estão idosas e não dispõem de forças para escavar, puxar as bolas de barro e transportar a argila. Então, os homens assumiram essa função que antigamente era unicamente feminina. Geralmente, as louceiras trazem os filhos, os afilhados, os sobrinhos e até os esposos para realizar o trabalho mais bruto. Após o fechamento do buraco, as bolas de argila são levadas até as canoas possibilitando o transporte da argila às vilas, onde moram as louceiras (Foto 29).

Foto 29- Transporte das bolas de argila.



Louceiras indo para beira do igarapé (acima à esquerda); Homem transportando bolas de argila (acima à direita); Carmo, filo da Dona Marciana transportando argila de canoa (abaixo à esquerda); Louceira desembarcando a argila (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

⁴¹ Afluente de um grande rio, pequeno rio.

No dia 27 de outubro de 2018 fui até a casa da Louceira Carmosina para acompanhar os demais passos ritualísticos do criar-saber-fazer cerâmico. Dona Carmosina primeiro verificou se o barro estava limpo, livres de pedras, pedaços de pau, de impurezas em geral. Depois ela preparou a massa, na qual misturou com a argila as cinzas do cariapé⁴² (Foto 30), pois as cinzas das cascas dessa árvore é que dá resistência a peça de barro. A louceira disse: *“Primeiro a gente limpa o barro né, não pode ter uma pedrinha, nada, o barro tem que tá limpinho. Depois a gente prepara a massa com o cariapé, porque se não tiver cariapé, a louça não presta, ela quebra. O cariapé é queimado e depois peneirado”*.

Foto 30- Casca do cariapé (à esquerda) e cinzas do cariapé (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Para tecer uma cerâmica, a louceira Dona Carmosina colocou o barro numa forma quadrada de madeira e com roletes de argila um em cima do outro formou uma base (Foto 31) dando forma a louça com o cuiapé⁴³. Além do cuiapé, a louceira também pode utilizar a orelha de pau⁴⁴ para definir as bordas da louça. *“Viu como é que é a gente alisa bem o barro, depois coloca esse pedaço de pau aqui onde vou tecer a louça, eu vou colocando um rolete em cima e vou assim alisando as parte do barro, aí não pode usar nada que não seja natural na louça, aí a gente usa o cuiapé e a orelha de pau para alisar as peça”*.

⁴² Extraída de árvore nativa do Amapá, nome científico *Licania Scabra*, a casca desta planta é queimada e depois peneirada para ser misturada com a argila (COSTA, 2014).

⁴³ Instrumento em forma de uma pequena espátula feita da espécie arbórea cuiqueira (*Crescentia cujete* L.) que é utilizado para moldar a peça, quando o barro ainda está mole (COSTA, 2014).

⁴⁴ Tipo de cogumelo grande, nome científico *Pycnoporus sanguineus*. É colhido pelas louceiras nos quintais ou próximo ao rio Maruanum em pedaços de árvores caídas (COSTA,2014).

Foto 31- Dona Carmosina mostra como é o processo de tessitura da louça em roletes.



Louceira Carmosina preparando a argila com cariapé (acima à esquerda); Louceira fazendo roletes de argila (acima à direita); Louceira colocando o primeiro rolete sob o fundo da tigela (abaixo à esquerda); Louceira modelando a peça (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

O processo tradicional continua o mesmo, para tecer a louça se utiliza apenas as mãos, observando a forma rudimentar dos antepassados. Os únicos instrumentos que entram em contato com a argila no momento da modelagem são apenas um pedaço de madeira, cuaipé e a orelha de pau, advindos da natureza e colhidos ali mesmo nas comunidades, nas matas e na beira dos rios.

Para tecer uma peça é fundamental que a louceira esteja em sintonia com a casa de louça ou com a oficina de barro, bem calma, longe do barulho, em concentração (Foto 32). Dona Carmosina explicou: *“Onde a gente faz a louça não pode ter barulho, gente falando, música alta, é danada para época a louça, aí não presta, se estoura não tem como consertar. Eu lembro muito da minha mãe, ela que fazia louça, aí eu aprendi com ela”*.

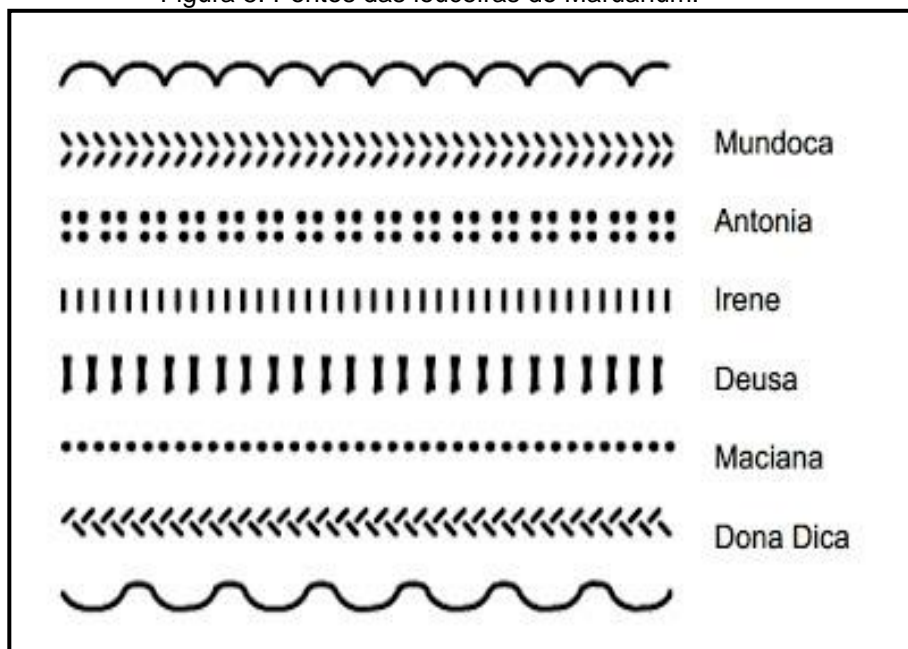
Foto 32- Louceira Dona Irene na oficina de barro.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Com a peça de barro ainda molhe, a louceira pode identificar o que produziu. Para isso, ela utiliza uma marca herdada de quem a ensinou a tecer a louça. É um ponto elaborado com a ajuda de um pequeno pedaço de madeira ou com as unhas (Foto 33). Esse ponto foi repassado de geração para geração que também é chamado de traço (Figura 5). Dona Carmosina falou: *“O meu ponto é o c de Carmosina né, eu faço esse ponto para enfeitar a peça, aí eu pensei nesse c. Quando alguma louceira vai na feira e leva as minha peça, ela identifica as minha peça pelo c, fica mais fácil né. Eu gosto de fazer o c porque todo mundo sabe foi a Carmosina que fez essa louça”*.

Figura 5: Pontos das louceiras do Maruanum.



Fonte: Naramazonie (2012).

Foto 33- Louça com ponto da Dona Carmosina.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

O próximo processo é a secagem, ela varia de acordo com o tempo, no verão é por volta de quatro dias e no inverno, oito dias. Quando a peça estiver bem seca é a vez da polidez. Para isso se utiliza uma pedra de seixo (Foto 34). O polimento tem a função de dar acabamento a peça, deixá-la lisa. Após o polimento, a louça está apta a ser queimada. Dona Carmosina explicou *“Como essa louça foi tecida hoje e agora está no verão somente com quatro dias a peça já vai está pronta para queimar. Aí vai*

ter que bunir com a pedra de seixo, vai ter que deixar essa peça bem lisinha, tem que fazer tudo isso para dar certo”.

Foto 34- Louça sendo polida com pedra de seixo.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Após o dia 27 retornei no dia 31 de outubro de 2018 à casa da Louceira Carmosina. Como era verão, as peças já estavam secas e polidas, prontas para a queima. Dona Carmosina disse: *“vou queimar essas peças bem ali naquele canto do quintal. Espero que essa louça não espoque né. Deixa eu pegar o carvão pra fazer uma cruz nessas louça, para elas não quebrarem né, dá muito trabalho fazer louça para perder as peça logo na queima [...] eu já separei a lenha para queimar, a lua também tá boa para queimar as peça”.*

A queima aconteceu no quintal da Dona Carmosina, já era início de tarde e ela decidiu fazer uma queima coletiva de três panelas com tampas e uma tigela. Antes, ela fez uma cruz em todas as peças, o que segundo o ritual impediria que a peça quebrasse, espocasse durante o cozimento. Para sustentar as louças, Dona Carmosina colocou tijolos e uma grelha, depois acendeu o fogo e aos poucos começou a distribuir gravetos de madeira e depois pedaços grandes de lenha (Foto 35).

Foto 35- Momento da queima das louças do Maruanum.



Louceira fazendo a cruz com um pedaço de carvão na peça (acima à esquerda); Louceira acomodando as peças para queima (acima à direita); Louças todas organizadas para a queima (abaixo à esquerda); Louças cobertas por pedaços de lenha (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Segundo o ritual e crenças da queima não podem participar deste momento “mulheres grávidas, menstruadas, pessoas que falam alto e gritam, o local da queima deve ser de pouca circulação de pessoas a fim de evitar maus fluidos” (COIROLO, 1991, p.86). Dona Carmosina ressaltou: “*A tradição diz que nem todo mundo pode participar da queima das louças, nem pensar participar da queima gente de língua grande, que fala alto, mulher buchuda também não pode, não é bom.* Todos esses requisitos observados por Coirolo (1991) permanecem até os dias atuais. A queima é o ápice da produção ceramista (Foto 36).

Foto 36- Processo da queima das louças do Maruanum.



Louceira organizando a queima (acima à esquerda); Fogo consumindo a lenha no cozimento das peças (acima à direita); Louceira administrando o fogo durante a queima (abaixo à esquerda); Retirada das peças do fogo e das cinzas (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

A queima das peças pode ser individual ou coletiva, todas as etapas foram observadas com uma exceção, Coirolo (199, p.88) diz “uma vez acabada a queima, o recipiente ainda quente é retirado das cinzas, com a ajuda de dois paus”. Mas, dessa vez Dona Carmosina retirou as peças das cinzas com ajuda de uma pá e um ancinho, devido as chamas que ainda estavam bem altas, o que impossibilitou de retirá-las com pedaços de madeira. Ao todo a queima durou cerca de uma hora e trinta minutos.

Após, a retirada das peças, Dona Carmosina impermeabilizou todas com a resina vegetal de jutaica⁴⁵. Essa resina é responsável pelo acabamento, na qual a peça se torna brilhosa e também fecha todos os poros da cerâmica evitando a infiltração de líquidos na peça. Nesse momento, a resina é utilizada com atenção pela

⁴⁵ Resina extraída do jutaizeiro, nome científico *Hymenea courbaril*, árvore nativa da Amazônia. A jutaica é largamente usada como impermeabilizante nas tribos indígenas da Amazônia. Em contato com a chuva, o calor e vento, esse material endurece, tornando-se brilhante e transparente (COSTA, 2014).

louceira, já que ela amolece com o calor podendo causar queimaduras por onde escorrer. A impermeabilização somente é possível com a peça ainda quente. Com o auxílio de um bastão de madeira com a pedra de jutaicica já fixada, a louceira passa essa resina por toda a extensão da peça. A temperatura na qual a resina é passada define a cor da louça, se esse processo de impermeabilização for realizado imediatamente quando a peça sai do fogo, a peça fica escura e for logo em seguida, a louça fica mais clara (Foto 37).

Fotos 37- Processo de impermeabilização das peças.



Resina da jutaicica *in natura* (acima à esquerda); bastão com a fixação da resina (acima à direita); Louceira impermeabilizando a peça (abaixo à esquerda); Peças impermeabilizadas (abaixo à direita).
Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

As observações apontaram algumas modificações na tradição do criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum, como a presença e participação de homens durante a coleta da argila e a utilização de sacos plásticos para a conservação do barro, em vez do uso das folhas de sororoca, mas essência da tradição com os rituais e crenças são mantidos, principalmente pela constante presença da Mãe do Barro na vida

dessas mulheres. Essas diferenciações do tempo presente para o tempo passado foram necessárias para manter viva a tradição ceramista (Foto 38). O resultado é uma louça única, com aspecto rudimentar, carregada de simbolismos, cultura, tradição e resistência, sobrevivendo a racionalidade do mundo moderno. Capaz de fazer com que as louceiras se reinventem e rememorem aspectos familiares e afetivos.

Foto 38- Cerâmica das Louceiras do Maruanum.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

As dificuldades para manter viva a cultura ceramista existe, e é complexa. Dentre ela destaco a dificuldade das louceiras em encontrar o cariapé, matéria-prima importante para a resistência da argila; o desinteresse dos mais jovens em aprender a cultura ceramista; a ausência de reconhecimento e valorização da tradição ceramista; a necessidade de articulações intersetoriais da Associação das Louceiras do Maruanum (ALOMA); os conflitos internos e comunitários etc. Apesar desses aspectos citados, a louça do Maruanum continua sendo tecida e brilha nas mãos de cada louceira, detentora desse criar-saber-fazer. As louceiras comercializam as louças em casa e em algumas oportunidades vão até a cidade de Macapá participar de feiras de artesanato. Assim, esta atividade humana, cultural e ao mesmo tempo econômica faz parte do cotidiano do Distrito do Maruanum pautada no respeito à natureza, à Mãe do Barro e a cultura.

6.3 O PATRIMÔNIO CULTURAL DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA COMO INSTRUMENTO DE RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO REMANESCENTE DE QUILOMBO

Para Nunes Filho (2005), a tradição da cerâmica do Maruanum é secular. Tanto que há indícios arqueológicos de cerâmica datados antes do contato com os exploradores. De fato, o conhecimento ceramista é ameríndio que por meio das alianças repassaram a técnica aos negros fugidos da escravidão. Com o surgimento do quilombo do Maruanum, o fazer cerâmico se transformou em uma tarefa iminentemente feminina e elas até hoje mantêm viva a tradição do criar-saber-fazer louças de barro, permeada de rituais e crenças. A louça do Maruanum agregou ao Distrito uma identidade, um criar-saber-fazer tradicional constituído pela imaterialidade (criar-saber) e a materialidade (fazer).

Atualmente, três comunidades do Distrito do Maruanum (Santa Luzia do Maruanum, Carmo do Maruanum e São João do Maruanum II) reivindicam junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o reconhecimento como territórios remanescentes de quilombo. Esse direito de reconhecimento como território quilombola é assegurado pela Constituição Federal de 1998 pelo artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). O Estado brasileiro garante “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). A partir desse dispositivo legal, Ferreira (2012, p.683) diz que se criou “um novo sujeito social e político, etnicamente diferenciado de direitos instituídos”.

Consta no INCRA (2019) que a primeira comunidade do Distrito do Maruanum a solicitar o reconhecimento de território remanescente de quilombo foi Santa Luzia do Maruanum em 2012 (Processo 54350.000221/2012-89), a segunda foi Carmo do Maruanum em 2013 (Processo 54350.001169/2013-30) e a terceira foi São João do Maruanum II em 2013 (Processo 54350.001694/2013-84). Até o momento, as comunidades aguardam os resultados do RTID. Isso demonstra a lentidão do poder público em dar andamento aos processos, pois as comunidades engendram décadas de lutas pelo reconhecimento dos territórios. Além disso, o INCRA não disponibilizou os relatórios antropológicos no Sistema Eletrônico de Informações (SEI), situação que inviabilizou constar nesse estudo detalhes sobre esses documentos. Durante a

pesquisa de campo foi informado que duas comunidades (Santa Luzia e Carmo do Maruanum) já receberam visitas de antropólogos que realizaram reuniões, entrevistas e pesquisa de campo, mas os relatórios ainda não foram entregues às comunidades.

Além do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum, as comunidades possuem uma diversidade cultural e comunitária realizam festas em honra aos Santos e Santas, padroeiros e padroeiras, dançam o Marabaixo e o Batuque⁴⁶, produzem cestaria, farinha de mandioca, mantém a tradição do pedido de benção aos mais idosos da comunidade e o trabalho cooperativo em forma de mutirão (Foto 39). Todos esses aspectos devem constar no laudo antropológico e assim o patrimônio cultural se destaca como um instrumento para o reconhecimento de territórios remanescentes de quilombos, principalmente no Distrito do Maruanum.

Foto 39- Patrimônio Cultural do Distrito do Maruanum.



⁴⁶ O “batuque” tem suas origens no Amapá desde o século XVIII, contexto do processo de ocupação da Vila de São José (Macapá) e Mazagão. Para ocupar a região foram trazidos negros na condição de escravos da África, Pará e Maranhão e nessas terras introduziram a “cultura do tambor”. Diferentemente do Marabaixo, o Batuque não reproduziria sofrimento e delações do tempo da escravidão e sim o arrefecimento da cultura africana e afro-brasileira nas terras do Amapá como símbolo de pertença e continuidade de tradições ancestrais marcadas por momentos de cortejos e comemorações (COELHO; DINIZ, 2016, p.140-141).

Festividade em honra à Santa Luzia do Maruanum (acima à esquerda); Marabaixo na comunidade de Santa Luzia do Maruanum (acima à direita); Pedido de benção ao mais idoso (abaixo à esquerda); Homem torrando farinha de mandioca (abaixo à direita).
Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Mas, como caracterizar um território remanescente de quilombo? O INCRA estabelece como parte do processo de reconhecimento de território quilombola, a necessidade de elaboração de laudo antropológico que faz parte do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID). Para a produção do RTID é necessária a atuação de uma equipe multidisciplinar. Dentre esses profissionais está o antropólogo, responsável pelo laudo antropológico.

Arruti (2006, p.33) explica que “as disputas em torno da definição dos critérios de ‘identificação’ são travadas no plano local, e, fundamentalmente no plano conceitual (antropológico, histórico e jurídico)”, isso gera embates entre os atores políticos e os profissionais da área, “o antropólogo se vê obrigado a responder a demandas políticas, jurídicas e administrativas, o desafio de manter-se crítico aos limites impostos pela lógica”. Sendo também um desafio harmonizar os tempos dos envolvidos nesse processo: a comunidade, o trabalho antropológico e a justiça.

Antes, o conceito de terras remanescentes de quilombo era “terra de pretos” ou “terra de negros fugidos”, hoje Arruti (2003) garante que o conceito foi ressemantizado, ressignificado por se tratar de um direito emergente do direito difuso. O art. 68 do ADCT define o quilombola como um novo sujeito social com identidade política, administrativa e legal, onde os territórios remanescentes de quilombo não podem somente ser vistos como históricos, mas também político, sociológico, cultural, cognitivo.

Além disso, ressemantizar o termo “terras remanescentes de quilombo”, Arruti (2006, p.81-82) diz que envolve três paradigmas: remanescentes; terras de uso comum e etnicidade; “o termo ‘remanescentes’ surge para resolver a difícil relação de continuidade e descontinuidade com o passado histórico, em que a descendência não parece ser um laço suficiente”. Outra questão é que “remanescente” não está atrelado as reminiscências, “mas a ‘comunidades’, isto é, organizações sociais, grupos de pessoas que ‘estejam ocupando suas terras’”. Também, o “*habitus* administrativo, “o termo ‘remanescente’, no caso dos quilombos, pode servir ao final, como expressão formal da ideia de contemporaneidade dos quilombos”.

Já o segundo paradigma, “a adoção das terras de uso comum está mais no anúncio (e na defesa) da existência de um outro ordenamento jurídico nacional-do que em sugerir uma tipologia completa desses apossamentos”, sendo que o uso comum das terras é gerenciado consensualmente entre os comunitários. Assim, “é no lugar do paradigma da ‘fuga e isolamento’ que a ressemantização do termo lança mão do paradigma das ‘terras de uso comum’, do exercício do campesinato pelas comunidades negras rurais (Grifos do autor) (ARRUTI,2006, p.90).

Quanto ao terceiro paradigma, a etnicidade está atrelada a autodefinição, a auto-atribuição, “a interpretação antropológica deposita no argumento da auto-atribuição deve observar as condições políticas e cognitivas que marcam a relação de tais grupos com o aparato jurídico-administrativo estatal”. Caso a comunidade não se auto-atribua como “remanescente de quilombo”, “cabe ao antropólogo um movimento analítico de segunda ordem, criativo e propositivo, de um modelo sociológico que se opõe a um modelo histórico” (ARRUTI, 2006, p.95). Até porque a mera auto-atribuição da comunidade como remanescente de quilombo não gera o reconhecimento, sendo necessários estudos especializados para se adquirir tal legitimidade.

Submissas ao processo administrativo e jurídico do INCRA, as comunidades caminham em busca do reconhecimento como território remanescente de quilombo, pois se abrem outras possibilidades de acesso a direitos devido ao reconhecimento de diferenças, como por exemplo, acesso a programas sociais. Além disso, Ferreira (2012, p.345) destaca que há uma segurança jurídica, pois os “laudos antropológicos de reconhecimento têm o seu lugar no emergir das comunidades, se apresenta como escrita e fato político”.

O antropólogo como profissional tem a legitimidade para realizar a perícia e a produção do laudo antropológico, portanto a partir do momento que ele entra em campo, esse profissional se vincula as demandas do grupo ou dos subgrupos e também se compromete a dar uma devolutiva às instituições do Estado (fins jurídicos e administrativos). Além desses interesses dicotômicos, o antropólogo precisa lidar com as relações de poder, a ponto de não deixar que pressões invalidem a perícia no âmbito jurídico e administrativo (ARRUTI,2005, p.17).

Como o laudo e/ou perícia antropológica e outros relatórios fazem parte do RTID, Ferreira (2012, p.346-347) defende que “esses documentos serão meios de constituir provas e legitimação de reivindicações. Os laudos orientam a tomada de decisões, cujos desdobramentos podem alterar a vida de comunidades inteiras”. Para

a produção do laudo antropológico, a observação do antropólogo deve estar voltada a variados aspectos sociais e culturais, como o patrimônio cultural um requisito importante no reconhecimento de território quilombola, especialmente nos casos das comunidades do Maruanum, detentoras da técnica secular das louças de barro.

O primeiro trabalho acadêmico sobre a tradição das louceiras do Maruanum foi produzido em 1989 por Alicia Coiroló (1991.p.91), ela evidenciou um relato de um dos pioneiros do Distrito do Maruanum, o “Tio Alexandre”. Segundo Tio Alexandre, a mãe dele chamada Ana era de origem indígena, ela era louceira. Como memória familiar Tio Alexandre disse que a mãe dele utilizava placas de barro cozido para torrar beijus⁴⁷, assim como todos os utensílios domésticos da casa dela eram feitos de barro.

Tradicionalmente, Coiroló (1991, p.91) afirma que a técnica das louceiras do Maruanum é transmitida de mãe para filha, de sogra para nora, ou entre irmãs e primas. Segundo a história oral, a produção da cerâmica no Maruanum surgiu devido à necessidade de produzir utensílios de cozinha para o uso diário. Esta prática foi aprimorada pelos negros dos mocambos que se refugiavam em terras do interior do Amapá. Barbosa (2011, p.25) destaca que “houve aliança entre negros e índios na região do Maruanum, e nessa troca cultural e de proteção, os negros receberam dos índios o legado da produção sustentável das louças”.

Portanto, a tradição do criar-saber-fazer ceramista se constitui como um patrimônio cultural do Distrito do Maruanum e do Estado do Amapá. Tanto que em 2009, o IPHAN/AP elaborou um documento chamado Fontes Documentais Inventariadas reunindo referências de trabalhos científicos, documentários, livros, áudios sobre o ofício das louceiras do Maruanum. Desse modo, para o laudo antropológico, além de informações sobre a vivência comunitária, os usos da terra, os costumes, as festas, está em evidência o trabalho das louceiras.

O próximo capítulo traz análises dos dados produzidos durante a pesquisa de campo, com a explicação sobre como foi realizada a análise de conteúdo, com as vozes dos participantes da pesquisa (louceiras e professoras do Maruanum; gestores culturais externos) e, por último a apresentação da estratégia educativa do Círculo de Cultura de Paulo Freire e sua aplicação nas comunidades do Maruanum.

⁴⁷ Bolinho assado feito à base de goma extraída da mandioca.

7 PESQUISA DE CAMPO: ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS

Para a análise dos dados produzidos na pesquisa de campo foi necessária a sistematização dos dados e para isso foram utilizados os programas Microsoft Word 2010 e aplicativo *Transcriber* para a transcrição dos áudios coletados nas entrevistas abertas. O programa Microsoft Word 2010 foi utilizado para organizar o aporte teórico da pesquisa, assim como para a criação de figuras e construção dos capítulos. A análise de dados na perspectiva de Bardin se deu com o auxílio do *software* Cmap Tools.

7.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: METODOLOGIA APLICADA

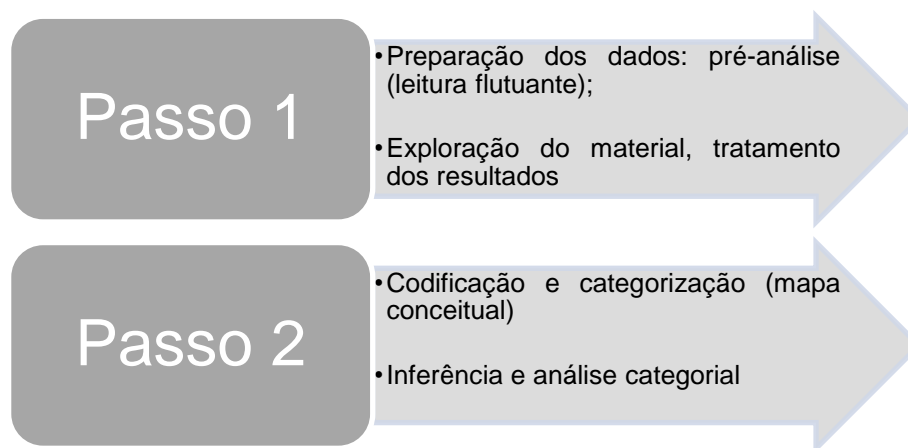
Os questionários e entrevistas abertas envolveram três grupos: o primeiro as louceiras, o segundo as professoras, e o terceiro os gestores da área cultural. Para a organização visual das respostas desses três grupos utilizo mapas conceituais por meio do *software* Cmap Tools, codificando cada grupo para então realizar a análise. Segundo Rodrigues e Cervantes (2015, p. 46), o Cmap Tools é “um programa desenvolvido pelo *Institute for Human and Machine Cognition* (IHMC), instituto com fins filantrópicos que faz parte de um sistema universitário da Flórida”. Esse programa é gratuito, específico para a criação de mapas conceituais, concebido por Alberto J. Cañas e Joseph D. Novak (1972).

A escolha em utilizar mapas conceituais se deu pela autonomia que o *software* garante, sem depender de uma organização autoritária. De acordo com Figueiredo (2016, p.13) “os mapas conceituais são ferramentas de organização do conhecimento criadas pelo educador norte americano Joseph Novak” que se baseou nos estudos de aprendizagem significativa de David Ausubel. Sendo o mapa conceitual um instrumento de organização para “auxiliar a compreensão das estruturas e relações existentes entre assuntos e conceitos [...] bem como para auxiliar a prática de organização de documentos e informações segundo seus temas e conteúdos, em uma ótica mais empírica” (FIGUEIREDO, 2016, p.13).

Para sistematizar a análise de conteúdo segui os passos propostos por Bardin (2016). “A análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica [...] por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares”

(BARDIN, 2016, p.50). Essas mensagens particulares estão contidas nos questionários e entrevistas abertas concedidas por 13 louceiras, 07 professoras e 04 gestores culturais. Como o corpus gerado pela pesquisa não demandou muitos dados, para analisá-los foi utilizada a técnica do mapa conceitual. Antes disso, foi fundamental organizar o *corpus* demandando dois passos (Figura 6):

Figura 6- Passos da organização do *corpus*.



Fonte: Costa (2019).

As respostas dos questionários e as respostas abertas foram transcritas para uma planilha no Word (respostas fechadas como a evocação livre de palavras, tendo como termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM). As entrevistas abertas foram transcritas com o auxílio do aplicativo *Transcriber*. Cada participante da pesquisa foi codificado para evitar qualquer tipo de identificação, um compromisso ético da pesquisa. O grupo das Louceiras como LOU1, LOU2, LOU3 até LOU13; o grupo das professoras PROF1, PROF2 até PROF7 e o grupo dos gestores culturais com o GEST1, GEST2, GEST3, GEST4.

A evocação livre de palavras dos participantes dos três grupos teve como termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”, na qual as palavras foram agrupadas em mapas conceituais de acordo com a ordem média importância (OMI), no intuito de demonstrar visualmente quais foram as palavras mais evocadas por grupo e classificadas como as mais importantes.

Depois houve o aprofundamento das respostas dos questionários com o auxílio das entrevistas abertas que trazem questões impossíveis de serem identificadas nas respostas dos questionários, isso tornou a análise complexa e repleta de significados.

Tanto para a primeira quanto para a segunda parte, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin, de acordo com os contornos da pesquisa. Pois, a escolha pela análise de conteúdo se deu pela flexibilidade em aplicar ou não, todos os passos, dando assim autonomia à interpretação dos dados.

O primeiro passo foi a pré-análise do material colhido no campo de pesquisa. “A pré-análise tem por objetivo a organização. A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. É na pré-análise que se realiza a leitura flutuante. “Pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa” (BARDIN, 2016, p.125,126). Essa leitura atenta passa por duas regras: a exaustividade, “uma vez definido o campo do *corpus*, é preciso ter-se em conta todos os elementos desse *corpus*”, não há seletividade (BARDIN, 2016, p.126-127).

Ainda no que tange o primeiro passo, há a exploração do material. “Esta fase, longa, fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2016, p.131). Sendo assim, nessa exploração do material foram separadas e agrupadas as respostas de sentido. Então, se chega à parte final do primeiro passo com o tratamento dos resultados obtidos, um ensejo para o segundo passo. Portanto, “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos [...] pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos -ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2016, p.131).

Sobre o segundo passo, a codificação, “Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto [...] permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2016, p.133). Houve a classificação e agregação com a escolha de categorias, tendo como unidade de registro o tema. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças [...]” (BARDIN, 2016, p.135).

Fez parte do segundo passo, a categorização, sendo “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos”. O critério escolhido para a categorização dos dados dessa pesquisa é “o léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos

sinônimos e dos sentidos próximos)” (BARDIN, 2016, p.145). Tudo isso porque, “a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2016, p.149)

No que tange à inferência, foi eleita por evidenciar o código e a significação, já que “qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem [...] nos servimos do código como um indicador capaz de revelar realidades subjacentes”, e a significação se dá quando “a análise de conteúdo pode realizar-se a partir das significações que a mensagem fornece” (BARDIN, 2016,p.166-167). Como todo o processo de organização e tratamento de dados está baseado na categorização, é natural que a análise também seja categorial, ela “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2016, p.202).

Dessa feita, a análise categorial está pautada nos núcleos de sentido caracterizados nos mapas conceituais, gerando significados sobre as louças do Maruanum, ou seja, um entrelaçamento de dados capaz de responder questões ligadas as representações acerca das Louça do Maruanum. A partir desse diagnóstico será possível estabelecer uma estratégia educativa (atuante no âmbito formal, informal e não formal) de educação ambiental patrimonial para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).

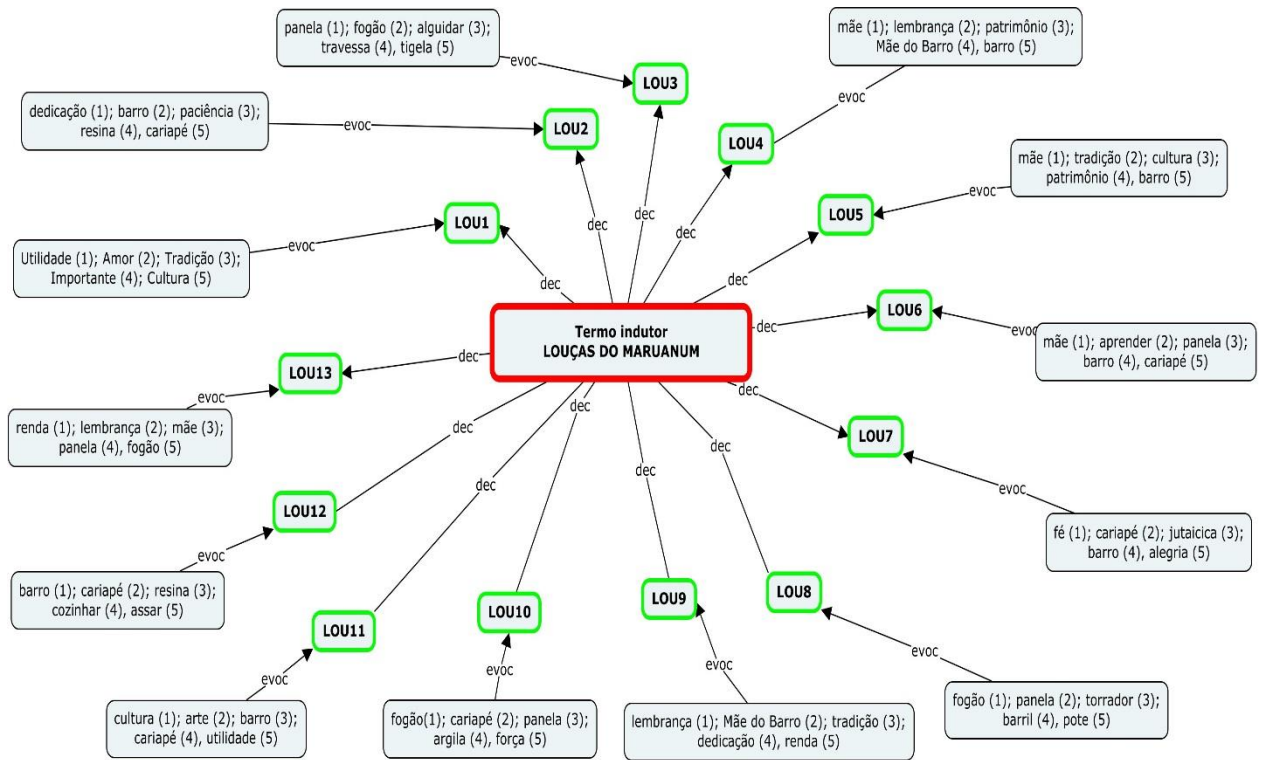
7.2 AS VOZES DOS ENTREVISTADOS: PONTOS DE VISTA

O campo de pesquisa trouxe à tona por meio dos questionários e entrevistas abertas várias interpretações advindas das vozes dos entrevistados que estão divididos em: as vozes das louceiras, as vozes das professoras e as vozes dos gestores culturais. Essa diversidade de vozes expressa as possíveis representações sociais dos envolvidos no momento da pesquisa.

7.3 AS VOZES DAS LOUCEIRAS

Iniciei a primeira etapa com o mapa conceitual da evocação livre de palavras das louceiras, tendo como termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”, para isso foi necessária uma pré-análise de todos os questionários respondidos pelas louceiras, especialmente a parte da evocação livre de palavras. Depois foi agregada a codificação das respostas como LOU1 até LOU13 contendo a evocação livre de palavras já organizadas pela ordem de importância atribuída pelas louceiras (FIGURA 7).

Figura 7-Evocação livre de palavras (ordem média de importância) das Louceiras.



Fonte: Costa (2019).

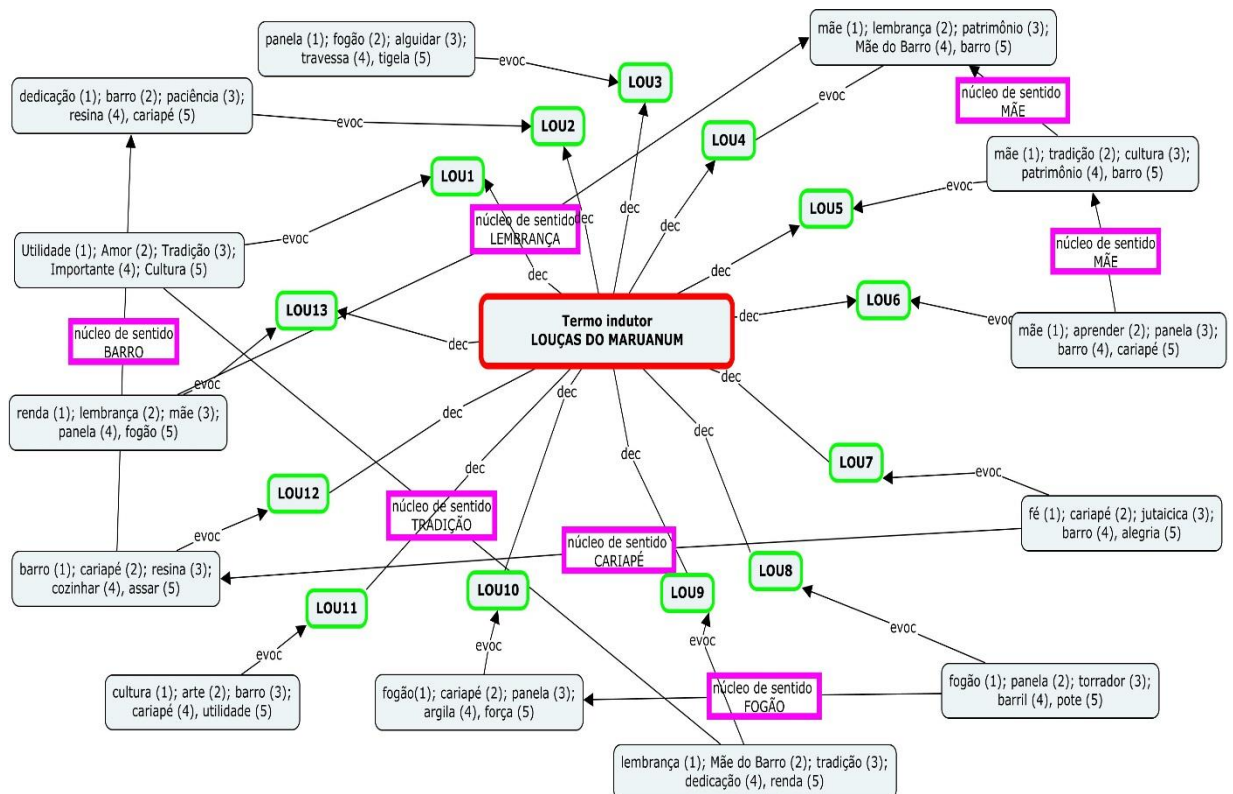
Das palavras mais evocadas pelas louceiras por ordem média de importância foram: MÃE (3 louceiras), FOGÃO (2 louceiras), sendo que várias palavras são repetidas, porém essas palavras evocadas não estão de acordo com a importância de evocação. As palavras MÃE e FOGÃO foram as mais evocadas pela ordem de importância, devido a tradição ceramista geralmente ser repassada de mãe para filha (COIROLO, 1991; MAFRA, 2003; BARBOSA, 2011; COSTA, 2014); já o fogão é um

dos artefatos cerâmicos mais utilizados pelas louceiras na cozinha. Em entrevista, uma das louceiras disse: “O fogão é muito usado, eu falei para um senhor me trazer cariapé que eu faço um fogão para ele, o cariapé tem lá para banda de Mazagão”.

Outra palavra que chama atenção pela repetição, por mais que não seja por ordem de importância é o BARRO (07 repetições), justamente pela importância do barro, como matéria-prima para moldar qualquer louça cerâmica. Outra palavra que ganha destaque é CARIAPÉ, ela aparece 06 vezes repetidas, pois é um dos elementos importantes que dá consistência e durabilidade ao barro e também a palavra PANELA (05 repetições) por ser uma das louças mais moldadas pelas louceiras. Sobre BARRO, CARIAPÉ e PANELA, em entrevista outra louceira falou: “Eu preciso do barro para fazer a louça, depois tem que ir atrás do cariapé, quando encontra o cariapé queima, passa na peneira para depois fazer o fogão, a panela [...]”.

Depois da organização de todas as palavras evocadas pelas louceiras por ordem de importância, as respostas de cada louceira foram categorizadas por temas de sentido, por palavras sinônimas ou que tenham significado próximo. Assim, houve a formação de núcleos de sentido (FIGURA 8).

Figura 8-Categorização de núcleos de sentido para as louceiras.

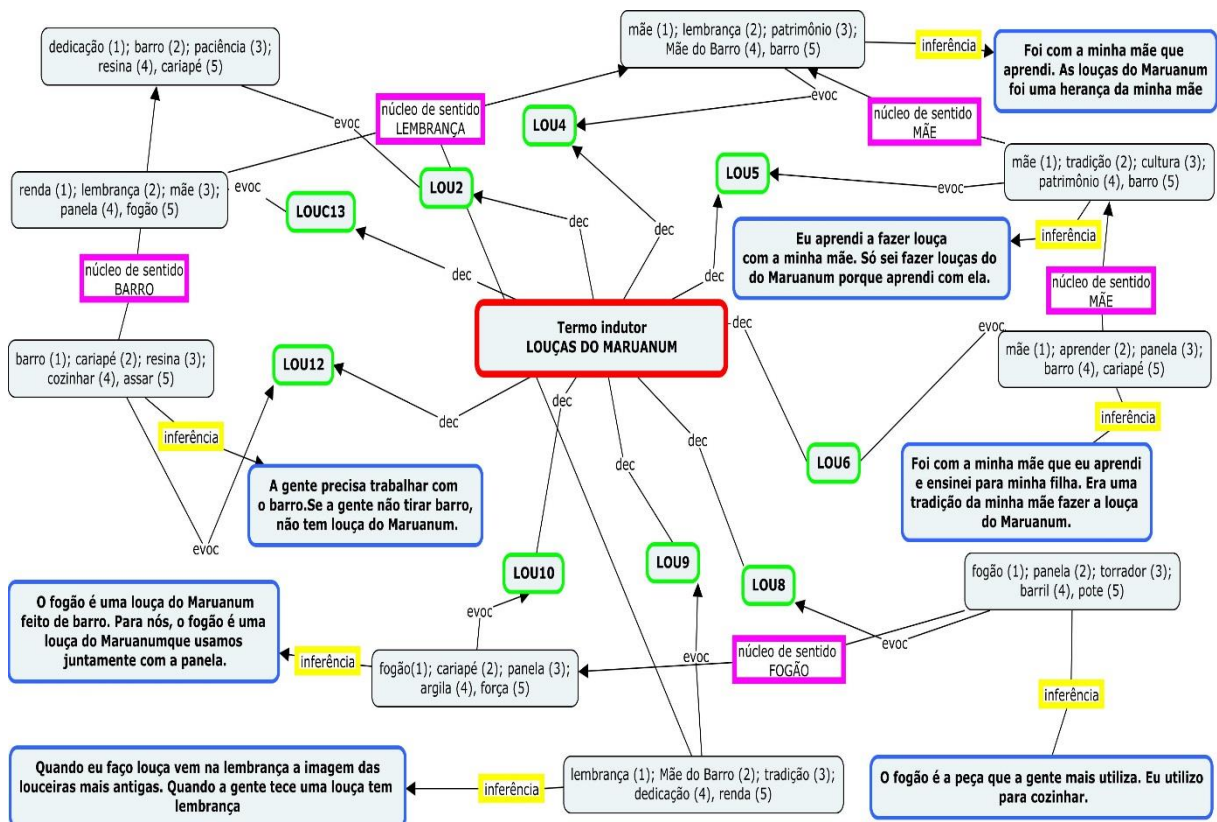


Fonte: Costa (2019).

Os núcleos de sentido foram sistematizados segundo a ordem de importância de evocação, considerando as ordens 1 e 2 de maior importância. Esse entrelaçamento de informações geraram os seguintes núcleos de sentido: MÃE, FOGÃO, CARIAPÉ, BARRO, LEMBRANÇA e TRADIÇÃO. Esses núcleos podem ser interpretados da seguinte forma: a tradição ceramista do Marunum é repassada de MÃE para filha. Um dos artefatos de barro mais utilizados pelas louceiras é o FOGÃO. Assim, o BARRO é um dos recursos naturais mais importantes para a tessitura da louça que traz LEMBRANÇAS afetivas e assim mantém a TRADIÇÃO. Em entrevista uma das louceiras ressaltou: *“Bem eu acho que em primeiro lugar é a minha mãe porque eu aprendi com ela. Se ela não soubesse, eu acho que eu não tive aprendido também. Em segundo lugar, eu gosto de fazer porque eu preciso do fogão para cozinhar, onde eu faço a minha comida [...]”*.

Para consolidar as inferências, o mapa conceitual está pautado na ordem de importância das palavras evocadas a partir do termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”. As inferências trazem justificativas apresentadas pelas louceiras para a escolha da palavra mais importante. Dessa forma, considere apenas as justificativas das palavras MÃE, FOGÃO, LEMBRANÇA e BARRO que formam categorias (FIGURA 9).

Figura 9-Inferências das categorias núcleos de sentido: MÃE, FOGÃO, LEMBRANÇA e BARRO.



Fonte: Costa (2019).

A justificativa de 03 louceiras (LOU4, LOU5 e LOU6) foram baseadas na palavra MÃE. Portanto, a palavra MÃE é carregada de significação na tradição ceramista das louceiras do Maruanum, pois geralmente é a mãe que ensina o ofício à filha, uma herança dos antepassados, por isso esse criar-saber-fazer está carregado de afetividade. A segunda palavra foi FOGÃO (LOU8, LOU10), isso significa enquanto inferência que, o fogão para as louceiras é classificado como uma louça, assim como a panela, ambos utilizados para cozinhar. No Maruanum é comum o uso do fogão a lenha. A terceira palavra LEMBRANÇA (LOU4, LOU9, LOU13) está interligada com a afetividade, pois a lembrança ativa imagens da mãe, da comadre, da tia para as louceiras mais antigas. Em entrevista, a louceira falou: "Se hoje sou louceira é porque aprendi com a minha mãe, aprendi a fazer fogão, panela, me lembro da minha mãe, vem uma lembrança dela [...]"

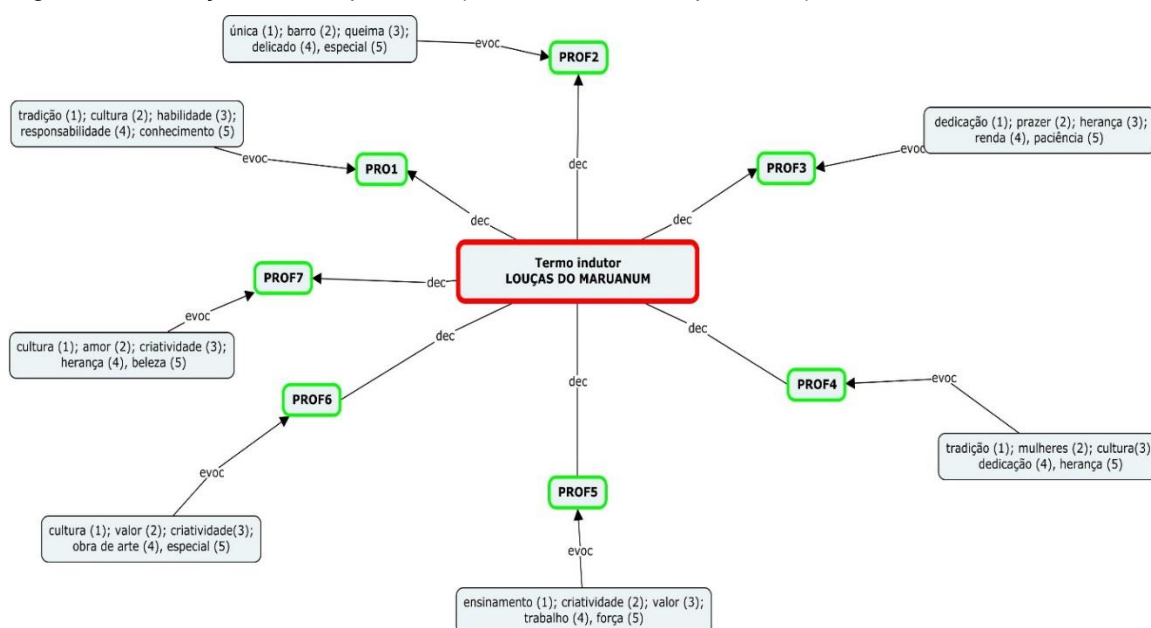
O ato do criar-saber-fazer de uma louça tem sentido identitário, comunitário e de laços de parentesco. A quarta palavra é o BARRO, a inferência demonstra que o barro é a matéria-prima mais importante para a criação de uma louça, ele é o

ingrediente doado às louceiras pela natureza e pela Mãe do Barro, ela que autoriza e abençoa a coleta da argila, assim as louças “queimam em paz”.

7.4 AS VOZES DAS PROFESSORAS

O segundo grupo de respostas da evocação de palavras analisadas foi o das professoras. Todas trabalham na única escola municipal de ensino fundamental “Vô Lixandre” que atende as comunidades do Carmo e Santa Luzia do Maruanum e elas também moram nestas localidades ou em comunidades próximas que compõem o Distrito do Maruanum. Também foi elaborado um mapa conceitual da evocação livre de palavras, tendo como termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”. As respostas passaram por uma pré-análise e foram codificadas como PROF1 até PROF7, todas sistematizadas de acordo com a ordem média de importância vislumbrada por cada professora (FIGURA 10).

Figura 10-Evocação livre de palavras (ordem média de importância) Professoras.



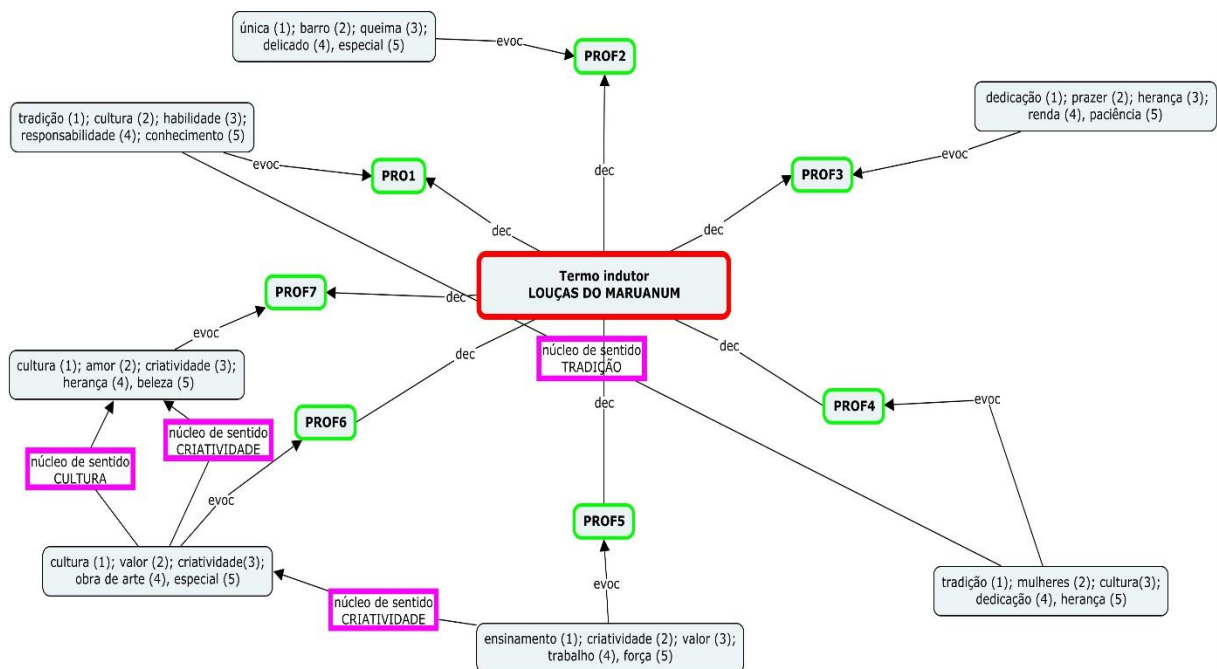
Fonte: Costa (2019).

Dentre as palavras mais evocadas pelas professoras por ordem de importância foram: TRADIÇÃO (2 professoras), CULTURA (2 professoras). As palavras TRADIÇÃO e CULTURA foram as mais evocadas pela ordem de importância, pois as professoras conceituam o ofício das louceiras como uma tradição e cultura das comunidades do Maruanum. Nessa conceituação também está agregada a palavra

CULTURA, na qual o ofício ceramista compõe o conjunto de tradições do Maruanum e do modo de vida. Outra palavra que tem força de repetição, por mais que não seja por ordem de importância é o CRIATIVIDADE (03 repetições). Em entrevista uma das professoras falou: *“Minha avó era louceira, é uma cultura nossa, é a nossa tradição, para fazer a louça é preciso criar, ter uma criatividade para moldar a louça”*. Portanto as professoras reconhecem que para tecer uma louça é primordial o emprego cognitivo da criatividade, tornando cada louça do Maruanum única.

Com a sistematização de todas as palavras evocadas pelas professoras por ordem de importância, as respostas de cada professora foram categorizadas por temas de sentido, com a agrupação das palavras iguais e/ou sinônimas, formando núcleos de sentido (FIGURA 11).

Figura 11- Categorização de núcleos de sentido para as professoras.



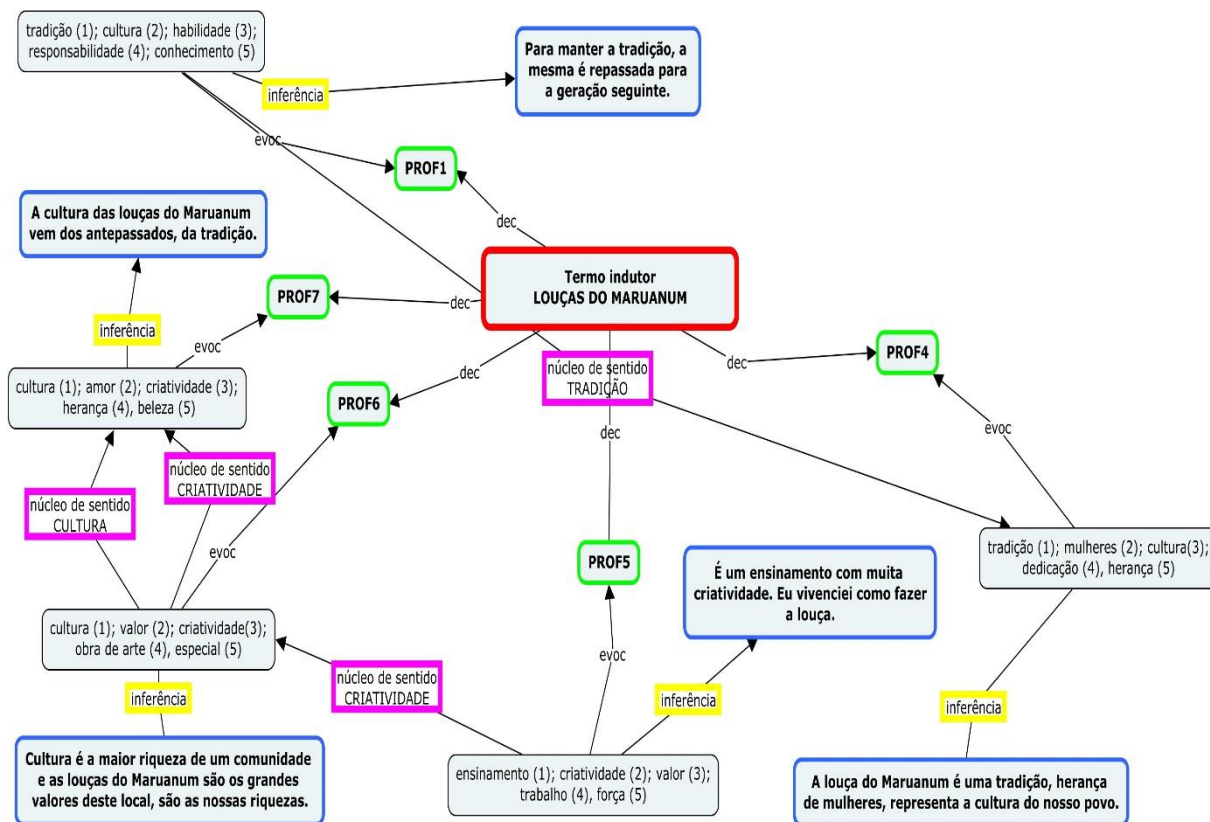
Fonte: Costa (2019).

Os núcleos de sentido foram organizados por ordem de importância da evocação com a evidência das ordens 1, 2 e 3 (somente para a palavra repetida CRIATIVIDADE). Dessas informações eclodiram os núcleos de sentido: TRADIÇÃO, CULTURA E CRIATIVIDADE. Esses núcleos podem ser explicados assim: para as professoras, a TRADIÇÃO ceramista do Maruanum é uma CULTURA repassada como herança para mulheres das comunidades que utilizam da CRIATIVIDADE para tecer as peças de barro. Em entrevista, uma das professoras mencionou: *“As louças*

do Maruanum é uma tradição da comunidade, é a cultura das nossas mulheres que utilizam a criatividade para fazer as louça [...]”.

Para solidificar as inferências, o mapa conceitual está pautado na ordem de importância das palavras evocadas a partir do termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”. As inferências trazem justificativas apresentadas pelas professoras para a escolha da palavra mais importante. Dessa forma, considere apenas as justificativas das palavras TRADIÇÃO e CULTURA que formam categorias (FIGURA 12).

Figura 12- Inferências das categorias núcleos de sentido: TRADIÇÃO e CULTURA.



Fonte: Costa (2019).

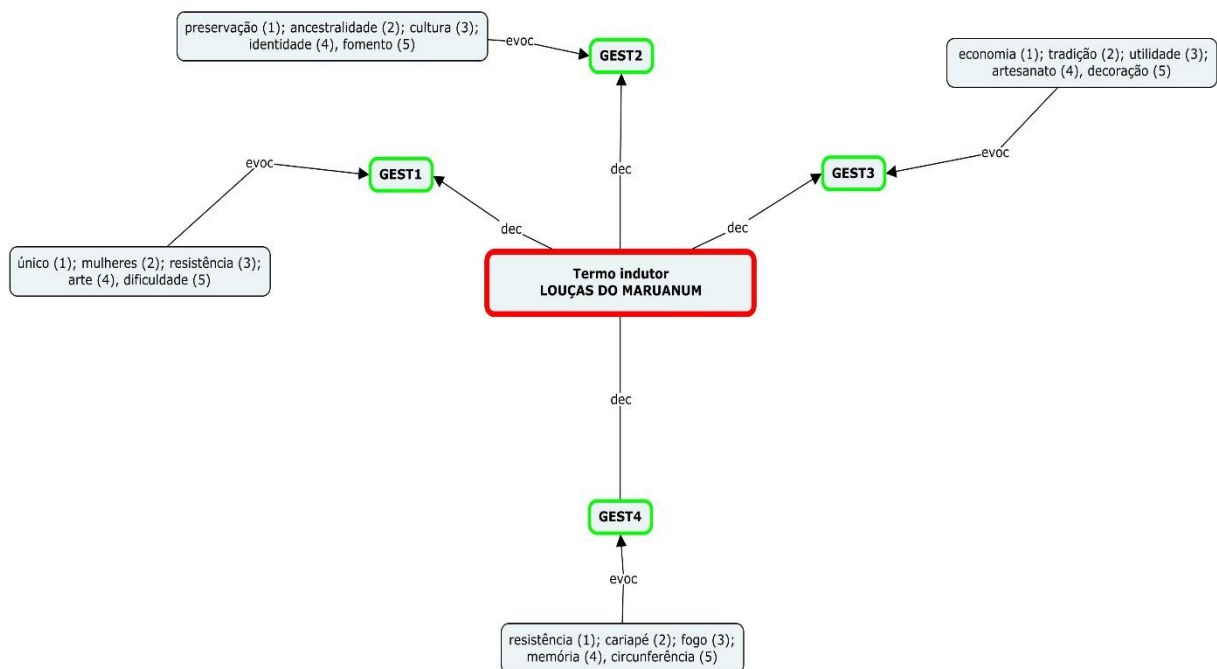
A justificativa de 02 professoras (PROF1 e PROF4) foram desenvolvidas em torno da palavra TRADIÇÃO. A entrevista aberta uma das professoras enfatizou: “As louceiras não deixam nossas raízes se acabarem, a louça de barro é uma tradição destes os antigos, se transformou em nossa cultura”. Desse modo, a palavra TRADIÇÃO é impregnada de dois sentidos complementares. O primeiro é se refere a uma tradição intergeracional que se mantém; e o segundo é que essa TRADIÇÃO é uma herança de mulheres e que o ofício ceramista é de um povo, na qual a professora

se inclui. A segunda palavra CULTURA (PROF6 e PROF7) traz as seguintes inferências: está intimamente imbricada com a palavra TRADIÇÃO, como um saber dos antepassados que é uma tradição, portanto CULTURA; e na segunda dedução se evidencia que as louças do Maruanum como uma CULTURA valorosa e que para professora são riquezas.

7.5 AS VOZES DOS GESTORES CULTURAIS EXTERNOS (IPHAN/AP; SECULT; FUMCULT; IMPROIR)

O terceiro grupo de respostas da evocação de palavras sistematizadas é o dos gestores. Os gestores culturais participantes da pesquisa atuam nas esferas municipal, estadual e federal do poder executivo. Os gestores culturais não residem nas comunidades que compõem o Distrito do Maruanum, eles tem atuação e moradia na capital Macapá. O primeiro mapa conceitual trata sobre a evocação livre de palavras, tendo como indutor “LOUÇAS DO MARUANUM”. Todas as respostas foram pré-analisadas. No passo seguinte, as respostas foram codificadas como GEST1 até GEST4 de acordo com a ordem média de importância atribuída por cada gestor(a) cultural (FIGURA 13).

Figura 13-Evocação livre de palavras (ordem de importância) dos Gestores.

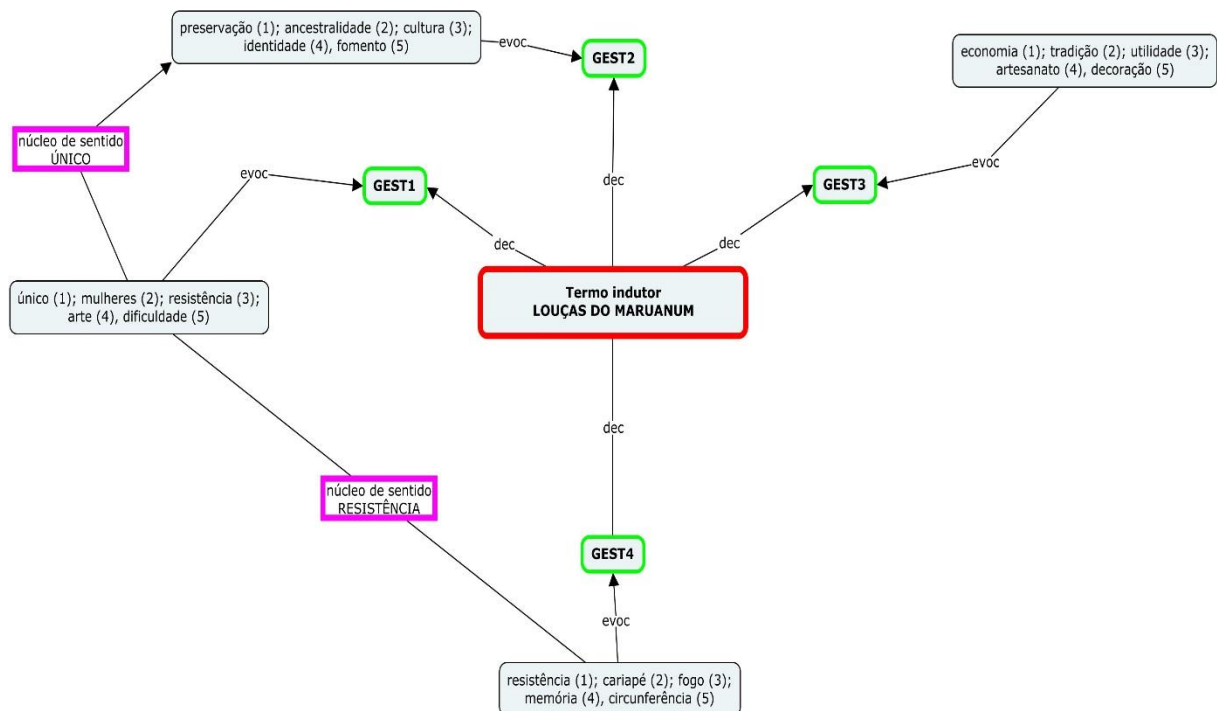


Fonte: Costa (2019).

Cada gestor(a) evocou uma palavra diferente por ordem média de importância, por isso resolvi evidenciar todas as palavras: ÚNICO, PRESERVAÇÃO, ECONOMIA, RESISTÊNCIA. Assim, todos os gestores atribuíram um significado diferente as louças do Maruanum. De forma geral, os gestores (as) demonstraram que reconhecem a importância das louças do Maruanum como uma tradição que tem um criar-saber-fazer ÚNICO, por isso cabe a PRESERVAÇÃO, pois além de ser um bem cultural também gera ECONOMIA às louceiras que atuam como símbolos de RESISTÊNCIA na comunidade. Em entrevista aberta, um dos/das gestores (as) disse: *“O patrimônio das louceiras do Maruanum é único, por isso esse saber precisa de preservação. Essa cultura do barro é uma atividade que também gera economia para a comunidade. Além disso é um símbolo de resistência, pois a comunidade se fortalece com essa atividade”*.

Com a sistematização de todas as palavras evocadas pelos gestores por ordem média de importância, elas foram categorizadas por meio da agrupação das palavras que se complementam e formam um pensamento integrado sobre as louças do Maruanum, isso é possível através dos núcleos de sentido (FIGURA 14).

Figura 14- Categorização de núcleos de sentido para os gestores.

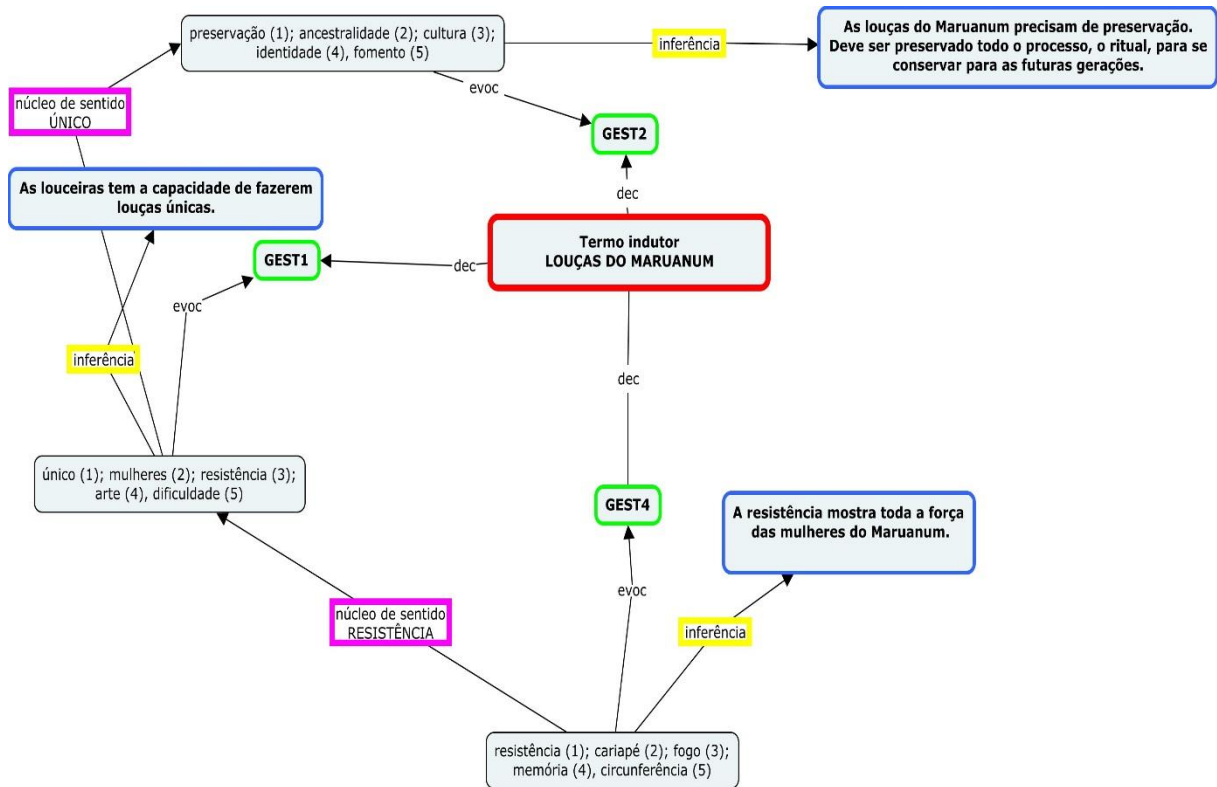


Fonte: Costa (2019).

Os núcleos de sentido foram sistematizados por ordem de importância da evocação (ÚNICO, PRESERVAÇÃO, RESISTÊNCIA). Essas palavras evocadas produziram dois núcleos de sentido: ÚNICO e RESISTÊNCIA. Na visão dos gestores: as louças do Maruanum representam um bem cultural ÚNICO que necessita de PRESERVAÇÃO, pois representa a RESISTÊNCIA da tradição ceramista. Em entrevista aberta, um dos gestores ressaltou: *“As louceiras tem essa capacidade de fazer peças únicas e isso é muito raro. Precisamos da preservação e manter essa tradição, isso revela a resistência, a ancestralidade desse patrimônio”*.

Além dos núcleos de sentido, o mapa conceitual apresenta a partir do termo indutor “LOUÇAS DO MARUANUM” as inferências manifestadas pelos 04 gestores (as) participantes da pesquisa (FIGURA 15).

Figura 15- Inferências das categorias núcleos de sentido: ÚNICO e RESISTÊNCIA.



Fonte: Costa (2019).

A justificativa de três gestores (GEST1, GEST2 e GEST4) a respeito das palavras ÚNICO, RESISTÊNCIA e PRESERVAÇÃO (atrelada ao núcleo de sentido ÚNICO) é que a palavra ÚNICO para o GEST1 diz respeito a louça como um artefato único gerado pela louceira. Como parte da palavra ÚNICO foi considerada a inferência

PRESERVAÇÃO para o GEST2, pelo fato das louças do Maruanum serem únicas, elas precisam de PRESERVAÇÃO para que as futuras gerações possam se apropriar de todo processo e ritual que envolvem o criar-saber-fazer da louça. Já o GEST 4 demonstrou que a RESISTÊNCIA está centrada na força das mulheres do Maruanum que mantém viva essa tradição secular.

Esse capítulo foi dedicado a apresentar a análise de como os agentes sociais (louceiras, professoras e gestores) representaram no momento da pesquisa a louça do Maruanum. As respostas dos participantes foram importantes colhidas por meio de questionários e trazem parâmetros de quais são as representações que cada um faz em relação a louça. Vale ressaltar que esses pontos de vista envolvidos podem ser modificados no decorrer do tempo, pois as representações são temporais. Os resultados mostraram o que cada grupo investigado provavelmente representa de forma diferenciada as louças do Maruanum. Esses foram os resultados representativos que os questionários permitiram acessar.

O grupo das LOUCEIRAS demonstrou que manter a tradição é importante por envolver questões afetivas e familiares; a louça é vista como utilitária, um item indispensável da cozinha; o barro e o cariapé matérias-primas valoradas; a panela é um dos artefatos mais criados pelas louceiras; na prática tradicional as louceiras rememoram lembranças familiares impregnadas de afetividade.

O grupo das PROFESSORAS atribuiu ao ofício ceramista como uma tradição e cultura das comunidades do Maruanum em que a louça faz parte do cotidiano dos comunitários. Além disso, elas acreditam que para saber-fazer louça é fundamental a criatividade. Também, esse grupo vê a tradição como intergeracional e do gênero feminino, porém elas representam que a tradição das louceiras é um patrimônio de todo o povo do Maruanum.

O grupo dos GESTORES CULTURAIS representam as louças do Maruanum como uma tradição de valor único e que por isso cabe a preservação. Eles também acreditam que a louça é responsável por gerar economia, valor monetário às louceiras, por outro lado eles veem as ceramistas do Maruanum como símbolos de resistência na comunidade.

Dessa forma, o diagnóstico das representações desses três grupos foi fundamental para que houvesse a compreensão de como as louças do Maruanum são vistas. Mediante o conhecimento dessas representações, posso constatar que a afetividade é um ponto chave na tradição ceramista. Por isso, o próximo subcapítulo

traz uma proposta de estratégia educativa específica sistematizada a partir da minha experiência de campo que tem como inspiração o Círculo de Cultura de Paulo Freire com o intuito de contribuir para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).

7.6 ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA TRADIÇÃO CERAMISTA DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM: O CÍRCULO DE CULTURA DE PAULO FREIRE

Essa tese não teve como propósito criar um manual de educação ambiental patrimonial, ou elaborar materiais didáticos para serem utilizados na educação formal, informal e não formal. Apesar de não ser essa a intenção, não poderia deixar de apontar uma estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural da tradição ceramista das louceiras do Maruanum e trazer algumas orientações práticas. Porém, acredito que é urgente e necessária uma pesquisa sobre a elaboração de materiais sobre a tradição ceramista das Louceiras do Maruanum, especialmente os didáticos para serem utilizados na educação formal pelas professoras e professores do ensino fundamental.

Além disso, é fundamental clarificar que em momento algum defendo que Paulo Freire apresenta o Círculo de Cultura como uma estratégia. Esse direito interpretativo é de minha autoria, enquanto pesquisadora e diante do meu olhar (limitado e temporal) vislumbro o Círculo de Cultura como uma possível estratégia educativa para ser aplicada ao contexto sociocultural das comunidades do Maruanum. A pesquisa não tem como proposta, nem condições argumentativas para modificar as concepções epistemológicas de Paulo Freire, ao contrário, há um imenso respeito pela trajetória e produção deste teórico, apenas utilizo nesta pesquisa a minha leitura de mundo para interpretar o Círculo de Cultura como uma possibilidade de estratégia educativa.

Nos questionários e nas entrevistas abertas, as professoras enfatizaram a falta de acesso a materiais específicos sobre as Louceiras do Maruanum para serem utilizados em sala de aula e ainda o desconhecimento sobre a temática educação ambiental patrimonial. Das 07 professoras, apenas 01 teve a oportunidade de estudar sobre a educação ambiental patrimonial. Quando perguntado se a professora trabalha

em sala de aula a temática patrimônio cultural, apenas 01 professora respondeu que não. No Quadro 3, estão as respostas das professoras.

Quadro 3- Falas das professoras sobre a temática Patrimônio Cultural

PROF1	<i>“Trabalho em sala de aula para mostrar a importância do patrimônio cultural. A respeito das louceiras do Maruanum, eu falo para os alunos sobre a tradição, mostrando as louças prontas e moldando louças com eles”.</i>
PROF2	<i>“É importante valorizar e conhecer sobre a cultura do lugar onde eles vivem”. Sempre nas explicações de conteúdos sobre cultura utilizo como exemplo as louceiras do Maruanum”.</i>
PROF3	<i>“É importante a valorização da cultura local. Comento sempre sobre o grupo das louceiras em sala de aula, principalmente no projeto da escola”.</i>
PROF4	<i>“Trato sempre em sala de aula sobre o patrimônio cultural porque ajuda a manter viva a história de nossos antepassados. Eu falo sobre a louceiras para os alunos e trago argila para dentro da sala de aula”.</i>
PROF5	<i>“O patrimônio cultural da parte do nosso cotidiano como morador do Maruanum, por isso eu trabalho em sala de aula essa temática, explicando a importância das louceiras do Maruanum, na nossa vida enquanto moradores”.</i>
PROF6	<i>“Penso que é fundamental trabalhar o patrimônio cultural em sala de aula, porque é importante para as crianças saberem a sua origem, a sua cultura. Eu falo sobre as louceiras do Maruanum e através do projeto da escola”.</i>
PROF7	Disse que não trabalha a temática patrimônio cultural em sala de aula.

Fonte: Costa (2019).

Diante desses relatos das professoras colhidos no campo de pesquisa, há de salientar a importância atribuída pelas docentes ao patrimônio cultural com ênfase no criar-saber-fazer das Louceiras do Maruanum. Apesar de não haver um conhecimento sistematizado sobre as Louceiras do Maruanum, as professoras extraem do cotidiano informações sobre as ceramistas e as tem como referências culturais para as comunidades do Maruanum. Esse movimento já indica um embrião da educação ambiental patrimonial no âmbito formal.

Há um impacto positivo que as louceiras exercem nas comunidades e elas poderiam contribuir efetivamente para a educação nas três esferas: formal, informal e não formal. Então, surgiu a ideia de discutir sobre a tradição secular das ceramistas do Maruanum por meio do círculo de cultura de Paulo Freire. Algo que contempla a realidade social e cultural do Maruanum, onde a dinâmica social é pessoal e comunitária. Pois, muitas crianças da escola Vô Lixandre convivem com as louceiras, são aparentadas (avós, tias, madrinhas) ou as conhecem e as respeitam nas comunidades. Aposto que círculo de cultura é uma ferramenta capaz de proporcionar diálogos edificantes que podem fortalecer laços, empoderar comunidades e educar para a vida. Vale ressaltar que teoricamente o Círculo de Paulo Freire estão no âmbito

da educação informal, porém ela pode ser adaptada para a educação formal e não formal.

7.6.1 Círculo de cultura: uma estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum.

O círculo de cultura de Paulo Freire resgata aspectos importantes da educação popular, dá ênfase aos saberes comunitários e atribui poder à palavra do outro, daquele que faz parte do mundo empírico, que é forjado pela experiência, assim como são as Louceiras do Maruanum. No livro *Ação cultural para a liberdade*, Freire (2018, p.105) fala da ação cultural e conscientização que se dá com a “existência *em e com* o mundo”. Assim, a conscientização “deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos existentes no mundo e *com* o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito”.

Neste liame, a possibilidade de participação social se amplia na medida que a educação é vista de maneira processual e coletiva, liberta do conhecimento estático da razão indolente como bem pontuou Boaventura de Sousa Santos. Portanto, o círculo de cultura traz a possibilidade de romper com a educação bancária e ainda é capaz de “ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam [...] um modo de vida próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se” (FREIRE, 2018,p.108).

Então, com o círculo de cultura se abrem vários caminhos, ele pode ser utilizado na educação formal (escola), na educação informal (família, bairro, clube) e educação não formal (associações, sindicatos). A ideia é apresentar o círculo de cultura como uma estratégia viável que pode ser aplicada nos mais variados meios que envolvem as comunidades do Maruanum. A partir dos círculos de cultura, os envolvidos nessa atividade agiriam como “seres da práxis”, aqueles que pensam criticamente, pois as relações desses seres humanos “se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural” (FREIRE, 2018, p. 112).

De mãos dadas com ação cultural, a liberdade e a consciência está a autonomia. No livro *Pedagogia da autonomia*, Freire destaca vários saberes necessários à prática educativa. Desses, escolhi algumas intervenções que se aplicam aos saberes ceramistas do Maruanum: ensinar exige respeito aos saberes

dos educandos; ensinar exige criticidade; ensinar exige estética e ética; ensinar exige reflexão crítica sobre a prática; ensinar exige o reconhecimento e assunção da identidade cultural; ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Ao dizer que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, Freire (2016, p. 31) faz uma alusão que os alunos, especialmente das classes populares detém “saberes socialmente construídos na prática comunitária”, como é o caso dos alunos do Distrito do Maruanum. Sobretudo, além de respeitar esses saberes, é fundamental “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”, algo que me remete aos estudos de Mafra (2006) quando destaca da tradição ceramista com um instrumento da etnomatemática. Ensinar exige criticidade, é a *curiosidade epistemológica* retratada por Freire (2016, p.33) “que na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão”, é a curiosidade como inquietação indagadora.

No que concerne à Pedagogia da autonomia, ensinar exige estética e ética, é a “decência e a boniteza de mãos dadas”. Ao falar sobre a louça do Maruanum não há como não falar da boniteza, da estética. “Mulheres e homens, seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de comparar de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos (FREIRE, 2016, p.34). Além do mais ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, “envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Essa prática não se aplica somente à docência, mas a outros fazeres, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2016, p.39,40). Como melhorar a prática ceramista das Louceiras do Maruanum?

Desse modo, ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, especialmente no Distrito do Maruanum permeado de tradições como do criar-saber-fazer das louças de barro, da cestaria, das festas dos Santos padroeiros e da dança do Marabaixo, reconhecida em 2018 como patrimônio cultural do Brasil. É necessário “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros”. Tanto que, “a questão da identidade cultural, de que fazem parte da dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental para a prática educativa progressista” (FREIRE, 2016, p.42). No processo de educar, de dialogar, não há como fechar os olhos para a

realidade que nos cerca, pois ela interfere e interage com o mundo vivido, com o contexto social e comunitário.

Acerca do Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, Freire (2016, p.96) amplia a responsabilidade do ato educativo diz que “Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ ou aprendidos, implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*”. Eis que as comunidades rurais, como as do Distrito do Maruanum precisam (re)pensar sobre como a ideologia dominante atua no sentido de apagar, desvalorizar e subjugar saberes tradicionais. “Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante”. Outrossim, essas contribuições de Paulo Freire são frutíferas para se pensar sobre a sistematização do círculo de cultura e sua aplicabilidade. Dessa forma, o círculo de cultura enfatizado na tese segue a mesma proposta de Paulo Freire, com a diferença que o círculo será voltado para o patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum tendo como fator preponderante a dialogicidade, sem a intenção de alfabetização letrada, mas a própria alfabetização cultural local.

Mas, o que é um círculo de cultura? Freire (2017, p.07) o conceitua como “um grupo trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica”. Ele ainda acrescenta que “liberdade e crítica não podem se limitar às relações internas do grupo mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social’. É falando livremente e criticamente sobre a comunidade, sobre o patrimônio cultural que os integrantes do círculo de cultura refletem sobre as tradições, os fazeres e os saberes comunitários.

O círculo de cultura nas comunidades do Maruanum se realizaria da seguinte forma: com a participação de todos e/ ou representantes dos comunitários, tendo como coordenador uma louceira, um (a) agricultor (a), um (a) rezador (a), um (a) jovem (Ver FIGURA 16). O importante é que o coordenador saiba que a liberdade e a crítica são “princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição” (FREIRE, 2017, p.04). Vale ressaltar que “no círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências” (FREIRE, 2013, p.06).

Diferentemente da educação normativa, o círculo de cultura se caracteriza como um movimento de educação popular. Assim, como no círculo de Marabaixo, todos os componentes do grupo são iguais e essa igualdade se dá com a ocupação do espaço em círculo, no qual uns com os outros tem contato visual, agindo coletivamente por meio da dança (Foto 40).

Foto 40- Grupo de Marabaixo de Santa Luzia do Maruanum no Encontro dos Tambores.



Fonte: Costa (2019).

Além disso, no círculo de cultura se “re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano, em diálogo circular” (FREIRE, 2013, p.09). É nesse espaço que “todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles [...] retomam o movimento da consciência”. Com essa tomada de consciência, os participantes se transformam em sujeitos rumo ao “projeto de humanização”. Para esse movimento, Freire (2013, p.09) reconheceu que “a pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se pensar e viver ‘a educação como prática da liberdade’”.

Já Loureiro e Franco (2014, p.171,172) a respeito do círculo de cultura Freiriano fazem a seguinte leitura: como um “espaço educativo onde transitam diferentes subjetividades e convivem diferentes saberes - assume a experiência do diálogo de forma coletiva e solidária em todos os momentos do processo”. Por outro lado, Dantas (2010, p.40) vê o círculo de cultura como “um *locus* da vivência democrática, de

formas de pensamentos, experiências, linguagens e de vida, que possibilita o estabelecimento de condições efetivas para a democracia de expressões [...]”.

Freire (2017) traz uma série de situações de círculos de cultura realizados no Estado do Rio de Janeiro e na Guanabara, para exemplificar como o conceito Cultura foi sendo (re)construído pelos participantes. Diante da proximidade que há com as Louceiras do Maruanum que trabalham manualmente com o barro, fiz um recorte da sétima situação juntamente com uma figura sobre a cerâmica. Freire (2017, p.136) diz:

Com que emoção escutamos, num Círculo de Cultura do Recife, durante a discussão desta situação a uma mulher, emocionada, dizer: ‘Faço cultura. Sei fazer isto’. Muitos referindo-se às flores que estão no jarro, afirmam delas: ‘São natureza, enquanto flores. São cultura, enquanto adorno’.

Reforça-se, agora, o que vinha de certa maneira sendo despertado desde o início- a dimensão estética da obra criada. E que será bem discutida na situação imediata, quando se analisa a cultura no nível da necessidade espiritual.

Para ilustrar todas as situações dos círculos de cultura descritas no livro Educação como prática da liberdade, Freire solicitou ao pintor brasileiro Vicente de Abreu que as desenhasse. A figura 16 trata sobre a sétima situação referente ao jarro como resultado de uma cultura. Da mesma forma que as louças do Maruanum representam a cultura das comunidades que formam o Distrito do Maruanum.

Figura 16- Jarro, produto do trabalho do homem sobre a matéria da natureza.



A respeito do círculo de cultura, como articulá-lo? Como proceder para realizá-lo nos espaços formais, informais e não formais? Freire (2017) trata sobre três etapas importantes para o funcionamento do círculo de cultura. Sendo que a intenção de Paulo Freire também era alfabetizar, realizar o letramento, enquanto a minha intenção com o uso do círculo de cultura, não é voltada à alfabetização letrada, mas à alfabetização cultural.

Como o objetivo não é alfabetizar e sim estabelecer canais de diálogo nas comunidades do Maruanum voltado ao patrimônio cultural, utilizarei a leitura de Dantas (2010) sobre as etapas do círculo de cultura. Freire (2017) faz o reconhecimento do **universo vocabular (de onde saem as palavras geradoras)**. É realizado um “levantamento do vocabulário popular [...] Ao educador cabe apenas registrar fielmente este vocabulário e selecionar algumas palavras básicas em termos da sua frequência, relevância”. Depois, “são as palavras geradoras [...] a palavra jamais pode ser vista como um ‘dado’, mas é sempre, e, essencialmente um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura”. Portanto, “cabe ao coordenador apresentar imagens [...] que propiciem o debate [...] para que estes homens particulares e concretos se reconheçam a si próprios [...] como criadores de cultura” (FREIRE, 2017, p.04, 05,07) Esse debate também representa o início da conscientização.

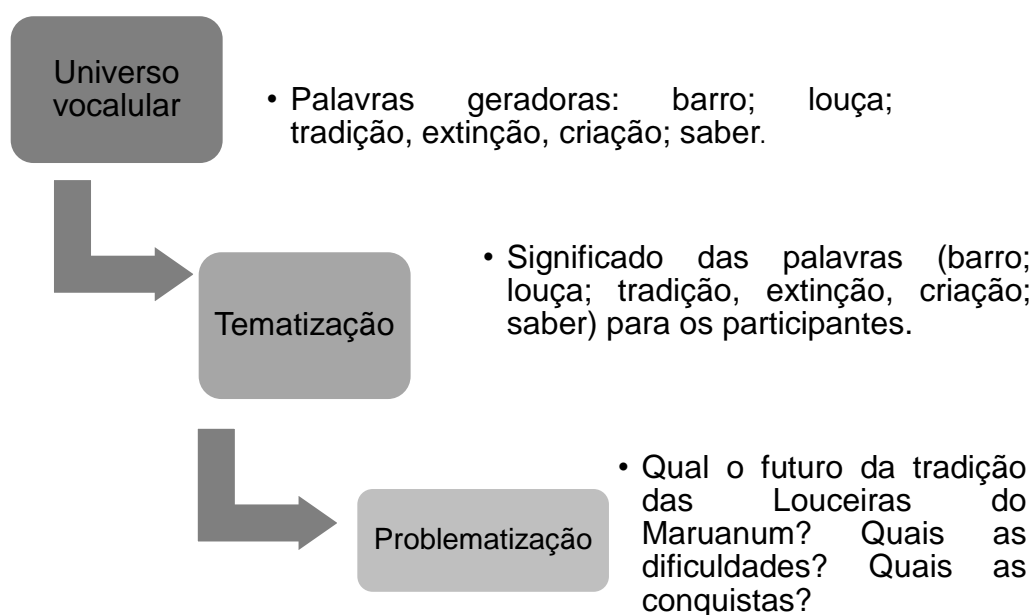
Na segunda etapa é a **tematização**, onde as palavras geradoras são codificadas e decodificadas, na qual se busca “a consciência do vivido, o seu significado social, [...] a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente sobre ela”. Dessa feita, aqui “o importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida” (DANTAS, 2010, p.39). É necessário atenção por parte do coordenador a fim de verificar quando os “temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem” (FREIRE, 2017, p.45).

Na terceira etapa com a **problematização** “representa um momento decisivo da proposta e busca superar a visão ingênua por uma perspectiva crítica, capaz de transformar o contexto vivido” (DANTAS, 2010, p.40). Sobre isso, “na captação, juntamente com o problema [...], capta também seus nexos causais. Apreende a causalidade [...] é próprio da consciência crítica a integração com a realidade”

(FREIRE, 2017, p.105), esse é o papel da problemática. Então, a problematização atua como “práxis social, como manifestação de um mundo refletido com o conjunto dos atores, possibilitando a formulação de conhecimentos com base na vivência de experiências significativas” (DANTAS, 2010, p.40).

Para demonstrar como o círculo de cultura poderia ser utilizado nos espaços comunitários, veja o esquema (FIGURA 16):

Figura 16- Esquema do Círculo de Cultura como uma estratégia educativa.



Fonte: Costa (2019).

No que concerne a aplicabilidade do Círculo de Cultura nas comunidades do Distrito do Maruanum para tratar sobre patrimônio cultural, especificamente sobre a tradição ceramista das Louceiras do Maruanum, considero que há grandes possibilidades. Visto que em breve as Louceiras terão espaço destinado à educação ambiental patrimonial na Associação das Louceiras do Maruanum, ainda em construção. A escola Vó Alexandre está dando os primeiros passos para realizar um projeto cultural que abarca a discussão sobre a tradição ceramista e as professoras se preocupam em trabalhar em sala de aula a temática do patrimônio cultural. Além disso, o Distrito do Maruanum está organizado comunitariamente por meio de associações e grupos folclóricos como o grupo de Marabaixo, o que facilita o diálogo e a comunicação entre os comunitários.

Portanto, o Círculo de Cultura se apresenta para a educação ambiental patrimonial como uma estratégia educativa capaz de ser posta em prática nos mais diversos espaços comunitários. Para isso, ressalto a necessidade de mais estudos sobre a criação de materiais direcionados à educação formal, no sentido de dar suporte as professoras que reconhecem a importância do patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum, mas que precisam de formações pedagógicas específicas sobre educação ambiental patrimonial, assim como materiais pedagógicos (mapas, fotos, documentários) sobre a tradição das Louceiras do Maruanum.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das possíveis lacunas que a pesquisa possa ter apresentado, vislumbro que essa tese trouxe uma contribuição considerável para as temáticas da educação, cultura, patrimônio cultural, reconhecimento de território quilombola, especialmente sobre a tradição ceramista das louceiras do Maruanum.

A problemática que conduziu a pesquisa foi a seguinte: Qual a provável representação das louceiras e professoras do Maruanum, assim como gestores culturais externos têm acerca da tradição ceramista (louça de Maruanum) e como a estratégia do Círculo de Cultura de Paulo Freire pode contribuir para a conservação da tradição ceramista?

Confirma-se a tese de que as representações das louceiras e professoras do Maruanum e dos gestores culturais externos acerca da tradição ceramista (louças do Maruanum) foram aspectos importantes a serem conhecidos, pois as possíveis representações servem como parâmetro para a elaboração de políticas públicas e intervenções educativas. Somente com um diagnóstico dessas representações foi possível propor o Círculo de Cultura de Paulo Freire como estratégia educativa atuante nos âmbitos formal, informal e não formal da educação ambiental patrimonial.

Essa pesquisa concluiu que as representações das louceiras e professoras do Maruanum e ainda dos gestores culturais externos são diferenciadas. Para as louceiras a tradição ceramista tem sentido identitário, comunitário e de laços de parentesco; as professoras veem a louça do Maruanum como uma tradição e cultura que faz parte da comunidade e precisa ser abordada em sala de aula; os gestores culturais acreditam que o ofício ceramista é único, uma cultura de resistência que

necessita de preservação. As observações e entrevistas apontaram que não existem ações educativas consolidadas de educação ambiental patrimonial no Maruanum. A partir dos dados apresentados pela análise das representações sociais, a tese apresentou como estratégia educativa o Círculo de Cultura de Paulo Freire; propôs o uso acadêmico do termo criar-saber-fazer; e a inclusão da educação patrimonial como parte da educação ambiental que originou o termo Educação Ambiental Patrimonial (EAP).

Esse estudo buscou ser capaz de contribuir com o fortalecimento cultural deste grupo ceramista, na medida em que apresenta uma estratégia educativa (formal, informal e não formal) para a conservação do ofício das louceiras do Maruanum. Um instrumento para que as comunidades por meio da educação ambiental patrimonial possam difundir, valorizar e conservar o patrimônio cultural da tradição ceramista das louceiras do Maruanum.

A estratégia educativa proposta na tese é inspirada no Círculo de Cultura de Paulo Freire com o objetivo de promover ações de educação ambiental patrimonial com vistas a conservação do ofício ceramista. O Círculo de Cultura foi eleito como aporte pedagógico porque ele se constitui como um espaço dialógico horizontal, onde não há saber absoluto, mais de saberes compartilhados, também ele possibilita criar um canal de formação política e cidadã, onde os participantes podem dialogar sobre questões comunitárias como, por exemplo, no caso das comunidades do Maruanum, o reconhecimento como territórios quilombolas.

Outra questão abordada na tese é de nível teórico, na qual apresento a educação patrimonial como parte da educação ambiental e assim surge a educação ambiental patrimonial. Pois, os bens patrimoniais e bens culturais fazem parte do meio ambiente, estão conectados com uma realidade social, ambiental, cultural e se inter cruzam. Portanto, é racional considerar que a cultura é uma ramificação do meio ambiente, faz parte da educação ambiental. No caso específico do bem cultural LOUÇA DO MARUANUM, há de se considerar que cada peça é única, feita a mão, passando por processos ritualísticos tradicionais, e justamente por isso, a tradição ceramista é mais do que saber-fazer. Defendo que é um criar-saber-fazer, advém de um processo cognitivo complexo formado pela experiência intergeracional. Outrossim, a tradição ceramista ultrapassa o saber-fazer e se completa como uma ação criativa, o criar-saber-fazer.

Não foi fácil este caminho de construção e desconstrução, para que ao final da pesquisa apresentasse relatos, fotografias, poesia, aporte teórico, representações, análises e uma possível estratégia educativa com o Círculo de Cultura de Paulo Freire. Esse “sair da caixinha” foi muito importante para o meu crescimento acadêmico. Reconhecer que o movimento atual e novo de se fazer pesquisa se dá a partir de uma outra perspectiva: do mundo vivido para dentro da universidade, é algo libertador.

Assumo a premissa de que a práxis do mundo vivido é que dá suporte para essa pesquisa, apresento individualmente a contribuição deste estudo por cada capítulo. O primeiro capítulo dessa tese foi constituído pela introdução. O segundo capítulo contribuiu para área acadêmica à medida que trouxe um raio x de todas as pesquisas já realizadas sobre as Louceiras do Maruanum fortalecendo ainda mais a necessidade de estudos sobre a temática, em especial sobre a proposta de pesquisa voltada à educação ambiental patrimonial.

O terceiro capítulo abarcou questões de cunho metodológico a caracterização do campo de pesquisa e escolhas metodológicas a partir da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica com observação participante e diário de campo. Esse capítulo mostrou o quanto é delicado se trabalhar no campo de pesquisa, marcado por dificuldades, alegrias, solidariedade, acolhimento e incertezas do mundo vivido. Uma oportunidade para o crescimento científico e pessoal.

Os demais capítulos nasceram como forma de agregar respostas aos objetivos da pesquisa. Há de se considerar que as ações de educação ambiental patrimonial são embrionárias na educação formal nas comunidades do Maruanum. Na Escola Municipal Vô Lixandre, as professoras trabalham em sala de aula essa temática intuitivamente, sem qualquer embasamento teórico e sem materiais específicos sobre as Louceiras do Maruanum.

O quarto capítulo tratou sobre a Dimensão conceitual do patrimônio cultural material e imaterial com a discussão epistemológica sobre a educação ambiental patrimonial. Portanto, a pesquisa apresentou inovação teórica com a apresentação de novos termos sobre o patrimônio cultural. Concomitantemente, o quinto capítulo também apresentou teoricamente um termo diferente “o criar-saber-fazer” que amplia o saber-fazer como uma consequência cognitiva do criar. Além disso, esse capítulo entrelaçou um debate entorno da cultura, memória, imaginário social e representações sociais.

Nesse sentido, o sexto capítulo discorreu sobre o patrimônio cultural das louceiras do Maruanum a partir da experiência vivenciada *in loco*, tendo como destaque os rituais processuais tradicionais da cerâmica, perpassando pelas crenças das Louceiras e a contribuição reflexiva sobre a importância da tradição ceramista como um instrumento para o reconhecimento de território remanescente de quilombo, demarcando o patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum como parte da vivência comunitária permeado de indícios históricos, culturais, arqueológicos e sociológicos.

No sétimo capítulo correspondente ao objetivo geral dessa tese, trata sobre as representações sociais dos agentes sociais que foram organizados mapas conceituais com dados sobre as representações sociais dos três grupos pesquisados. Como termo indutor foi utilizado LOUÇAS DO MARUANUM. O grupo das Louceiras veem as LOUÇAS DO MARUANUM como uma atividade intergeracional marcada por laços afetivos, no qual desperta lembranças e que só é possível devido a existência do barro, da argila doada pela Mãe do Barro. O grupo das professoras demonstrou proximidade com a temática do patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum, elas reconhecem a prática ceramista como tradição e cultura do Distrito do Maruanum, há uma preocupação em trabalhar em sala de aula a temática patrimônio cultural. O grupo dos gestores culturais reconheceu que a tradição ceramista é única e necessita de preservação, pois as mulheres do Maruanum são ícones de resistência do patrimônio cultural.

No mais, o sétimo capítulo apresentou uma estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural da tradição ceramista das Louceiras do Maruanum a partir da abordagem do Círculo de Cultura de Paulo Freire, uma estratégia capaz de dialogar com a educação formal, informal e não formal, no qual agrega a todos como em uma ciranda, onde há a construção coletiva do conhecimento, o desenvolvimento da criticidade, o debate sobre as responsabilidades, riscos, avanços e dificuldades para a manutenção do criar-saber-fazer das Louceiras do Maruanum. Um espaço acolhedor, comunitário, partilhado e re(construído) por todos que se fortalece com a prática e participação efetiva.

Considero os resultados dessa pesquisa como uma provocação, um incentivo e um suporte para que mais pesquisas sobre as Louceiras do Maruanum frutifiquem. Aponto a necessidade da produção de materiais didáticos específicos sobre o patrimônio cultural das Louceiras do Maruanum para que as professoras do ensino fundamental possam utilizar na sala de aula formal.

Dentre outras contribuições da pesquisa foi apresentar discussões teóricas sobre os termos “Educação Ambiental Patrimonial” e “criar-saber-fazer”; inovar quanto a análise de conteúdo de Bardin juntamente com viés das representações sociais a partir de uma leitura que permitiu a liberdade de interpretação de dados, sem as amarras metodológicas que fragmentam o que o campo que dizer, o que os participantes da pesquisa tem a falar. Essa tese também apresentou uma releitura do Círculo de Cultura de Paulo Freire, como uma estratégia que permite outras alfabetizações, não se restringindo ao mundo do letramento, mais a outras alfabetizações: cultural, comunitária, filosófica.

Por fim, essa pesquisa foi construída inspirada na técnica ceramista das Louceiras do Maruanum. Primeiro se extraiu as informações prévias como se retira o barro do barreiro sob a orientação de alguém mais experiente, o meu orientador, o ceramista mor. Depois essas informações em forma de barro foram cuidadas e colocadas sob uma base e assim cada capítulo foi formado como um rolete de barro que compõe uma louça. Depois, passou pela secagem e em seguida pelo polimento com a análise dos dados. Chegara o momento da queima com apresentação de ideias e posicionamentos oriundos do campo de pesquisa em diálogo com o aporte teórico. Passada queima, foi a vez da impermeabilização com a finalização das interpretações geradas pela pesquisa.

Essa é a nossa louça, a nossa criação, o resultado apresentado por uma ceramista aprendiz, que certamente tem a intrínseca vontade de jogar a louça no chão para quebrá-la porque ela não está perfeita. Ela tem pequenas rachaduras, apresenta variadas cores devido à queima e a impermeabilização também tem falhas. Apesar disso, essa louça tem a nossa assinatura, o nosso empenho e a nossa marca, carregada de significados aparentes, profundos, afetivos e filosóficos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO JÚNIOR, Carlos. Indicada a patrimônio mundial, Fortaleza de São José de Macapá completa 237 anos. **Portal G1/Amapá**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2019/03/19/indicada-a-patrimonio-mundial-fortaleza-de-sao-jose-de-macapá-completa-237-anos.ghtml>. Acesso em: 19 jun.2019.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v.1, n.1, p. 18-43, jan./jun. 2008. ISSN 1982-8993. Disponível em:https://www.metodista.br/revistas/revistas_ims/index.php/ML/article/.../1169/1181. Acesso em: 28 fev.2019.
- ALVES, Anderson Patrick Ferreira et al. Patrimônio cultural imaterial e educação: intervenções pedagógicas com o Congo Capixaba. In: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira Braga (Orgs.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba,2016, p. 73-82.
- ANDRADE, NATASCHA. **Caminho de Rio**. Interpretado por Raízes Caboclas. Disponível em:<https://www.letras.mus.br/raizes-caboclas/461007/>. Acesso em: 17 jan.2019.
- ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. **O quilombo conceitual**: para uma sociologia do artigo 68 do ADCT. In: Texto para discussão: Projeto Egbé – Territórios negros (Koinonia), 2003.
- ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. Etnografia e história no Mocambo: notas sobre uma 'situação de perícia'. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Laudos periciais antropológicos em debate**. Florianópolis: Nuer/ABA, 2005.
- Banana-brava-da-mata, Sororoca**. Disponível em:<https://www.sementesdoxingu.org.br/site/sementes/banana-brava-da-mata-sororoca/#&panel1-3>. Acesso em: 23 jun.2019.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. V.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. 296-331p.
- BARBOSA, Maria Inês Cardoso. **Arranjo local de produção de louças na comunidade quilombola do Maruanum-AP**. 2011.47 f. Monografia (Curso de Especialização em Gestão de Arranjos Produtivos Locais) - UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto

Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, Jonsevaldo. **Arteiro-Artista-Artesão**. Disponível em: <https://www.pensador.com/artesao/>. Acesso em: 17 jan.2019.

BARROS, Jeusadete Vieira; MOLINA, Manuel Diaz.; SILVA, Maria de Fátima Vilhena. Evoluindo com a construção de um novo conceito-educação patrimonial ambiental- a partir das reflexões da educação patrimonial e ambiental com vistas a ampliação do campo metodológico desse contexto. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [S.l.], v. 07, n.06, p. 982-993, out. 2011. ISSN 1980-0827. Disponível em:http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/173. Acesso em: 28 fev.2019.

BARROS, Jeusadete. Construção teórico metodológica da educação patrimonial ambiental a partir da meta análise de dissertações produzidas pelo grupo GEPAM. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba. **Anais do XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba**, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16725_9408.pdf. Acesso em: 28 jan.2019.

BARBIER, René. Sobre imaginário. **Revista em Aberto**, Ano 14, n.61, p. 15-23, jan./mar. 1994. ISSN 2176-6673. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1940/1909>. Acesso em: 24 mar.2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma Introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Basptista. 12.ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2013.

BONETI, Lindomar Wessler. **Políticas Públicas por Dentro**. 3.ed.rev. Ijuí, RS: Unijuí, 2011.

BONETI, Lindomar Wessler. **Sociologia da educação: do debate clássico ao contemporâneo**. Curitiba, PR: PUCPRESS,2018. 128 p.

BRASIL. Presidência da República. Decreto-lei n.25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm. Acesso em:09 mar.2019.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Programa Mais Educação**: passo a passo. 2011. Disponível

em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8168epassoapassomaiseducacao18042011pdf&category_slug=junho2011%20pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 fev.2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Programa Novo Mais Educação**: caderno de orientações pedagógicas versão II.2018. Disponível

em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=90251caderno-orientador-pnme&category_slug=junho-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 fev.2019.

BRASIL. **Carta de Veneza**. 1964. Disponível

em:<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 10 mar.2019.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2017.256 p.

CHAGAS, Jane Farias; ASPESI, Cristiana de Campos; FLEITH, Denise de Souza. A relação entre criatividade e desenvolvimento: uma visão sistêmica. In: Maria Auxiliadora Dessen e Áderson Luiz Costa Junior (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed. 2005. p. 210-229.

COELHO, Clícia Tatiana Alberto; DINIZ, Raimundo Erundino Santos. Batuque, arte e educação na comunidade quilombola São Pedro dos Bois. **Margens-Revista Interdisciplinar**, Abaetetuba, v.10, n.15, p. 133-149, dez. 2016. ISSN 1982-5374.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/download/4516/4257>.

Acesso em: 28 jun.2019.

COIROLO, Alícia Durán. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Atividades e Tradições dos Grupos Ceramistas do Maruanum (AP)**. V. 7. Série Antropologia. Belém-PA. 1991.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Tradução Maria Manuela Rocha. 2.ed. Portugal: Celta, 1999, 119 p.

COSTA, Célia Souza da. **Patrimônio Cultural do Estado do Amapá**: o caso das Louceiras do Maruanum em observância ao Princípio da Equidade Intergeracional. 2014.136 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas). Universidade Federal do Amapá, Macapá,2014.

COSTA, Célia Souza da. As práticas culturais e as sociabilidades do mundo da vida: a cerâmica utilitária como instrumento para o reconhecimento de território quilombola. In: BONETI, Lindomar Wessler; ALMEIDA, Nizan; BELLI, Maria José M.

Lourega (Orgs.). **Da universalidade à singularidade na ação educativa**. Curitiba, PR: Editora Appris, 2017, v. 1, p. 157-175.

COSTA, Célia Souza da. O ofício das Louceiras do Maruanum e a urgência de estratégias educativas de educação ambiental patrimonial. In: **X Semana de História**, 2017, Macapá. Cadernos de resumos dos trabalhos das sessões coordenadas, 2017. p. 17-18. Disponível em:https://drive.google.com/file/d/14p4gnKDIWW0fB2I6_ATsrDTw7kj3NIjs/view. Acesso em:09 abr.2019.

COSTA, Célia Souza da. Educação Ambiental Patrimonial: um conceito em construção. RELACult – **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 05, edição especial. p. 01-09, mai. 2019. ISSN 2525-7870. Disponível em:periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/1565/1025. Acesso em:09 jul.2019a.

COSTA, Célia Souza da. Educação Integral como política pública de acesso à educação ambiental patrimonial. RELACult – **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 05, edição especial. p. 01-09, mai. 2019. ISSN 2525-7870. Disponível em:periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1568. Acesso em:09 jul.2019b.

COSTA, Célia Souza da. **Lei 10.639/03**: os princípios da igualdade e efetividade no combate à discriminação, preconceito e racismo social. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Bacharelado em Direito). Faculdade do Amapá, Macapá, 2010.

COSTA, Célia Souza da; NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. Territórios Quilombolas: a urgência do reconhecimento das comunidades do distrito do Maruanum-Amapá/Brasil. In: Giovanni Seabra. (Org.). **Terra: Qualidade de Vida, Mobilidade e Segurança nas Cidades**. 1ed.João Pessoa-PB: Universitária da UFPB, 2013, v. 3, p. 556-567.

COSTA, Célia Souza da; LIMA, Wanda Maria S. Ferreira. ; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. A arte cerâmica do Maruanum: o encantamento como linguagem artística. **Revista Identidade**, São Leopoldo, v. 21, n.2.p. 199-212, jul./dez. 2016. ISSN 2178-437X.Disponível em:<http://ism.edu.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/2935/2771>. Acesso em:09 abr.2019.

COSTA, Célia Souza da; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Religião, cultura e políticas públicas no Amapá: religiosidade, cerâmica e encantaria na tradição das Louceiras do Maruanum. **Revista Correlatio** (Online), v. 16, n.2, p. 209-227, dez.2017. ISSN 1677-2644.Disponível em:<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/view/8393>. Acesso em:09 abr.2019.

COSTA, Célia Souza da; PINTO, Mônica L. S.; SILVA, Jéssica F. M. O ritual do

criar-saber-fazer ceramista das Louceiras do Maruanum (AMAPÁ). In: Manuel Alcántara; Mercedes García Monteiro; Francisco Sánchez López. (Org.).

Antropología- Memória del 56º Congreso Internacional de Americanistas. 1ed.Salamanca Espanha: Universidad de Salamanca, 2018, v. 1, p. 842-852.

COSTA, Célia Souza da; PEDRO, Juliana Monteiro. Princípio da Equidade Intergeracional: o conhecimento tradicional das Louceiras do Maruanum na produção da cerâmica sustentável. **Anais do VI Congresso Brasileiro de Direito Socioambiental**. v.3, Curitiba: CEPEDIS,2018, p.44.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian. Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil. **Revista NAU Social**, Bahia, v.4, n. 6, mai/out., p.120-132, 2013. ISSN 2237-7840. Disponível em: www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/rs/article/download/312/250. Acesso em:13 mar.2019.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. Curitiba,PR: Intersaberes: 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, UNESP: 2006.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução Sandra Mallmann. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2010.

CONGRESSO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EUROPEU. **Declaração de Amsterdã**.1975. Disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>.Acesso em: 10 mar.2019.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde**: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza. 2010. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

DEMARCHI, João Lorandi. O que é, afinal a educação patrimonial? Uma análise do guia básico de educação patrimonial. **Revista CPC**, v. 13, n. 25, p. 140-162, jan./set.2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p140-162>.Acesso em:20 jan.2019.

DIAS, Amanda Regina Martins Duas; CASTILHO, Katlin Cristina de; SILVEIRA, Viviane da Silva. Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. **Ensaio Pedagógicos**, Sorocaba, v.2, n. 1, jan./abr.p.81-88, 2018. Disponível em:<http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/download/66/91>. Acesso em: 16 fev. 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo, SP: UNESP, 2011. 208 p.

FERREIRA, Fabrício Costa. **“Desde que me entendi”**. **Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP**. 184 f. Dissertação (Mestrado Antropologia). Universidade Federal do Pará. 2016.

FERREIRA, Rebeca Campos. Laudos antropológicos, situações de perícia e interface de saberes: dilemas a partir do caso dos remanescentes de quilombos. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v.5, n.4, p. 681-704, out./nov./dez. 2012. ISSN 2178-2792. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7412>. Acesso em: 28 jun. 2019.

FERREIRA, Rebeca Campos. Laudos antropológicos, responsabilidades sociais: dilemas do reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombos. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v.12, n.2, p. 340-358, maio/ago. 2012. ISSN 1984-7289. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11932>. Acesso em: 28 jun. 2019.

FERREIRA, Nadja; TRISTÃO, Martha. Educação ambiental em diálogo com Paulo Freire, Edgar Morin e Boaventura de Sousa Santos: tessitura de práticas socioambientais de movimentos instituintes de autoformação coletiva. **Revista Comunicações**, Piracicaba (SP), Ano 22, n.2, p. 18-43, Ed. Especial. 2015. ISSN 2238-121X. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2379+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 jan. 2020.

FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)**. 2.ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2012.

FIGUEIREDO, Lucas Augusto Alves. **Mapas conceituais na perspectiva instrumental da organização do conhecimento**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. **Curso de direito ambiental brasileiro**. 16. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2015. 1040 p.

FOWLER JÚNIOR, Floyd. **Pesquisa de levantamento**. Tradução Rafael Padilha Pereira. Porto Alegre, RS: Penso, 2011.

FONSECA, Vitor da. Papel das funções cognitivas, contativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.31, n.96, p.236-2538, 2014. ISSN 0103-8486. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n96/02.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 40.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2017.190 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.144 p.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 16 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2018. 251 p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim *et al.* **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN,2014. 65 p.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.). **Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial**. Série Cadernos do Patrimônio Cultural. Fortaleza, CE: Seculfor /IPHAN, 2015. p. 21-30.

GARDNER, Howard. **Mentes que criam: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi**. Porto Alegre, RS:Penso,2004.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo, SP: Iepé, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed Reimpr. (Ebook). Rio de Janeiro, RJ:LTC,2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GOHN, Maria Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006a, São Paulo. **Anais do I Congresso Internacional de Pedagogia Social**. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034. Acesso em: 15 fev. 2019.

GOHN, Maria Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 4, n. 07, p.27-38, jan./mar.2006b. ISSN 1809-4465. Disponível em:<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GOHN, Maria Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó v.18 n. 39, p.59-75, set./dez. 2016.ISSN 1984-1566. Disponível

em:<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em: 16 jan. 2019.

GOHN, Maria Glória. **Movimentos sociais e educação**. 3ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

GOMES, Flávio dos Santos. Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambos na Amazônia colonial. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 40-55, dez./fev. 1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p40-55>. Disponível em:<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28363/30221>. Acesso em: 19 jun.2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. Coleção Agenda Brasileira. São Paulo, SP: Claro Enigma, 2015.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução Roberto Cataldo Costa. 2.ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007. 24 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, SP: Centauro, 2006. IPHAN, 2007. 224p.

HENRIQUES, Guillian Cristina César. **“Tudo é remédio”**: estudo de práticas curativas em Maruanum-AP. 213 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical). Universidade Federal do Amapá. 2011.

HILBERT, Peter Paul. Contribuição à Arqueologia do Amapá. Fase Aristé. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. V.01. Belém: setembro de 1957.

ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e sítios. **Declaração do México**. Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. 1982. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Declara%C3%A7%C3%A3o-Confer%C3%A2ncia-Mundial-sobre-Pol%C3%ADticas-Culturais-Mondiacult-M%C3%A9xico-1982.pdf>. Acesso em: 10 mar.2019.

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014. 62 p.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v.24, n.3, p.679-712, set./dez. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 07 abr.2019.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v.33, n.2, p.423-442, maio/ago. 2018. Disponível

em:<http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00423.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.2; p. 20-31; maio/ago.2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00423.pdf>. Acesso em: 07 abr.2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da Razão em Psicanálise, sua imagem e seu público. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza Santos; TRINDADE, Zeidi Araujo (Orgs.) **Teoria das representações sociais - 50 anos**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: TechnoPolitik, 2011.p. 159-176.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, SP: Brasiliense, 1997.83 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** 24.ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

LEFF, Enrique. **Pensar a complexidade ambiental**. Tradução Eliete Wolff. 2.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2018.

LEMINSKI, Paulo. **O barro**. Disponível em: <https://umapoesiapordia.wordpress.com/2012/04/28/o-barro/>. Acesso em: 29 jun.2019.

LEMONS, Carlos A.C. **O que é o patrimônio histórico**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 4 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012. 168 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo Loureiro; TORRES, Juliana Rezende (Orgs.). **Educação ambiental dialogando com Paulo Freire**. São Paulo, SP: Cortez, 2014.p.155-180.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2.ed. São Paulo, SP: EPU, 2013.

MAFRA, José Ricardo e Souza. **Artesãs e louceiras: a forma e a vida sob a ótica da etnomatemática**. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.2003.

MAFRA, José Ricardo e Souza. **Espaços transversais em educação matemática: uma contribuição para a formação de professores na perspectiva etnomatemática.** 209 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.2006.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da Teoria das Representações Sociais. Tradução Beatriz Gama Rodrigues e João Kaio Barros. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.47, n. 163, p.358-375, jan/mar.2017.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Organização e tradução Cristina Magro. Belo Horizonte, MG:UFMG,2018.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina e outros poemas.** Rio de Janeiro, RJ: Objetiva,2010.

MORAIS, Maria de Fátima. **Criatividade: conceito e desafios.**2015 Disponível em:https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42298/1/_matematica_20morais.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

MORAIS, Paulo Dias. **História do Amapá: o passado é o espelho do presente.** Macapá, AP: JM Editora, 2009.

MORAN, Edgar. **O método I: a natureza da natureza.** Tradução Maria Gabriela de Bragança.2.ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez, p.7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 02 abr. 2019.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **Pesquisa Arqueológica no Amapá.** 2.ed. Macapá, AP: B-A-BÁ, 2005.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **Túmulos pré-históricos no Amapá: sepultamento em poço.** Macapá, AP: Editora Centro Genildo Batista, 2010.

OLIVEIRA, Josimar Nascimento de. Visita a comunidade de São Raimundo do Maruanum. Disponível em:<http://www.amapafotos.com.br/search/label/Comunidade%20S%C3%A3o%20Raimundo%20do%20Maruanum>. Acesso em: 16 fev. 2019.

OLIVEIRA, Luana da Silva. Memória de Patrimônio familiar: um estudo de caso sobre o Jongo/Caxambu. In: LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz (Orgs). **Patrimônio e história.** Londrina: UNIFIL, 2014.

OLIVEIRA, Thiago Pires. Raízes históricas da proteção jurídica ao patrimônio cultural no Brasil. **Fórum de Direito Urbano e Ambiental-FDUA**, Belo Horizonte, Ano 11, n.62, mar./abr.p.01-23,2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314088025_Raizes_historicas_da_protecao_juridica_ao_patrimonio_cultural_no_Brasil. Acesso em: 08 mar. 2019.p.73-86.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAES, Daniella Lira Nogueira. Sob os signos das boiadas: da pesquisa à educação patrimonial. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial: educação, memórias e identidades**. João Pessoa: IPHAN, 2013. p.32-41.

PEDRO, Juliana Monteiro; COSTA, Célia Souza da. A tradição ceramista e o reconhecimento de territórios quilombolas no distrito do Maruanum (Amapá). **Anais X Congresso de la Red Latinoamericana de Antropología Jurídica**. Disponível em:<https://ceasmexico.wordpress.com/2018/02/05/x-congreso-de-la-redlatinoamericana-de-antropologia-juridica-relaju/>. Acesso em: 09 abr.2019.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo e FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo e FUNARI, Pedro Paulo. **Patrimônio histórico e cultural**.2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2009. (Coleção Ciências sociais passo-a-passo).

PERNAMBUCO, Marta Maria; SILVA, Antonio Fernando G. da. Paulo Freire: a educação e a transformação do mundo. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Orgs.). **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental**. Brasília,DF: MEC/SECAD/UNESCO, 2006. p. 207-219.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, ISSN: 2178-1494, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 01 abr.2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. ISSN: 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 01 abr.2019.

PORTA, Paula. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados: 2000/2010**. Brasília, DF: IPHAN/Monumenta, 2012.

QUEIROZ, Jonas Marçal de; GOMES, Flávio. Amazônia, Fronteiras e Identidade: reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas-séculos XVIII e XIX). **Revista Lusotopie**, n.1, p.25-49, 2002. Disponível em:<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/queriroz-gomes.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2019.

QUINTINO, Isabel Cristina de Araújo. **O Congo Capixaba como patrimônio imaterial: as festas de São Benedito na Serra e as bandas de Congo**. 89 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.2018.

RAMPAZZO, Sônia Elisete. **Desmitificando a metodologia científica: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos**. Erechim, RS: Habilis, 2008.

REZENDE, Tayra Fonseca. **Fazendo louças e tecendo a presença da mulher: traços de resistência negra na região do Maruanum/AP**. 90 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Amapá.2018.

RIFFEL, R. Educação Patrimonial e os processos educativos: referências culturais como espaços de ensino-aprendizagem na educação básica. **Revista História UNICAP- Universidade Católica de Pernambuco**, [S.l.], v. 4, n. 07, p. 47-59, jan./jun 2014. ISSN 2359-2370. Disponível em:<http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/968/897>. Acesso em: 27 fev. 2019.

RODRIGUES, Maria Rosemary; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Análise de assunto e mapas conceituais: semelhanças nos processos. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, v.20, n.4, p.35-56, out./dez. 2015. ISSN 1981-5344. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/pci/v20n4/1413-9936-pci-20-04-00035.pdf>. Acesso em: 07 jul.2019.

SARAMAGO, José. **Retrato do poeta quando jovem**. Disponível em: https://www.pensador.com/poemas_de_memoria/. Acesso em: 20 jan.2019.

SAHEB, Daniele. Os sete saberes necessários à educação do futuro e a educação ambiental na formação de professores: uma discussão à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 10, n. 1, p. 57-69, jan./jun. 2015. ISSN 2177-580X. Disponível em:<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/856>. Acesso em: 20 jan.2019.

SAHEB, Daniele; RODRIGUES, Daniela Gureski. A contribuição da complexidade de Morin para as pesquisas em educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambien.**, Rio Grande do Sul, Edição especial XVI Encontro Paranaense de Educação Ambiental, p. 197-207, set. 2017. ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7139>. Acesso em: 20 jan.2019.

SAMPIERI HERNÁNDEZ, Roberto; COLLADO FERNÁNDEZ, Carlos; BAPTISTA LUCIO, María del Pilar. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2.ed. Chapecó, RS: Argos, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 1.ed. Ebook. São Paulo, SP: Brasiliense, 2017. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. **História do Amapá**. Macapá: Falcan, 1994.

SARDE NETO, Emílio; MALANSKI, Lawrence Mayer. **Território, cultura e representação**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2016.221

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed.rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2016.

SILVANI, Juliana Morilhas. **O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural**. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2012.

SILVA, José Maria da. “Encontro dos tambores”: performance ritual e discurso racial. **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal (RN), 2014. Disponível em:http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402021338_ARQUIVO_Encontrodostambores.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019.

SILVA, Bárbara Virgínia Groff da. Educação para o patrimônio na escola: experiências no estágio de docência em História. In: GIL, Carmen Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (Orgs). **Patrimônio Cultural e Ensino de História**. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2014. p.53-71.

SCIFONI, Simone. Para repensar a educação patrimonial. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.). **Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial**. Série Cadernos do Patrimônio Cultural. Fortaleza: Seculfor/IPHAN, 2015. p. 195-206.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, v. 18, n. 48, p. 5-16, jan./mar 2017. ISSN 1982-0305. Disponível em:<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231/pdf>. Acesso em: 20 jan.2019.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego (Orgs). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**.5.ed. Série pesquisa. v.4. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço paraense: das fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, Ano II, n.3, p. 59-83, jan./jun. 2008. ISSN 1980-5772. Disponível em:<https://revista.ufr.br/actageo/article/download/204/364>. Acesso em: 19 jun.2019. Acesso em: 19 jun.2019.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOLENTINO, ÁTILA Bezerra. Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Revista Sillogés**, v. 1, n. 1, p. 41-60, jan./jul 2018. ISSN 2595-4830. Disponível em: historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/12. Acesso em: 20 jan. 2019.

TORELLY, Luiz P.P. Notas sobre a evolução do conceito de patrimônio cultural. **Fórum Patrimonial**, Belo Horizonte, v.5, n.2, jul./dez.2012. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/10. Acesso em: 09 mar. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

UNESCO, **Carta de Haia**. 1954. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5yblal.htm>. Acesso: 10 mar. 2019.

UNESCO, **Convenção para a proteção do patrimônio mundial cultural e natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso: 10 mar. 2019.

UNESCO, **Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. 1972. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso: 10 mar. 2019.

VIDAL, Laurent. **Mazagão**: a cidade que atravessou o Atlântico. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, 294p.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AOS PROFESSORES

Por Favor, responder as perguntas disponibilizadas nesse instrumento de pesquisa, com reflexões e respostas francas, pois estas serão de grande auxílio para alcançar os objetivos propostos na pesquisa.

Prezado (a) colega,

TERMO INDUTOR- “LOUCEIRAS DO MARUANUM”

1) Escreva cinco palavras que lhe vem imediatamente à lembrança em relação “louceiras do Maruanum” e depois enumere da mais importante (1) para a menos importante (5):

() ----- ()----- ()----- ()----- ()-----

Agora justifique a razão da palavra que considerou mais importante.

Agora, por favor, escreva uma frase utilizando a palavra que você considerou mais importante, relacionando-a com as louceiras do Maruanum.

1) Você trabalha em sala de aula a temática patrimônio cultural?

() Sim () Não

Por quê? _____

2) Você utiliza a temática das louceiras do Maruanum em suas aulas?

() Sim () Não

De que forma? _____

3) Você já teve a oportunidade estudar sobre educação ambiental patrimonial?

() Sim () Não

Como foi essa experiência? _____

5) Você acredita que a temática louceiras do Maruanum trabalhada em sala de aula ajudaria no fortalecimento desse patrimônio cultural? Por quê?

6) Caso você tivesse contato com estratégias educativas formais e informais sobre o patrimônio cultural das louceiras do Maruanum. Você utilizaria em sala de aula?

() Sim () Não

De que maneira? _____

Obrigada por participar da pesquisa.

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL APLICADO AOS PROFESSORES

1. Sexo

(A) masculino

(B) feminino

.....
2. Qual sua faixa de idade:

(A) Entre 18 a 23 anos

(C) Entre 31 a 40 anos

(B) Entre 24 a 30 anos

(D) Entre 41 anos ou mais

.....
3. Formação acadêmica:

Graduação, Ensino Superior. Qual (s)? _____

() Especialização (Pós-Graduação). Qual (s)? _____

() Mestrado

() Doutorado

.....
4. Você mora no Distrito do Maruanum? Conte-me se já teve alguma experiência em vivenciar como é fabricada as louças do Maruanum.

.....
5. Você considera a louça do Maruanum como um patrimônio cultural? Por quê?

() Sim

() Não

“Obrigada por colaborar com a pesquisa que tem como objetivo propor estratégias educacionais formais e informais para preservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum”.

APÊNDICE C -FORMULÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AS CERAMISTAS DO MARUANUM

Idade: ____ Local de Nascimento: _____

Tempo de Residência na Comunidade: _____

Tempo de Louceira: _____

Local: _____ Data: _____

Entrevista

1) Com quem você aprendeu a fazer louças de barro?

2) Há quanto tempo você é louceira?

3) As suas filhas e parentas fazem louças de barro? Por quê?

 sim não

4) Você acredita que a louça do Maruanum é um patrimônio cultural e pode fomentar a geração de emprego e renda para comunidade? Por quê?

 sim não

5) Você complementa a sua renda por meio da venda das louças de barro?

() sim () não

6) O que você acha em relação ao reconhecimento do trabalho das louceiras por parte das entidades que trabalham com políticas públicas voltadas para cultura, como por exemplo FUMCULT, SECULT e IPHAN?

7) O que significa para você o ofício de fazer louças de barro?

8) Na sua opinião as louças de barro representam culturalmente o Distrito do Maruanum?

() sim () não

9) O que o barro representa para você?

10) Você acha importante repassar este conhecimento do fazer de louças de barro para as futuras gerações? Por quê?

() sim () não

Por favor, responder as perguntas disponibilizadas nesse instrumento de pesquisa, com reflexões e respostas francas, pois estas serão de grande auxílio para alcançar os objetivos propostos na pesquisa.

Prezada louceira,

TERMO INDUTOR- “LOUÇA DO MARUANUM”

1) Escreva cinco palavras que lhe vem imediatamente à lembrança em relação “louça do Maruanum” e depois enumere da mais importante (1) para a menos importante (5):

() ----- ()----- ()-----
 ()----- ()-----

Agora justifique a razão da palavra que considerou mais importante.

Agora, por favor, escreva uma frase utilizando a palavra que você considerou mais importante, relacionando-a com as louças do Maruanum.

Obrigada por participar da pesquisa.

APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AOS GESTORES DA CULTURA

Função/Cargo:_____ Tempo na Função/Cargo:_____

Profissão:_____

Data:_____

Local:_____

1) Existem registros sobre o criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum neste órgão? Quais?

() sim () não

2) Há algum plano ou projeto voltado para a cerâmica utilitária do Maruanum neste órgão? Qual?

() sim () não

3) Este órgão já realizou algum estudo e/ ou pesquisa sobre as louceiras do Distrito do Maruanum? Qual?

() sim () não

4) Qual a sua opinião acerca do registro do saber das louceiras e o tombamento das louças de barro?

5) Esse órgão possui algum programa ou projeto voltado para educação ambiental patrimonial? Qual?

6) Esse órgão tem algum contato direto com instituições formais de ensino a fim de oferecer capacitação aos professores sobre a educação ambiental patrimonial? Com quais instituições?

ANEXO A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo LOUCEIRAS DO MARUANUM (AMAPÁ): ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A CONSERVAÇÃO DA TRADIÇÃO DO CRIAR-SABER-FAZER CERAMISTA que tem como objetivo propor uma estratégia educativa para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum. Acreditamos que seja importante a sua participação.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A minha participação no referido estudo será de responder A UM QUESTIONÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADOS AOS PROFESSORES (APÊNDICE A); A UM QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOCULTURAL APLICADO AOS PROFESSORES (APÊNDICE B); A UM FORMULÁRIO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM APLICADA AS LOUCEIRAS DO MARUANUM (APÊNDICE C) ; A UM QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS RESPONSÁVEIS PELOS ÓRGÃOS VOLTADOS À CULTURA (APÊNDICE D) E A ENTREVISTA ABERTA (PROFESSORES, LOUCEIRAS, RESPONSÁVEIS PELOS ÓRGÃOS).

RISCOS E BENEFÍCIOS

Fui alertado de que a pesquisa não implicará em benefícios diretos. Recebi, a informação de que se acontecer desconfortos ou riscos como risco de constrangimento de que medidas serão tomadas para sanar tal situação, tais como: reagendar o horário para realização do questionário e/ ou entrevistas, sanar dúvidas em relação aos objetivos da pesquisa e de que terá acesso no futuro aos resultados da pesquisa que se transformará em tese.

SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, portanto, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

AUTONOMIA

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, haverá ressarcimento dos valores gastos na forma seguinte: o ressarcimento será em espécie (dinheiro).

De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Célia Souza da Costa (PUC/PR) e Lindomar Wessler Boneti (PUC/PR). Com eles poderei manter contato pelo telefone (96) 99161-4969.

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR (CEP) pelo telefone (41) 3271-2292 entre segunda e sexta-feira das 08h00 às 17h30 ou pelo e-mail nep@pucpr.br.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e

que outra via assinada e datada será arquivada pelo pesquisador responsável do estudo.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor da pesquisa e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	
e-mail:	

Local, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador

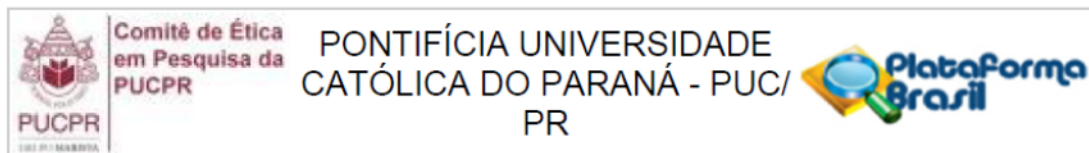
USO DE IMAGEM

Autorizo o uso de minha imagem, áudio para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a (descrever as formas de utilização da imagem, foto, áudio ou qualquer outro artefato).

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador

ANEXO B- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS FORMAIS E INFORMAIS PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM-AMAPÁ

Pesquisador: CELIA SOUZA DA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80950717.2.0000.0020

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.534.617

Apresentação do Projeto:

O criar-saber-fazer das louceiras do Maruanum é uma tradição ceramista repassada de geração a geração. Essa prática cultural do artesanato das panelas de barro faz parte das comunidades de Santa Luzia e Carmo do Maruanum que pertencem ao Distrito do Maruanum localizado no município de Macapá no Estado do Amapá. Essa pesquisa nasceu a partir dos resultados apresentados nos estudos do mestrado que apontaram a

necessidade de iniciativas de educação ambiental patrimonial voltadas para o ofício ceramista. Então, o objetivo dessa pesquisa de doutoramento é propor estratégias educativas formais e informais para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá). A metodologia a ser utilizada é de abordagem qualitativa, o método de investigação eleito foi o etnográfico, sendo um estudo do tipo exploratório e descritivo. Para a coleta de dados serão utilizadas a observação in loco e entrevistas semiestruturadas. A análise de dados será baseada na teoria de Bardin (2006)

com a análise de conteúdo. Portanto, a presente pesquisa pretende contribuir com a elaboração de estratégias educativas formais e informais para a

conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum para que as instituições formais e informais que compõem as duas comunidades do

Maruanum possam utilizá-las com o intuito de estabelecer a autoestima, o sentimento de pertencimento, a valorização e assim a conservação do

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155

Bairro: Prado Velho

CEP: 80.215-901

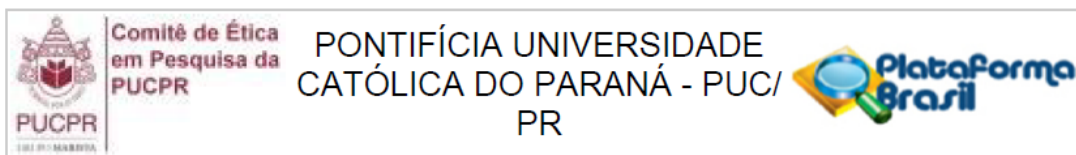
UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3271-2103

Fax: (41)3271-2103

E-mail: nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 2.534.617

ofício secular das louceiras do Maruanum.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Propor estratégias educativas formais e informais para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).

Objetivo Secundário:

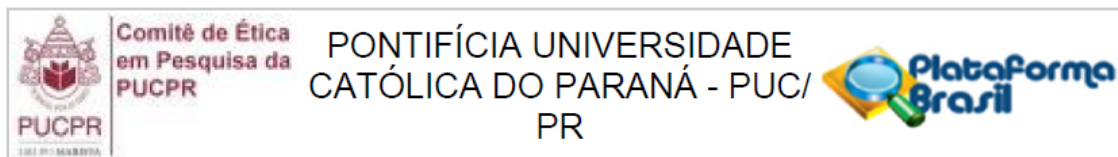
- a) Identificar as ações educativas formais e informais existentes para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).
- b) Discorrer sobre o patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).
- c) Contribuir para a conservação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum (Amapá).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco advindo da observação e aplicação dos questionários envolve o não aceite do participante por quaisquer motivos como: timidez, possível constrangimento na prestação das informações. Caso o participante não aceite a participar da pesquisa, essa decisão será respeitada. De acordo com a Resolução nº 510, de 07 de Abril de 2016, esclareceremos aos participantes os riscos advindos de cada coleta de dados. A resolução regula normas a serem cumpridas pelo pesquisador, assegurando aos pesquisados: Privacidade de cada participante, mantendo em sigilo seus dados; O participante poderá a qualquer momento recusar de participar da pesquisa, ou retirar seu consentimento assinado anteriormente, sem prejuízo; Informações sobre nomes dos pesquisadores e seus respectivos telefones, indicando o responsável pela pesquisa; Assegurar a assistência durante toda a pesquisa, bem como garantir o acesso livre a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, tudo que ocorrer antes, durante e depois de sua participação; Garantir que sua participação não terá ônus, ou seja, a participação não envolve nenhum tipo de cobrança ou pagamento; A assinatura da TCLE far-se-á pelo participante, tendo ciência do teor de tudo o que está mencionado e compreendido no referido estudo. O Art.9 revela os direitos dos participantes, assegurando: informação sobre a pesquisa; ter sua privacidade respeitada; garantia de

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 2.534.617

confidencialidade das informações pessoais; e ser indenizado pelo decorrente da pesquisa em caso de alguma despesa diretamente decorrentes de sua participação.

Benefícios:

A partir dos resultados da pesquisa espera-se contribuir com a perpetuação do patrimônio cultural das louceiras do Maruanum por meio da apresentação de estratégias educativas formais e informais para que o ofício de louceira não venha a ser extinto e que as presentes e futuras gerações usufruam deste bem cultural seja para o fortalecimento identitário, para o fomento cultural e para geração de renda por meio do turismo comunitário. Dessa forma, o projeto também se propõe em valorizar o criar, o saber e o fazer das louceiras do Maruanum, tendo como objetivo discutir cientificamente os saberes do mundo vida através de uma abordagem sociológica e ao mesmo tempo contribuir com a disseminação da educação ambiental patrimonial.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância acadêmica para a área de conservação de patrimônio cultural.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram todos apresentados, a saber:

1. TCLE
2. As perguntas a serem utilizadas nas entrevistas estão anexadas no Projeto Original e não apresentam óbices éticos.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

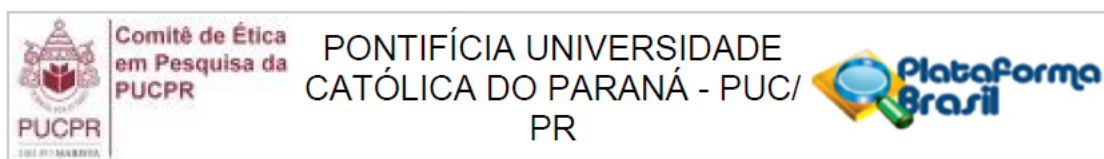
Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Imaculada Conceição 1155
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 2.534.617

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1046273.pdf	05/12/2017 18:08:20		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento_livre_esclarecido.docx	05/12/2017 18:04:49	CELIA SOUZA DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_celia_souza.doc	05/12/2017 17:54:48	CELIA SOUZA DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_pesquisa.PDF	05/12/2017 17:44:57	CELIA SOUZA DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 09 de Março de 2018

Assinado por:
NAIM AKEL FILHO
(Coordenador)

**ANEXO C- AUTORIZAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAPÁ
(SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO) PARA A REALIZAÇÃO DA
PESQUISA DE CAMPO)**



**PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAPÁ
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED
DEPARTAMENTO DE ENSINO – DEN
DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL – DIEF**

Autorização

Através deste autorizo a pesquisadora Célia Souza da Costa, CPF 747.510.002-25, RG 124286 AP, a realizar pesquisa de campo nas escolas municipais do Distrito do Maruanum. Tal pesquisa se faz necessária para elaboração da tese intitulada: **Estratégias Educativas Formais e Informais para a preservação do Patrimônio Cultural das Louceiras do Maruanum** orientada pelo Professor Doutor Lindomar Wessler Boneti vinculado ao programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Paraná pertencente a Escola de educação e Humanidades.


Débora Pereira Vale
Chefe da DIEF/SEMED
Decreto-0992/2016-PMM

Debora Vale

Coordenadora da Divisão de Ensino Fundamental